

FIM-DE-SEMANA EM CONVERGÊNCIA

RETORNADOS E LAVRADORES APONTAM PARA S. BENTO



«Temos frio. Os nossos filhos têm frio e têm fome. Queremos pão e justiça», gritaram centenas de retornados que se manifestaram, no último sábado, junto ao Palácio de S. Bento. Cerca das 16 e 30, os relógios pasmaram: os manifestantes diziam «Abaixo os vendilhões de Angola» e «Viva o Pinheiro de Azevedo, o almirante sem medo». Apresentado um caderno reivindicativo ao Chefe do Governo, o «almirante sem medo» despachou: «Este documento deve circular com a máxima urgência pelos departamentos competentes a fim de poder ser discutido no plenário no próximo Conselho de Ministros».

A despeito da longa série de reivindicações agora apresentada — 24 exigências — as circunstâncias fazem supor que o problema «retornados» é, ainda, assim, muito mais vasto e transcendente.

Uma análise breve do problema aponta para a necessidade urgente de «conciliação» entre os «retornados» e os que «já cá estavam» — o que não pode ser «exigido». A solidariedade do povo português para com os seus «irmãos» regressados de Angola passa, de facto, pela conciliação. Só que

a conciliação é impossível quando, por um lado, se insiste em ver no retornado — qualquer retornado — o «colonialista» e, por outro lado, se pretende, por exemplo, que «Angola é nossa» quando, na verdade, é dos angolanos.

O choque ideológico, que de resto já se esperava, entre uma

força tradicionalmente de direita e «historicamente» abalada (Viva Portugal pluricontinental — Vivaaaaa!) e os portugueses avessos às glórias do Império Colonial, é subitamente agravado pelos condicionalismos de um mercado de trabalho incapaz de absorver a mão de obra de uns e outros. De Lisboa e de Luanda, de Moimenta da Beira e de Sanja Pombo.

Pedir-se a um lisboeta desempregado, com problemas de pensão e de Inverno, que compreenda a situação «dramática» do seu semelhante chegado de Angola, é muitas vezes — pedir de mais. Sobre tudo, não se lhe peça — a ele, com o casaco no fio ou sem casaco e a aliança no dedo — que entenda (será entendível?) que os retornados devem ter prioridade: na rua, no emprego, nos subsídios, no alojamento, na alimentação.

Continua na pág. 7

Nove dias depois de o C. D. S., em comício e pela voz de Galvão de Melo, ameaçar lançar ao mar tudo quanto neste país é progressista e revolucionário, Rio Maior, cuja voz deixou de ser a da razão para passar à da mocagem, voltou a estar em foco.

Seis a oito mil pessoas, na opinião da maioria dos observadores presentes (30 a 40 mil segundo os organizadores) reuniram-se naquilo a que se convencionou chamar, um tanto imprópriamente, «2.º Plenário Nacional de Agricultores», sob a égide de um Secretariado composto por 46 representantes de outras tantas regiões agrícolas. Usaram da palavra diversos agrários e foi aprovada uma moção de dez pontos a ser apresentada, à laia de caderno reivindicativo, ao Conselho da Revolução.

No fim, porém, constatou-se desalentadoramente que existia manipulação.

Marcado inicialmente para as 15 horas, este «2.º Plenário Nacional de Agricultores» iniciou-se cerca de meia hora mais tarde com algumas palavras introdutórias proferidas

pelo presidente da Associação de Agricultores de Rio Maior, António Cardoso Paisana, que salientaria tratar-se de «uma reunião apartidária» e passaria, depois, a palavra aos diver-

sos oradores.

O recinto da feira de Rio Maior serviu de palco ao plenário, que se caracterizaria pela rejeição, nos seus termos actuais, da legislação sobre a Reforma Agrária e o Arrendamento Rural. Foi esta a tónica das intervenções de todos os oradores, com ligeiros cam-biantes em ataques ao actual ministro da Agricultura e Pescas e ao «consulrado comunista de Vasco Gonçalves».

«Nós também somos por uma Reforma Agrária, mas humana e ocidental», diria um confuso orador, deixando a assembleia em suspenso face à ausência de mais explicações (ocidental?). Outros oradores, mais directos e precisos, atacariam frontalmente: «Se esse senhor não atende aos interes-

Continua na pág. 5

CHOQUE DO "SUD" COM UM COMBOIO DE EMIGRANTES

• Dez mortos (pelo menos)

Pelo menos dez pessoas morreram num choque de comboios registado esta noite, pelas 21.40, na estação de Fornos de Algodres, a cerca de 300 quilómetros de Lisboa. O choque deu-se quando o «Sud-Express» saído de Santa Apolónia rumo a Paris embateu com o comboio n.º 20 010, que regressava a Portugal com emigrantes de França.

O «Sud» levava cerca de 150 passageiros e o comboio de emigrantes bastantes mais. Se-

gundo as notícias que pudemos obter, além dos dez mortos contam-se, pelo menos, 17 feridos. No entanto, o «Jornal de Notícias» na sua edição de hoje noticia 16 mortos.

Um forte nevão caído na zona impediu ligações telefónicas ou outros contactos rápidos com o local do acidente. Os bombeiros de Mangualde que transportaram feridos, em ambulância, para os Hospitais de Viseu e da Universidade de Coimbra (dado as precárias

condições do hospital de Fornos de Algodres, onde foram atendidos os primeiros acidentados), declararam à Emissora Nacional que havia possibilidades de haver mais cadáveres dentro das composições, por debaixo dos ferros retorcidos. Segundo a descrição feita por um elemento da C.P., o com-

boio n.º 20 010 estava parado na linha 1, da estação de Fornos de Algodres, quando o «Sud», por razões ainda não apuradas, o embateu. As máquinas dos dois comboios ficaram desfeitas e, no «Sud», uma carruagem, pelo menos, ficou tombada sobre a via.

Para o Hospital de Viseu foram transportados 15 feridos, e dois para o Hospital da Universidade de Coimbra. No estabelecimento hospitalar de Fornos de Algodres encontram-se também internados feridos, cuja identidade não foi possível apurar, dadas as difíceis condições de comunicação com o local do acidente.

Informações obtidas junto da C.P., dão como certo que o «Sud» saiu da Estação de Santa Apolónia à tabela — 16.30 horas — sabendo-se que o comboio especial de emigrantes, procedente de Paris, vinha

Continua na pág. 18

20 PÁGINAS

• P.C.P.: o C.C. em Alhandra

De novo em Alhandra, reunião do Comité Central do P. C. P. Em debate a posição do partido face ao M. P. A., ao F. A. P. e ao VI Governo, a luta no seio das massas pelas liberdades e conquistas da Revolução (Pág. 1)

• Soares: «A Revolução continua»

Em Roma, preside na homenagem à «Paseionária», Mário Soares falou: enquanto as «casacas vermelhas» discutiam, o P. S. organizava. (Pág. 20)

• M.D.P.: tarefas imediatas

Reunido em Coimbra, o M. D. P. fez o ponto da situação e estabeleceu tarefas em defesa das conquistas revolucionárias (Pág. 20)

Nacional

CONSELHO DE MINISTROS

AMNISTIA PARA ALGUNS CRIMES E REESTRUTURAÇÃO DA RÁDIO E TV

Na sua última reunião o Conselho de Ministros decretou a amnistia e perdão de alguns crimes, nos quais se incluem as infracções à Lei de Imprensa. Foram ainda tomadas outras importantes decisões, como a nomeação das comissões administrativas para as novas empresas públicas de Rádio e de Televisão, e algumas alterações nas direcções da Emissora Nacional e da RTP e a criação de uma junta administrativa e de desenvolvimento regional para a Ilha da Madeira.

Os crimes e contravenções amnistiados tendo em consideração «que a quadra de Natal é tradicionalmente consagrada à paz e à concórdia no intuito de contribuir para que os portugueses esqueçam as querelas que os dividem e consolidar as conquistas da Revolução», são os seguintes:

a) os crimes meramente culposos contra a propriedade; b) os crimes de difamação e injúria previstos nos art. 407, 410, a 415, 417 e 419 do Código Penal, ainda que cometidos pela Imprensa; c) os crimes dos artigos 359 e 360 n.º 1, salvo as excepções do parágrafo único do Código Penal, cometidos contra ascendentes, descendentes ou irmãos, desde que estes concedam o seu perdão; d) o crime previsto e punido no artigo 369 do Código Penal e transgressões causais conexas; e) as transgressões ao regime da caça puníveis com multa; f) as transgressões ao Código da Estrada e seu regulamento quando puníveis apenas com multa; g) as infracções previstas e punidas pelos artigos 52 n.º 1 54 e 55 do Decreto-Lei n.º 621-A-74; h) as infracções à Lei de Imprensa, estas na esperança de que, as medidas já tomadas e a tomar, de reestruturação do sector da Informação, possibilitem uma generalizada atitude de acatamento

dos dispositivos da mesma lei, sem prejuízo do dever de regulamentação das situações de irregularidade continuada, dentro do prazo de trinta dias, sob pena de repetição da correspondente infracção.

A amnistia, como é usual, não extingue a responsabilidade civil emergente dos factos praticados.

São perdoados: a) a prisão resultante da conversão de multas já aplicadas, desde que não se trate de delinquente habitual; b) a prisão imposta ao abrigo do disposto no artigo 854, n.º 2, do Código de Processo Civil, sem prejuízo da pena que venha a ser imposta, pelo facto que dera lugar à prisão perdoadada, em processo criminal.

Os benefícios concedidos não abrangem as infracções, quando a respectiva instrução ou julgamento sejam da competência do foro militar.

COMISSÕES ADMINISTRATIVAS DA RÁDIO E TV

Sob proposta do ministro da Comunicação Social, o Conselho nomeou as seguintes comissões administrativas para as empresas públicas de Rádio e Televisão recentemente criadas:

a) Empresa Pública de Radiodifusão: presidente: major João António de Figueiredo; vice-presidente: major António Augusto Martins Coutinho; vogais: major Vasco Prego Rosa do Durão; capitão José Dias e capitão João Nuno da Câmara Santa Clara Gomes.

b) Radiotelevisão Portuguesa: presidente: major Manuel Pedroso Alves Marques, vice-presidente: capitão Leopoldo Aguiar Gonçalves, vogais: tenente-coronel Mário Pinto Simões, dr. Diogo Manuel dos Santos Duarte e dr. José Carlos Apleton Moreira Rato.

Também sob proposta do ministro da Comunicação Social foram nomeados os seguintes elementos, para a comissão instaladora da Empresa Pública de Radiodifusão: presidente: major João António de Figueiredo; vogais: eng.º Luís Miguel da Costa Alcide de Oliveira; eng.º Carlos Manuel Borda de Almeida; eng.º Durval de Luce; Carlos Manuel Campos de Azevedo e major Armindo Ramos Pinto Teodósio.

O Conselho de Ministros aprovou na generalidade um diploma que cria para a região da Madeira uma Junta Administrativa de Desenvolvimento Regional com poderes descentralizados.

Simultaneamente, aprovou, também na generalidade, um outro diploma que assegura o paralelismo entre o regime político-administrativo da região da Madeira e dos Açores.

O regime agora basicamente aprovado é de natureza transitória na medida em que em breve sobre o tema se pronunciará em definitivo a Assembleia Constituinte.

DIRECTOR DO AEROPORTO DE LISBOA

O Conselho nomeou o coronel Fernando Aurélio Gouveia director do Aeroporto de Lisboa.

Foram igualmente analisados vários projectos de diplomas, entre os quais um dos Ministérios da Administração Interna, Assuntos Sociais e Finanças, que permite, em determinadas circunstâncias, que a reforma dos funcionários públicos possa ser antecipada para os 60 anos.

Outros projectos de decreto-lei analisados referem-se: à revisão de toda a legislação sobre expropriações; instituição de um subsídio vitalício mensal aos trabalhadores da Administração Pública com 70

anos ou mais anos de idade e um mínimo de cinco anos de serviço contínuo que não reúnam as condições mínimas para atribuição da pensão; alteração da redacção dos artigos 3 e 6 do Decreto-Lei 661/74, de 26 de Novembro (inspecção higio-sanitária nos matadouros); concessão de um subsídio ao Instituto Português de Conservação de Peixe, para a satisfação dos encargos resultantes da extinção dos grémios do sector das Pescas; reestruturação do Orçamento Geral de Macau; extinção do Serviço de Campanha de Fomento Pecuário «por se considerar que deixaram de existir os motivos que levaram à sua criação; normas a observar na declaração de falência de empresas comerciais, requerida pelo Ministério Público; prorrogação até 30 de Junho de 1976 da vigência do Decreto-Lei 447/75 de 20 de Agosto; e a determinação de que as funções da Junta Central das Casas do Povo passem a ser asseguradas por uma comissão administrativa composta por um presidente e dois vogais, designados pelo ministro dos Assuntos Sociais.

É de sublinhar que o novo diploma sobre expropriações mantém as bases administrativas e judiciais, em ordem a assegurar a entidade expropriante, por um lado, a imediata indemnização, apurada com as necessárias imparcialidade e urgência.

Desaparece no novo regime a exigência de que a causa de utilidade pública em que tradicionalmente teria de ser fundamentada a expropriação se encontre concretamente prevista na lei.

É eliminado o direito de reversão atenta a necessidade actual de o sector público dispor de solos para múltiplos fins.

Houve o cuidado de evitar o desalojamento de famílias, em resultado da expropriação.

DURANTE A CRISE

RENASCENÇA GRÁFICA DEFINIU POSIÇÕES

Finalmente, o «D. L.», sai hoje, após recondução nos seus cargo da administração e da direcção. A única alteração registada refere-se à presidência do conselho de administração, agora ocupada pelo eng.º Gonçalves Pereira, administrador da «Renasença Gráfica» na qualidade de representante do capital estatal.

O dr. António Ruella Ramos continua como director «D. L.», exigência feita pelos trabalhadores, que nele e toda a direcção e administração depositaram a sua confiança.

José Cardoso Pires também foi reconduzido no cargo que ocupava, de director-adjunto, enquanto na chefia da Redacção surge agora outro nome: o de Fernando Assis Pacheco, que ocupa a vaga resultante da saída de Armando Pereira da Silva.

A recondução dos nomes compulsivamente afastados pela decisão superior, já tornada pública, vem garantir junto dos nossos leitores a fidelidade à linha ideológica por nós traçada, e de que é sintomática prova o facto de repetirmos hoje, nesta mesma edição, a publicação do nosso «Estatuto Editorial».

Durante o período de tempo em que não saiu, em que não chegou às mãos dos muitos milhares de leitores que confiam na sua palavra honrada, não esteve completamente mudo o «Diário de Lisboa». Assim, a 30 de Novembro, a Administração da Renascença Gráfica, em documento assinado pelo nosso director, tomava posição ante as medidas do Conselho da Revolução que atingiram, entre outros, o nosso jornal.

O documento enviado ao Conselho da Revolução avançava depois os seguintes pontos:

a) É objectivamente falsa, no que respeita ao «Diário de Lisboa», qualquer insinuação de gestão ruinosa ou sequer menos cuidada. O aval que até agora lhe foi concedido é por certo o menor, em grandeza, de entre os compromissos assumidos pelo Estado no sector da Imprensa diária.

b) Como director-administrador recuso indignada e veementemente qualquer sugestão de colaboracionismo contra-revolucionário. Como representante dos accionistas privados faço notar que todos eles são portugueses que viveram e continuam a viver em Portugal e sempre estreitamente ligados à Empresa em compromisso antifascista, como largamente demonstraram no regime anterior.

Se, no que se me refere, entendendo dever dispensar-me de qualquer autoapreciação, já não posso, pessoalmente e como director do «Diário de Lisboa», deixar em claro o que representa a simples ameaça de afastamento violento de José Cardoso Pires, um dos grandes escritores portugueses, antifascista de sempre e figura nacional respeitada que todos, incluindo o Conselho da Revolução, têm o dever de respeitar.

c) Embora pressionado por disputas partidárias e sofrendo as imprecisões da informação governamental, não reconheço o «Diário de Lisboa» erros fundamentais de orientação e menos ainda intenção de agravamento da paz social. Pelo contrário, o facto de certos partidos (P. S. e P. P. D., entre outros) terem deixado de o incluir nas suas contestações à Imprensa é significativo desse propósito de equilíbrio e serenidade.

d) Nem a gestão administrativa nem as deficiências de informação são responsáveis pelo défice de exploração do jornal e isso, simplesmente, porque as tiragens médias do «Diário de Lisboa» são as mesmas dos últimos anos.

Por outro lado, e com data de 29 de Novembro, os trabalhadores da Renascença Gráfica-«Diário de Lisboa», tomaram posição, sem demoras, nem ambiguidades, face à nota oficiosa do E.M.G.F.A. mandando suspender os jornais e fazendo substituir os respectivos corpos administrativos directivos e sociais. Na sua quase totalidade, os trabalhadores subscreveram o texto seguinte:

1. O «Diário de Lisboa» não pode ser incursão nas «acusações» daquela nota porque: a) não é um jornal estatizado; b) nunca infringiu a Lei de Imprensa; c) cumpre o seu estatuto editorial, elaborado e aprovado de acordo com a Lei de Imprensa e ratificado pela totalidade dos seus trabalhadores; d) todos os órgãos dos trabalhadores foram eleitos de acordo com todas as regras democráticas e legais, sendo por isso absolutamente representativos.

2. Os trabalhadores da R.G.-«D.L.» entendem que um jornal é um corpo coeso que, sendo destruído, destruirá toda a empresa. Por isso, e dado que todos os órgãos (administração, direcção, chefias, conselho de redacção, comissão de trabalhadores, delegados sindicais) são eleitos e merecem a confiança (ratificada, quando necessário) de todos os trabalhadores, reafirmam a sua confiança nesses órgãos e não aceitam a sua própria destruição, que seria a ingerência de pessoas impostas e que nada têm a ver com a ideia global do jornal «Diário de Lisboa», órgão dos mais prestigiosos da vida nacional ao longo do último meio século, e que não pode ser calado, a não ser por actos de violência e assalto perfeitamente contrários a uma ordem democrática e revolucionária.

3. O «Diário de Lisboa» é um dos jornais com menos encargos à custa do erário público: basta dizer que nos últimos nove meses o Estado avalizou um empréstimo de 8 mil contos, quando a administração privada tem avales superiores a cinquenta mil contos;

4. Nunca houve «saneamentos» de qualquer ordem nesta empresa, antes se procurando sempre a unidade dos trabalhadores para uma causa comum, facto de que são amplamente responsáveis a direcção e administração da empresa.

Por tudo isto, e sem que esta tomada de posição invalide a solidariedade que lhe merecem os trabalhadores dos outros órgãos de Informação visados, os trabalhadores da R.G.-«D.L.» reiteram a sua confiança absoluta na administração, direcção e restantes órgãos sociais ou hierárquicos da empresa, considerando uma ingerência inadmíssível e destruidora a nomeação contra a sua vontade de outras pessoas para esses cargos, além de considerarem um atentado à liberdade e à própria Lei de Imprensa a alteração dos estatutos gerais existentes».

FORÇA AÉREA

CENTRO DE RECRUTAMENTO
E MOBILIZAÇÃO N.º 1

AVISO

TRANSFERÊNCIA DE INSTALAÇÕES

É por este meio avisado todo o público interessado de que os Serviços deste Centro (Chefia e Secção de Recrutamento) que têm funcionado na Rua Newton N.º 6 r/c, em Lisboa, passam a estar instalados, a partir do dia 18 do corrente na Rua Martens Ferrão N.º 26.2.º em Lisboa, com os seguintes telefones:

Central — 573315 - 573915 - 573962;

Chefe do CRM — 573365;

Chefe da Secção de Recrutamento — 557042

Lisboa, 11 de Dezembro de 1975.

O CHEFE DO CENTRO

João Calado Orvalho

ten. cor. pil.

PARA-QUEDISTAS

TANCOS MANTÉM-SE COMO BASE-ESCOLA

A reorganização das forças para-quedistas, decorrente dos acontecimentos de 25 de Novembro, foi objecto de uma portaria (n.º 710/75), enviada para o «Diário do Governo» no passado dia 29.

Para já regista-se que vão ser criados cinco estabelecimentos militares destinados a essas tropas. Em Lisboa ficarão estacionados o C.C.T.P. (Comando do Corpo das Tropas Para-Quedistas), o respectivo Estado-Maior e a Base Operacional n.º 1. Tancos man-

tém-se como sede da Base-Escola, Centro de Instrução e Depósito de Cães de Guerra. Em Aveiro e Beja aproveitando as antigas bases aéreas da N.A.T.O., instalar-se-ão os Batalhões de Tropas Para-Quedistas n.ºs 21 e 31.

Dos quadros de pessoal farão parte um general, um brigadeiro e cerca de 3500 homens, militares e civis. Segundo a portaria a que nos reportamos, a admissão será escalonada em várias fases, a completar em 1979.

P.D.C. VOLTOU

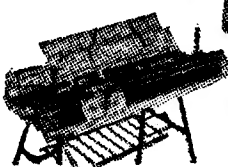
O Partido da Democracia Cristã voltou a ser notícia, após o pedido de demissão de Sanches Osório do cargo de secretário-geral, com um congresso realizado em Leiria neste fim-de-semana. Praticamente extinto com o 11 de Março, que levou Sanches Osório à fuga, o P. D. C. volta à luz do dia com o 25 de Novembro.

Reunidos num hotel de Leiria, cerca de 200 congressistas decidiram reatar a actividade deste Partido, cuja designação se admite deva ser alterada de acordo com os princípios estabelecidos na nova Constituição Portuguesa que não permitem a utilização de nomes que tenham conotações religiosas.

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

BROTHER

MÁQUINAS
DE TRICOTAR



uma sensacional criação japonesa. A máquina que tem recursos para ajudar a ganhar dinheiro. Peça uma demonstração sem compromisso aos representantes:

ELECTRIPOERTO

Rua Rodrigues Sampaio, 193
Telefone, 20238 — PORTO

Em Lisboa:

R. dos Anjos, 21-A—Tel. 532251

Consulte o Agente da sua localidade. Se não o encontrar, escreva-nos.

DL ESTATUTO EDITORIAL

No prosseguimento de 54 anos de actividade jornalística democrática e independente, o «DL» considera essencial invocar essa tradição para apontar os seguintes pontos programáticos que, histórica e politicamente, lhe são consequentes:

1.º O «DL» situa-se aos níveis informativo e cultural, no interesse do Povo Português e na evolução para o socialismo de que é garante principal o Movimento das Forças Armadas.

2.º Nesse sentido, e na qualidade de órgão apartidário, que é, e de interesse nacional, o «DL» defende o pluralismo revolucionário em todas as suas expressões significativas.

3.º Reivindica, por isso, uma atitude de vigilância e de protesto contra toda e qualquer opressão à democracia e à formação cívica do Povo Português, reafirma, para tanto, a sua independência perante pessoas, perante o Poder e perante organizações partidárias ou económicas, e opõe-se quer ao dirigismo quer à demagogia de expressão como formas coercivas e manipuladoras da opinião.

4.º Paralelamente à acção informativa e ao lugar de intervenção que assume na vida nacional, o «DL» pretende valorizar um estilo jornalístico que lhe é próprio e lhe deu tradição, considera que o empenhamento cultural, que desde a primeira hora o destacou, é um aspecto dessa personalização e constitui uma forma indispensável na consciencialização revolucionária, rumo ao socialismo.

Lisboa, 4 de Junho de 1975

Logo à primeira análise do levantamento do 25 de Novembro, os jornais com intervenção do Estado foram alínea especial, ponto de referência, a tratar em capítulo à parte no conjunto das medidas do Conselho da Revolução. Oito órgãos da Imprensa caíram, assim, em isolamento suplementar, suspeitos de terem contribuído para a rebelião militar. Oito diários de grande circulação. Um deles este, de reconhecida resistência antifascista durante mais de meio século de publicação.

A excomunhão preventiva vinha em nome da «ampla liberdade de informação» que se impunha salvaguardar e trazia como nota de culpa «a co-responsabilidade destes jornais no clima geral de indisciplina e desordem pública» que se sucedeu em rebelião. Só estes? Porquê só estes?, perguntamo-nos.

Certamente que não foi por imunidade do estatuto de propriedade privada que se eximiram uns diários e se condenaram outros: numa emergência tão grave esse escrúpulo seria impensável; num Governo que se afirma socialista essa intenção seria, pelo menos, contraditória. De maneira nenhuma. A nosso ver, a definição fez-se, sim, e acentuadamente, em termos de opções políticas e numa avaliação em desequilíbrio. Isto é, carregando para a lista dos suspeitos oito diários de tendência socialista e concedendo a liberdade de imprensa à restante comunicação — a ideologicamente das direitas, incluída.

Temos então que, aos olhos do Poder, o exercício da imprensa reaccionária oferecia as garantias indispensáveis para «salvaguardar a ampla liberdade de informação» num momento em que se considerava em causa o socialismo.

E, mais: que os mesmos órgãos da direita (direita alta e direita baixa, note-se: a do *black tie* e a de campanário) saem ilibados ou, pelo menos, absolvidos de qualquer hipótese de «co-responsabilidade no clima geral de indisciplina e desordem pública» que, nos termos do comunicado, «culminaram no golpe contra-revolucionário em que se registaram

perdas de vidas». Incêndios políticos, bombas e mortes do próximo passado, campanhas de Imprensa à escala nacional e regional, passam a ser actos individuais, meras demonstrações populares, não orientadas nem manipuladas, de que a Informação reaccionária se mantém isenta. *Laus Deo*.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921

Prop. da Renascença Gráfica, S. A. R. L.

Daqui torna-se legítimo concluir que, na opinião governamental, a perigosidade das direitas era na altura coisa displicente, factor de somenos, e que o 25 de Novembro tinha um diagnóstico simples e imediato: bem localizado no espectro político mas alheio a infiltrações ou explorações da direita. O tempo, estamos certos, trará uma leitura mais correcta dos acontecimentos. Há no entanto sinais que a facilitam agora e desde há muito e que, por mais razões táticas que se invoquem, ganham evidência e constituem avisos...

Por tudo isto, o «Diário de Lisboa» entende, como fundamental, a consolidação de uma linha de unidade dos trabalhadores e das forças socialistas a quem está destinado o País. A marginalização temporária que lhe foi imposta sofreu a co-

mo ingratidão vexatória em relação a um passado de Resistência e a um presente de empenhamento democrático que lhe são crédito incontestável. A restituição dos seus direitos vale assim, como acto de justiça, a reparação essencial de uma atitude do Governo que só as urgências dos acontecimentos podem de algum modo explicar.

Sabemos, evidentemente, das imprecisões e dos erros que perturbaram o nosso projecto de rigor e que serviram aqui na imprensa de esquerda em geral, às explorações ten-

denciosas. Mas como unidade de trabalho que somos, também nós nos ressentimos durante estes 20 meses das dificuldades impostas à colectividade nacional nas suas conquistas laborais e nos seus reajustamentos; como meio de comunicação que nos particulariza e experimentamos e continuaremos a experimentar pressões impiedosas de todos os centros da actividade, na sua vinculação política e social. Contudo, é assim mesmo que entendemos ser possível criar-se uma opinião individualizada, um rosto de jornal, e continuamos pronto a assumi-lo nesse entrecruza de diário de solicitações e de desafios.

Mas a Imprensa não reflecte apenas a ordem e o estilo do País. Mais do que qualquer outra expressão de trabalho, acusa, por contágio ou repercussão, o espírito e os métodos do exercício do Poder — as suas debilidades e contradições. Razão por que numa crítica oficial à Informação é sempre uma responsabilidade do Poder que está em causa...

É pois, nesta consciência de responsabilidades e de limites que retomamos o lugar que nos cabe na vida portuguesa. Preenchemos um espaço dela, somos uma expressão diferenciada e significativamente unitária (antifascista de base e socialista no alcance) das diversas tendências que não de construir a nova pátria. Contribuímos, portanto, para o pluralismo indispensável à definição mais democrática e mais concisa das nossas opções de futuro.

CARTA ABERTA AOS MILITARES REVOLUCIONÁRIOS DO 25 DE ABRIL

RUY LUÍS GOMES / JOSÉ MORGADO

Escrevemos esta carta num momento especialmente grave da vida nacional: o MFA está dividido e muitos dos seus membros estão presos.

Isto significa que acabaram por alcançar um certo êxito as manobras reaccionárias que, desde o 25 de Abril, sempre visaram dividir o MFA, dividir as forças democráticas, dividir a classe operária, dividir o Povo.

Aquilo que a reacção não conseguiu no 28 de Setembro nem no 11 de Março, conseguiu-o parcialmente no 25 de Novembro, colocando homens do MFA contra homens do MFA, acabando uns por serem considerados vencidos e outros por se considerarem vencedores, transformando uns em prisioneiros e outros em carcereiros.

A reacção conseguiu que os patriotas que, em 25 de Abril de 1974, apareceram aos olhos do Povo Português e aos olhos de todo o Mundo como libertadores, se dividissem em dois grupos: um grupo de perseguidos, muitos dos quais encarcerados (em condições que lembram as das prisões da PIDE); e o outro grupo aparentemente satisfeito, por ter conseguido derrotar e prender alguns dos seus antigos companheiros.

Como reflexo desta divisão, é já possível ler comunicados oficiais e assistir a programas da Rádio e TV em que os patriotas presos são chamados de contra-revolucionários, desenvolvendo-se, desta forma, contra eles, uma campanha de ódio, fazendo-se esquecer que o inimigo principal continua a ser o fascismo e o capital monopolista, fazendo-se esquecer

que os «pides» e sabotadores da economia nacional não foram ainda julgados e que muitos deles estão à solta no País e no estrangeiro, conspirando contra a Revolução.

Na verdade, o que mais interessa neste momento não é, em nosso entender, expor mais que uma teoria sobre o 25 de Novembro, mas antes constatar que o 25 de Novembro culminou uma série de acções persistentemente desenvolvidas pela reacção, que soube aproveitar descontentamentos em certos meios militares, provocados por atrasos e hesitações verificadas na condução da Revolução, atrasos e hesitações que, naturalmente, motivaram alguma impaciência em meios progressistas.

Enquanto há funcionários públicos expulsos pelo fascis-

mo há dezenas de anos, que ainda não foram reintegrados pela Revolução, enquanto a legislação fascista continua a orientar em larga medida algumas das resoluções tomadas em vários Ministérios, enquanto a muitas povoações do interior do País não chegou ainda o 25 de Abril, a verdade é que só há cerca de meio ano foi demitido o Marcelo Caetano, só há cerca de um mês foi demitido o Américo Tomás e tem-se deixado sair para o estrangeiro alguns dos maiores criminosos fascistas e sabotadores da economia nacional.

O capitão Moreira Neves cuja acção foi decisiva para a demissão de Marcelo encontra-se agora na prisão.

Lá se encontra também o major Campos Andrada que às 9,30 horas do dia 26 de Abril ocupou o quartel-general da PIDE e que teve papel relevante na libertação dos presos políticos de Caxias.

Lá se encontra o capitão Luís Pessoa que, em 25 de Abril, dirigiu a ocupação do Rádio Clube Português em Porto Alto.

Lá se encontram os capitães Santos Silva e Nuno Santos Ferreira que ocuparam os estúdios do Rádio Clube Português em Lisboa.

Lá se encontra o major Dinis de Almeida que ocupou o forte de Peniche e libertou os pre-

sos políticos.

Lá se encontra também o brigadeiro Eurico Corvacho que **ALERTOU O POVO CONTRA O ELP.**

Lá se encontram tantos outros patriotas do 25 de Abril, quando é certo que a consolidação das conquistas revolucionárias e os novos passos que a Revolução precisa de dar para se não perder, exigem a sua presença e a sua acção no seio do Povo, exigem que os dois grupos em que o MFA se dividiu, dialoguem com vistas à unidade de acção para o esmagamento das forças reaccionárias.

Quanto mais tardar a libertação dos patriotas presos, mais difícil se torna esse diálogo com vistas à unidade de acção, mais difícil se torna o avanço rumo ao socialismo.

Admitindo que os militares presos em consequência do 25 de Novembro tenham cometido erros, e até alguns erros graves, maior erro foi prendê-los. O que haveria a fazer era naturalmente discutir esses erros entre os revolucionários e não oferecer aos inimigos da Revolução o espectáculo de manter na prisão alguns dos que participaram na acção libertadora do 25 de Abril, o espectáculo do prolongamento ilegal das incomunicabilidades como está acontecendo com os presos em Custódias, o espectáculo da

entrada em domicílios durante a noite para buscas e prisões, como aconteceu, por exemplo, com o comandante Contreiras, o espectáculo, afinal, de manter na mesma prisão os «pides» e os revolucionários.

É essencial não confundir possíveis erros praticados por companheiros revolucionários com crimes cometidos pelos fascistas.

A Revolução não pode prescindir de nenhum de vós, não pode prescindir dos homens do MFA que estão presos, não pode prescindir dos homens do MFA que, sem estarem presos foram, no entanto, marginalizados e não pode prescindir dos homens do MFA que, embora ainda participem na condução da vida nacional, já se encontram, porém, na mira da reacção.

É que a reacção, quer nacional, quer internacional, não perdoa a nenhum de vós a participação no 25 de Abril, a participação na descolonização.

Certamente com um MFA unido, teria sido mais difícil à reacção assaltar e incendiar impunemente sedes de partidos políticos progressistas, teria sido mais difícil assaltar e incendiar casas ou escritórios de militantes políticos de esquerda, teria sido mais difícil sabotar leis revolucionárias e manter o poderio dos caciques locais.

Com um MFA unido, teria sido mais difícil à reacção nacional e internacional instalar a guerra em Angola, porque, com um MFA unido, a República Popular de Angola teria sido logo reconhecida pelo Governo Português e o Governo Português teria patrocinado a sua entrada imediata na ONU, evitando-se talvez a invasão por parte do Zaire e da África do Sul.

Com um MFA unido, talvez se evitasse a invasão de Timor pela Indonésia.

Amigos!

Por ter consciência disto, é que a reacção usou de todos os meios para vos dividir, para impedir a aliança MFA-Povo.

No entanto, vós, militares revolucionários do 25 de Abril, não consentireis que a reacção vos mantenha enquistados em dois grupos rivais, não consentireis que os colonialistas internos e externos comprometam a vossa obra de descolonização.

A Revolução precisa de todos vós!

A Revolução precisa da vossa unidade de acção e, por isso, a Revolução exige a libertação imediata dos revolucionários presos.

Saudações Revolucionárias.

Porto, 14 de Dezembro de 1975.

Nacional

Quem ganhou a quem? O que mudou? Como vai ser agora?

O 25 de Novembro na Imprensa estrangeira

«A extrema-esquerda acabou. Vou mesmo agora mandar um telegrama a dizer que os bons ganharam, finalmente», exclamou um diplomata (não identificado), mal soube do desfecho dos acontecimentos do 25 de Novembro. O repórter da revista norte-americana «Time» estava lá, e registou-lhe as palavras. Palavras nas quais se inspirou para dar título à peça escrita sobre o tema. Há, no entanto, uma pequena diferença: se o diplomata tem a certeza de que os «bons» ganharam, o jornalista decide-se por um título menos radical, e escreve: «Parece que os bons ganharam finalmente». Os «bons» vêm ilustrar o artigo: os tanques «lealistas» em marcha para o combate, o coronel dos «comandos» Jaime Neves. Segundo o jornalista, sob forte pressão dos «políticos moderados (Mário Soares, Melo Antunes e Pinheiro de Azevedo) o Presidente da República mostrou-se firme». E declarou o estado de emergência, incitando os «páras» rebeldes a pôr termo «à sua acção contra-revolucionária e aventureira». Mas, «mais importante ainda: enviou os comandos de Neves à reconquista das bases aéreas». A «Time» gaba a forma «altamente civilizada» como as coisas têm decorrido em Portugal, uma vez que não tem havido muito sangue. Balanço que o jornalista norte-americano dá aos incidentes em Belém: dois comandos, um soldado da PM e seis civis mortos.

Num outro artigo dedicado aos acontecimentos, na semana seguinte, a «Time» publica a fotografia da mãe dum dos «comandos» mortos, chorando sobre o caixão do filho. E assevera que, depois dos acontecimentos do 25 de Novembro, Portugal entrou naquilo a que «pode chamar-se uma revolução centrada». Uma sueca loura terá dito ao repórter da «Time»: «É terrível. A revolução acabou». Referindo-se às buscas de armamento que têm sido feitas junto de elementos civis («um civil armado é um civil morto»... terá dito um «comando» ao repórter), a «Time» afirma que até ao fim da primeira semana de Dezembro só 200 armas tinham sido capturadas. Enveredando pela «explicação dos acontecimentos», neste segundo artigo, a «Time» afirma que a acção dos «páras» teria sido o primeiro passo dum gigantesco «complot» para derrubar o «perigoso regime moderado presidido por Pinheiro de Azevedo». Segundo diz, o «complot» falhou porque o PCP não convocou as massas para virem

apoiar os «rebeldes» para a rua. Informa, por outro lado, que o general Pinho Freire, detido pelos pára-quedistas, ficou junto dum telefone, pelo qual comunicou aos seus superiores o que estava a acontecer, e «friamente dirigiu as operações aéreas a partir da sua prisão temporária».

Que perspectivas vê a «Time» para o futuro de Portugal? Pela sua parte, não se pronuncia. Mas cita fontes. Assim, um oficial não identificado entende que doravante Jaime Neves terá uma palavra a dizer na política portuguesa. E o dirigente da CIP, dr. António Vasco de Melo, afirma: «Só apareceu a ponta do iceberg. O PC tem ainda o controlo da central sindical, e mantém-se no governo. Enquanto as coisas continuarem neste pé, não haverá investimentos em Portugal. O País precisa de confiar em quem há uma autoridade prática, real, e tem de o sentir ao nível da rua».

A LEI, A ORDEM E O «GENDARME»

Na Imprensa francesa que consultámos, é notória a ausência dos comentários sobre os acontecimentos do 25 de Novembro. Se as revistas consultadas dedicam algum espaço ao que se passou, não lhe consagraram a cópia de comentários que noutras oca-

siões bem menos decisivas o nosso país lhes mereceu. «Le Monde», num «Boletim do Estrangeiro» publicado na primeira página da sua edição de 1 de Dezembro, é, de toda a Imprensa que vimos, o único órgão que comenta o que se passa. «A lei e a ordem em Lisboa» é o título do comentário. O tom é um tanto sombrio e reflecte as inquietações de muitos.

Se «Le Monde» cai na tentação de considerar os dezasseis meses da revolução portuguesa como um simples Maio 68, o certo é que se interroga: «Tendo triunfado demasiado facilmente do demorado Maio 68 português, irão agora os moderados, os restauradores da lei e da ordem, ser capazes de resistir às contra-ofensivas da direita, que sente chegada a sua hora?». Sinais de que podemos estar perante «um recuo do pêndulo que ameaça assinalar o fim da revolução portuguesa»: «os acentos triunfalistas com que Sá Carneiro, leader do PPD, reclama eleições imediatas, a agressividade nova do CDS e o reaparecimento, no seio do Exército, de oficiais muito severos». Por outro lado, «Le Monde» salienta que «Álvaro Cunhal, que não apoiou a insurreição militar, denuncia hoje o «perigo fascista». Uma interrogação que o jornal levanta é a de saber até que ponto Melo Antunes, a quem chama «o herdeiro do



26 de Novembro: Pinheiro de Azevedo, Almeida Santos e Costa Brás a uma das janelas do Palácio de Belém. (Foto de Hernando Domingues)

cederem demasiado à vitória, arriscam-se muito a fazer o jogo dum direita, frente à qual ficarão doravante desarmados. Para eles como para todos os que já não podem brandir — como tantas vezes o fizeram — o espantoso da aventura, trata-se de uma escolha. E de uma escolha a fazer já».

De advertência são também as últimas palavras da reportagem de René Backmann, em «Le Nouvel Observateur». Jornalista que tem acompanhado o processo revolucionário português desde os primeiros tempos, René Backmann mostra-se cauteloso e reservado na explicação dos acontecimentos. Aventura ou golpe de estado? A questão é posta, mas fica sem resposta. Repetição em negativo dos acontecimentos do 11 de Março? Nova interrogação sem resposta. Uma certeza: os vencedores foram os moderados. E outra dúvida: que farão eles desta vitória, «que já parece embaçada»? Finalmente o aviso: se esta vitória abre as portas à normalização do Exército, há tanto desejada pelos moderados, «também iça para o palco um homem, o coronel Jaime Neves, que, fortalecido pelo papel primordial que agora desempenhou, poderá entender que pode ir mais longe do que os moderados desejariam». Recordando depois a acção de Jaime Neves nas guerras coloniais, a jornalista pergunta: «transformá-lo em gendarme de Portugal não será brincar com o fogo?».

AS BATALHAS E A GUERRA

«Lotta Continua», órgão do movimento italiano do mesmo nome (que podemos considerar próximo do PRP português), logo no dia 26 de Novembro, acusava o PC de ter traído os revoltosos. Em artigo do dia 4 de Dezembro, dá conta da depuração feita nos quadros das Forças Armadas e da «repressão iniciada nos campos», referindo que «a direita militar tenta ultrapassar o grupo centrista dos Nove». Contudo, «Lotta Continua» entende que «O proletariado perdeu uma batalha no dia 25 de Novembro, mas não perdeu a guerra. Perdeu uma batalha que não conduziu num terreno que não escolheu». Contrariamente à afirmação de «Le Monde» sobre a decomposição dos órgãos de poder popular, «Lotta Continua» afirma que eles continuam vivos, embora utilizando novas formas de luta.

A.N.



23 horas de 25 de Novembro: no Palácio de Belém, Oteló anuncia ao povo (que exigiu a sua presença): «dentro de 30 minutos estarei no Copcon». No entanto, manter-se-ia em Belém até ao dia seguinte. (Foto de Rui Pacheco).

espírito do 25 de Abril», conseguirá os apoios de esquerda que procura para «reunir os partidos e o MFA à volta dum programa pluralista e socialista». «Le Monde» duvida que Melo Antunes o consiga. «A aniquilação da extrema-esquerda altera radicalmente a relação de forças», escreve, dizendo mais adiante que os órgãos de base estão «em plena decomposição». Por outro lado, entende «Le Monde» que «os comunistas não recolhem os benefícios da prudência de que deram provas nos recentes acontecimentos». Isto porque, «denunciados como responsáveis morais pelo PS, pouco disposto a aceitar uma reaproximação com eles, perderam a simpatia dum parte da juventude e dos operários, que, desamparados, os acusam de traição».

Se os dados de facto em que «Le Monde» apoia o seu sombrio comentário podem ser contestados, nem por isso a advertência final, dirigida aos socialistas, parece descabida. Ei-la: «A responsabilidade dos socialistas será considerável nos dias que se aproximam. Se

REVIGORANTE • GENEROSA • FORTE

CERVEJA
PRETA



marina



CERVEJA
PRETA

A CERVEJA BEM PORTUGUESA



Um flagrante expressivo da concentração

Rio Maior e o plenário

Secretariado admite ter havido manipulação

Continuação da pág. 1

ses dos agricultores, nós tomaremos medidas drásticas contra ele» (referência a Lopes Cardoso feita por Luís Madeira, agricultor de Rio Maior); «Se isto continuar assim, não pagaremos impostos a partir de Janeiro» (ameaça de Sá Menezes, de Braga). Um outro, pouco cauteloso, afirmou-se «contra todos os partidos que têm estado no Governo» e preconizaria a formação de um novo bloco político, a «Aliança Agrária Portuguesa», que congregaria «cinco a seis milhões de pessoas» e «ganhará as próximas eleições» (aqui registou-se uma intervenção da mesa, pois o orador «estava a fazer política»... E ficou sem a palavra).

SUBLEVAÇÃO CAMPONESA?

Mas o discurso «programático» caberia a José Manuel Casqueiro, de Rio Maior, que encerrou as intervenções:

«Neste país não está em curso uma Reforma Agrária, mas uma sublevação de camponeses iniciada no consulado comunista de Vasco Gonçalves e prosseguida pelo actual ministro da Agricultura, Lopes Cardoso» («Lopes Cardoso não é socialista, é comunista», gritar-se-ia da multidão que, além de ir ao cúmulo de chamar também comunista a Mário Soares, havia entretanto, prometido brindar o actual ministro da Agricultura com «um tiro na cabeça»). Ihe chamara «gatu» e até exigira o seu envio para Custódias).

O discurso de José Manuel Casqueiro prosseguiria com cerrados ataques aos Centros da Reforma Agrária e ao I. R. A., passando pela demonstração fria, quase tecnocrática, da lamentável situação de agrários que apenas possuem propriedades no valor de alguns milhares de contos. Terminou com um apelo aos partidos, «que se têm mantido em silêncio sobre a Reforma Agrária e que já denunciaram o pacto com o M. F. A.», no sentido de se pronunciarem agora — «isto para que os agricultores saibam que tipo de socialismo nos querem dar».

AMOÇÃO

O plenário, que encerraria com a aprovação dos estatutos

da recém-jornada e mal definida «Confederação dos Agricultores Portugueses», atingiria o seu ponto mais alto quando aprovou uma moção, a entregar ao Conselho da Revolução, contendo dez pontos reivindicativos: suspensão imediata dos Decretos-Leis n.ºs 406-A e 201/75; discussão pública da Reforma Agrária e sua promulgação apenas pela Assembleia Constituinte; discussão, a nível regional, da Lei do Arrendamento Rural; proibição, enérgica e definitiva, de todas as ocupações de herdades que se encontrem cultivadas; proibição das distribuições de pessoal pelos Sindicatos Agrícolas; garantia de indemnizações para investimentos feitos ou a fazer com vista ao aumento da produtividade dos campos; inquérito imediato aos técnicos do I. R. A. e dos C. R. A.; exigência de um esclarecimento ao País: do actual ministro da Agricultura e Pescas sobre os graves riscos que está a correr a economia agrícola e resposta a todos estes pontos até 15 de Janeiro próximo.

O grande «golpe de teatro» surgiria, porém, com a aprovação do ponto n.º 5, ao qual a assembleia, à redacção original que «apenas» pedia a «proibição enérgica e definitiva de todas as ocupações de herdades que se encontram cultivadas», exigiu que se acrescentasse a obrigação de «serem desocupadas todas as terras, legalmente ou não ocupadas». Adoptada a exigência, a mesma seria posteriormente rejeitada pelo Secretariado que, já no final dos trabalhos, convocaria os jornalistas presentes para uma conferência de Imprensa na qual depois de justificar a adopção de uma emenda de «teor reaccionário» através da inexperience da mesa na condução do plenário acabaria por admitir que houvesse manipulação do mesmo, provavelmente por parte de alguns latifundiários presentes... Para o Secretariado, a proposta apresentada pelo plenário foi votada «como poderia ter sido votada outra coisa qualquer». E assim se encerrou um «grande» plenário nacional.

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA FERREIRA Rua Manuel Maria, Vieira, 7

De "Chaimite" para almoço

O 2.º Plenário Nacional de Agricultores, que ontem decorreu em Rio Maior, foi rodeado de um dispositivo de prevenção militar executado especialmente pela Escola Prática de Cavalaria de Santarém e pelo Regimento de Infantaria 5 das Caldas da Rainha. O conhecimento deste facto fez com que fosse encarada com certa apreensão a presença, ao fim da manhã naquela vila, de três «chaimites» do Regimento de Comandos da Amadora, já que se julgou que para ali se deslocassem a fim de evitar a eclosão de quaisquer incidentes do tipo dos ocorridos em 24 de Novembro com o corte de vias de acesso a Lisboa.

Na realidade, se apreensão houve, esta rapidamente se dissipou: o coronel Jaime Neves, comandante do R.C. da Amadora, com cerca de 30 dos

seus homens, deslocara-se a Rio Maior apenas para almoçar.

O almoço, que decorreu nas instalações locais dos bombeiros em ambiente de franca camaradagem, caracterizou-se, no final, por efusivos abraços e distribuição de cacetes (os tais que dizem ser «a voz de Rio Maior») a todos os convidados. O coronel Jaime Neves, que não discursou, ao contrário do que sucedeu com o presidente do Município, promotor do repasto, frisou, no entanto, que chegara a pensar transferir o seu regimento para Rio Maior e (sic): «Ainda não estou satisfeito. Isto está muito longe de estar bom». Quanto aos cacetes, o coronel Jaime Neves aludiu à sua grande utilidade, sobretudo para dar cabo das minorias...

E.R.

PASSAGENS

PARA QUALQUER PARTE DO MUNDO

DE AVIÃO, DE BARCO, DE COMBOIO, OU AUTOCARRO, RIGOROSAMENTE AOS PREÇOS OFICIAIS

ALUGUER DE AUTOMÓVEIS COM OU SEM CONDUTOR, EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO

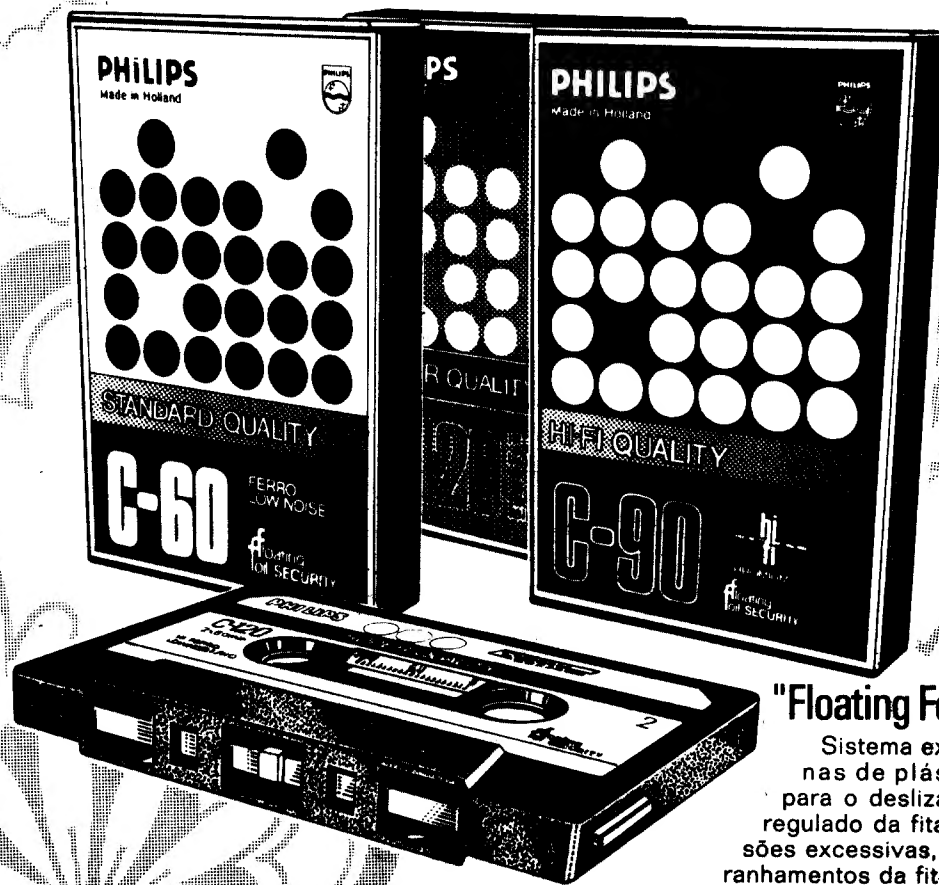
RESERVA E EMISSÃO IMEDIATA
UMA FACILIDADE
QUE POMOS AO SEU SERVIÇO, POUPANDO-LHE TEMPO E INCOMÓDOS

PAGUE SUAVEMENTE COM CREDI-STAR

STARA Philips inventou as cassettes
Agora, reinventou-as!

Novas fitas magnéticas. Uma técnica de fabrico totalmente nova garante a reprodução perfeita das mais altas frequências:

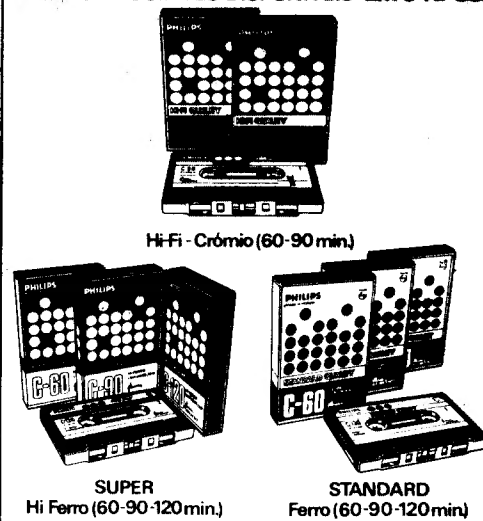
ESPIRAL c2/75



"Floating Foil Security"

Sistema exclusivo de lâminas de plástico ondulado para o deslizar perfeitamente regulado da fita. Não mais tensões excessivas, quebras e emaranhamentos da fita.

NOVAS CASSETTES DISPONÍVEIS EM 3 TIPOS

**PHILIPS**

Philips · melhor apresentação · mais segurança · completa eficiência

Nacional

Ensino: não há notas no primeiro período

A escassos dias do início das primeiras férias (18 de Dezembro) deste ano lectivo cuja abertura se arrastou até Novembro, acaba de sair uma nota do M.E.I.C. que determina não serem dadas notas classificativas para o trabalho escolar do período.

Se esta medida, que visa os ensinos Preparatório e Secundário, é resultante do atraso no início das aulas, por outro lado consideram os responsáveis pelo Ensino a necessidade de encontrar novos esquemas de avaliação da actividade escolar. As medidas em referência aplicáveis também ao ensino particular (visando uma uniformização de critérios que se julga desejável), não obstem no entanto, a que cada corpo docente faça um balanço das actividades escolares das várias disciplinas. Para o efeito reunirão os conselhos de turma a partir do dia 19, cabendo ao director de turma

o registo das opiniões dos professores sobre cada aluno.

Entretanto, este primeiro período, que decorreu morno (uma magra tentativa de manifestação do ensino secundário da zona de Lisboa; o diferendo aberto entre o Sindicato dos Professores e das Comissões Pró-Colocações dos candidatos a professores legalmente habilitados), denotou, sobretudo no Ensino Superior, um certo cansaço e uma desmobilização e desmotivação que muito terão a ver com os excessos iniciais e com o «populismo elitista» imanente, através da linguagem, por exemplo, à classe social de onde a esmagadora maioria dos universitários é oriunda.

RUY LUÍS GOMES EM JUBILEU

Dias de silêncio forçado não permitiram que estivéssemos sobre um acontecimento jubi-

leu de Ruy Luís Gomes, o que, para além da soma de 70 anos, significa o abandono do cargo de reitor da Universidade do Porto. Relembramos o comunicado do M.E.I.C.: o velho mestre mantém, a «título vitalício» a dignidade e as honras académicas «que cabem aos reitores das universidades, nomeadamente nos actos públicos de representação universitária».

Para lá da homenagem dos alunos e amigos uma nuvem: o prof. José Morgado recusa-se a continuar no cargo de vice-reitor se Ruy Luís Gomes não for mantido no seu.

Para uma futura análise da actividade de Ruy Luís Gomes, enquanto reitor da Universidade do Porto, aqui ficam algumas marcas: melhoramento das infra-estruturas escolares, criação do Instituto Abel Salazar de Ciências Bio-Médicas, aquisição das instalações do antigo Colégio Almeida Garrett e aproveitamento do seminário de Vilar.

tração de alunos do 7.º ano de escolaridade nos liceus em detrimento das escolas técnicas, e finalmente as novas exigências pedagógicas, que obrigaram a uma reciclagem de professores (para uns 10 semanas, para outros o espírito doce dos meses de Verão).

«CURRICULUM» OU PEDAGOGIA?

Formou-se recentemente uma Comissão Pró-Colocação dos candidatos a professores legalmente habilitados, que nestes últimos tempos têm acusado o M.E.I.C. por ter reconduzido todos os agentes de ensino, provisórios e eventuais, que no ano transacto exerceram funções docentes.

A comissão acusa substancialmente o Ministério de não ter cumprido o promulgado no Decreto-Lei n.º 409-A/75, que defendia a concretização do espírito da dignificação do ensino que o curso complementa, ao exigir o mínimo de habilitações académicas para o exercício da mesma.

Considera a pró-comissão que só obedecendo ao estipulado se pode dar ao Povo português «um ensino o mais possível qualificado». Atente-se, no entanto, que para a referida pró-comissão um ensino qualificado passa por requisitos curriculares, sendo integralmente esquecidas a competência e prática pedagógicas que porventura assistam a professores provisórios com alguns anos de docência.

Não nos parece, com efeito, que sendo oito cadeiras do Ensino Superior as habilitações consideradas mínimas (as suficientes) como habilitação específica, elas venham dar mais garantia de qualidade de ensino que o curso complementar completo, que é a habilitação mínima (já raramente) dos professores provisórios actuais. Que se exija urgentemente uma reciclagem dos professores, sejam eles efectivos há mais de 10 anos, sejam eles provisórios; que se exijam cursos de aperfeiçoamento pedagógico aos professores provisórios parece-nos justo. Mas também nos parece apriorístico identificar a qualidade de ensino com a quantidade de cadeiras feitas na Faculdade. Por outro lado, tem a comissão ignorado o tipo de habilitações específicas (cadeiras de que cursos?), dos candidatos a

professores provisórios. Em suma: cremos que a qualidade de ensino e de docência não passa pelo número de cadeiras constantes de um «currículo»; passará sobretudo pela competência ou incompetência pedagógica dos candidatos a (ou já) docentes. Este, quanto a nós, é o problema de fundo da política de colocações. Finalmente, ver a função docente à luz do binómio emprego-desemprego, é não atingir a verdadeira natureza das funções, direitos e sobretudo deveres do professor na actual sociedade portuguesa rumo ao Socialismo como se pretende.

«AD HOC» PROSEGUE

Criados em 1972, durante o Ministério de Veiga Simão, os exames «ad hoc» para maiores de 25 anos sem habilitações próprias para o ingresso normal no Ensino Superior estão a decorrer até amanhã em três universidades do País (Lisboa, Coimbra, Porto). Ao todo inscritos para prestarem provas, contam-se 1216 candidatos.

Se nos primeiros dois anos os exames foram essencialmente um cópia a papel quimico da clássica aptidão à universidade, acrescida de uma prova de cultura geral (para fazer o brilhante literário numa dissertação pomposa), este ano a modo como os exames «ad hoc» foram imaginados «é perfeitamente aceitável» socorrendo-nos da opinião do prof. Lidley Cintra.

«Provas difíceis»... consideram alguns candidatos que se inscreveram sobretudo em Direito (227), Economia (129), História (137) e Filologia Românica (101).

Em contrapartida o curso que apresenta menos inscritos é Filologia Clássica (2). Este número terá a ver «a priori» com a necessidade de o candidato saber grego e latim; com a escassa frequência dos seminários após a criação do ciclo preparatório e de melhor condições económicas do mundo rural imediatamente após o início da emigração; e com a própria utilidade do curso.

Enfim nas inscrições observa-se um desfazamento entre os perfis profissionais de que o País no momento precisa e as tendências classistas e profundamente preconceituosas na escolha de um curso. Direito, por exemplo.

R.R.

COSTA GOMES MANIFESTA APREÇO PELA O.N.U.

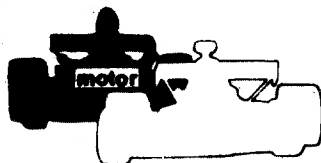
O Presidente da República, por ocasião do 15.º aniversário da Declaração sobre a Concessão da Independência aos Países e Povos Coloniais, endereçou ao presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas a seguinte mensagem: «Apresento a V. Ex.ª senhor presidente e, por seu intermédio, a todos os membros das Nações Unidas felicitações no 15.º aniversário da Declaração sobre a Concessão da Independência aos Países e Povos Coloniais — Resolução 1514 (XV).

Poucas declarações terão tido maior impacto e influência na vida internacional e contribuído tanto para o fortalecimento da paz e segurança, um dos principais objectivos da Carta das Nações Unidas.

Neste momento solene desejo exprimir, em nome do meu País, o apreço pelo papel positivo e importante desempenhado pelas Nações Unidas e, especialmente, pelo Comité dos 24, no aceleramento do processo de descolonização.

Assim, desejo aproveitar a oportunidade para reiterar o activo apoio do meu Governo aos constantes e firmes esforços na procura da solução dos problemas dos povos que ainda não tiveram possibilidade de exercer o seu direito à autodeterminação, nos termos e princípios da Carta e da Resolução 1514 (XV).

Entretanto foi inaugurada nas Nações Unidas, pelo presidente da Assembleia Geral, uma exposição fotográfica comemorativa da efeméride. É de assinalar que a única fotografia não referente a movimentos africanos ou aspectos da luta desses povos pela autodeterminação e independência é a do Presidente da República Portuguesa, general Costa Gomes, dirigindo-se ao Comité dos 24, quando da reunião deste em Lisboa, em Junho passado.



S. R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve a que se refere o processo 8/55995, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Albufeira, de uma linha aérea a 30 kV com 272 metros do poste n.º 105 da linha Loulé-Porto de Lagos ao posto de transformação de Vale de Servos, da Federação de Municípios do Distrito de Faro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 21 de Novembro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/56771, do arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Lagoa, da linha aérea a 15 kV com 160 m, do poste n.º 4 da linha para o Hotel D. Sancho ao posto de transformação da Estação Elevatória de Esgotos da Descida para Carvoeiro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Novembro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

PLENÁRIO DE DELEGADOS SINDICAIS

Convocam-se os delegados sindicais deste Sindicato, para um plenário a realizar no próximo dia 16, pelas 14 horas, em Setúbal, no INATEL, em continuação do efectuado no passado dia 11, na Cova da Piedade, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1—Discussão do Orçamento Geral para 1976 e a aplicação do 1.º;
- 2—Secretariados de Delegados Sindicais.

Barreiro, em 12 de Dezembro de 1976

Pe'l'A DIRECÇÃO
(Ilegível)

AS ESCOLAS EXISTEM

«As escolas existem; os sistemas pedagógicos pautam a actuação dos agentes de ensino», isto é afirmado e redigido pelo gabinete do ministro da Educação e Investigação Científica, numa nota enviada aos órgãos de informação a propósito (e não só) da cobertura incorrecta que porventura tenha vindo a ser feita sobre o ensino e concretamente sobre as razões do atraso do ano escolar. Algumas se avançam e resumem; outras se acrescentam e completam na conferência de imprensa que decorreu no passado sábado nas instalações do M.E.I.C.

Assim, segundo o M.E.I.C., as causas mais directas e influentes no atraso do arranque do ano lectivo corrente podem resumir-se a superlotação dos estabelecimentos de ensino, colocação dos professores, integração das novas técnicas de ensino (7.º ano de escolaridade) e gestão das escolas a todos os níveis.

Superlotação, porque os alunos retornados vieram abruptamente desequilibrar a taxa de desenvolvimento da escolaridade que no ensino secundário, a título de exemplo, ronda os 30 por cento; por outro lado, e aqui jogando uma realidade escolar com preconceito social, anote-se a concen-

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

SECRETARIA-GERAL

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

CONCURSO PÚBLICO N.º 46/76

FORNECIMENTO DE ALGODÃO HIDRÓFILO, GAZE HIDRÓFILO, COMPRESSAS DE GAZE, LIGADURAS DE GAZE, LIGADURAS PLÁSTICAS, PANO PARA LIGADURAS, LIGADURAS GESSADAS E ADESIVOS

Torna-se público que está aberto concurso para o fornecimento de Artigos de Penso, durante o 1.º semestre de 1976, a diversos organismos oficiais dependentes do Ministério dos Assuntos Sociais.

As propostas devem ser entregues na Direcção dos Serviços de Aprovisionamento desta Secretaria-Geral, Av. Miguel Bombarda, 6-4.º em Lisboa, até às 17 horas do dia 18 de Dezembro procedendo-se à sua abertura no dia imediato pelas 15 horas.

No mesmo local encontram-se patentes as condições do concurso, todos os dias úteis das 9 às 12 horas e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados em que o estão das 9 às 12 horas.

Lisboa, 28 de Novembro de 1975.

Pe'l'O Director dos Serviços de Aprovisionamento,
António de Oliveira Nunes

COOPERATIVA «O PROBLEMA DA HABITAÇÃO»

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCAÇÃO

De harmonia com o n.º 2.º do art.º 35.º e § 1.º do art.º 56.º dos Estatutos em vigor, é convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Cooperativa a reunir-se na sua Sede Social, sita na Praça da República, 210, desta cidade, pelas 20 horas e 30 minutos do dia 30 do corrente mês, com a seguinte

ORDEM DA NOITE

Discussão e votação do Orçamento para a Gerência de 1976.

Se à hora acima indicada não comparecer o número legal de sócios, a mesma Assembleia terá lugar uma hora depois, em segunda convocação, funcionando então com qualquer número de sócios presentes.

Porto, 15 de Dezembro de 1975.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Miguel de Mendonça Monteiro

Nacional

Sábado na rua para os retornados

Continuação da pág. 1

De resto, é esta situação de privilégio — lá como cá — que dá para pensar que «retornar é viver». E tem sido, para muitos: os hotéis não dão vazão, o País pede emprestado os retornados agradecem à sua maneira — uma tarja negra na bandeira portuguesa, defronte a S. Bento. Portugal de luto. «Mas porquê, homem?» «Venderam-nos Angola».

Para os retornados, o «desagravo» passa pela garantia de toda a sorte de subsídios — na alternativa, emprego sólido — pela troca de escudos de Angola por notas do Banco de Portugal, ao par, isto é, ela por ela.

É notável a sua confiança nos governantes: «Pinheiro de Azevedo, anda cá, não tenhas medo». O almirante não apareceu mas mandou recado: o problema será apreciado em Conselho de Ministros.

O TRIGO E O JOIO

A troca do dinheiro de Angola, ela por ela ou noutras condições a estabelecer, apresenta-se como tarefa difícil. Por um lado, o perigo de um desequilíbrio no circuito monetário com consequências imprevisíveis e, por outro, a impossibilidade prática de atender, somente, em termos de justiça.

Quer dizer, passar-se do câmbio em vigor no mercado negro (o único possível) que chega a atingir os 450 por cento, para a troca ao par, dá trabalho, como separar o trigo do joio, quando se quer fazer trabalho limpo.

E que, entre os retornados de Angola, há desde aqueles que desembarcaram na Portela

com menos do que seria legítimo, até aos outros que só não trouxeram a fazenda de café porque não era encaixotável. Mas esta é outra reivindicação: proprietários, industriais e agricultores pretendem — como se fosse possível — que o Governo português garantisse a segurança dos imóveis que deixaram em Angola ou indemnização em dinheiro, igual ao valor das propriedades que tiveram de abandonar.

A partir daqui, poderia perguntar-se se, na eventualidade de se encontrar, a breve prazo, uma plataforma de solução para a troca da moeda, seria legítimo converter em escudos de Portugal os «angolares» que os capitalistas menos expeditos não tiveram tempo de transferir para a Suíça.

Separar o trigo do joio, neste e noutros casos, deverá ser tarefa da parte sã dos retornados.

APOIO AOS RETORNADOS

Palavra de major: «A nossa política é ajudar o povo. A primeira questão dentro dessa política é resolver o problema dos retornados». A declaração é do major Fernando Cardoso Amaral, director do I.A.R.N. Ele conta que, para o I.A.R.N., o número de retornados das antigas colónias deve roçar os 300 mil. Houve, todavia, os que vieram por conta própria e escapam ao controlo daqueles serviços. Entretanto, «as pessoas que efectivamente precisam de alojamento, parece-me a mim (ao major) que devem andar por volta das vinte mil».

Quanto a subsídios: «Nós temos um problema muito grave que é o da velocidade na atribuição dos subsídios. Co-

meçaram a aparecer muitos oportunistas, que preencheram fichas com locais diferentes, etc. Tivemos de diminuir o ritmo na atribuição de subsídios, pois houve muitos que nem retornados eram e que preencheram as suas fichas».

O alojamento de retornados em hotéis (em Lisboa e arredores Porto e Algarve) custa ao Estado cerca de 200 mil contos mensais.

Pela sua parte, o I.A.R.N., com a aprovação do Governo, já se ultrapassou na missão para que foi criado (problemas imediatos dos retornados: chegada, transporte, acolhimento, distribuição) e mete-se a resolver problemas a médio e longo prazo: neste momento, procu-



A coluna sobe a Calçada da Estrela. «Troca de moeda angolana, já!» — diz um cartaz

ra-se obter empréstimos da Banca, com o I.A.R.N. por fiador.

Entretanto, parece indispensável que os retornados de Angola abandonem, definitiva-

mente, a atitude que geralmente vêm assumindo, própria das «maiores vítimas» do regime fascista-colonialista. Porque, afinal, as maiores vítimas (entre os portugueses) foram os

soldados, usados para defender riquezas que nunca pertenceram ao povo. Soldados que saíram daqui de Portugal, e que — muitos deles — também procuram emprego.

Delegação moçambicana em Lisboa

A meio da manhã, a delegação da República Popular de Moçambique, chefiada pelo reitor da Universidade de Lourenço Marques, Fernando Ganhão e que desde sábado se encontra em Lisboa, foi recebida pelo ministro da Cooperação, Vítor Crespo, com quem, até ao fecho da nossa edição, se encontrava reunida.

A deslocação ao nosso país desta missão visa o estabelecimento de acordos de cooperação entre Portugal e Moçambique. Dela fazem parte, Jorge Tembe, chefe do sector agrícola do Ministério da Agricultura e secretário de Estado da Agricultura no Governo de Transição, e outros elementos ligados aos Ministérios dos Transportes, Saúde, Obras Públicas, Indústria e Comércio.

Segundo Fernando Ganhão, «é da maior urgência enviar para Moçambique vários técni-

cos dispostos a trabalhar no nosso país», sendo o sector mais carecido o da Saúde.

Referiu ainda o reitor da Universidade de Lourenço Marques, que, «a melhor forma de levar à prática a solidariedade do povo português com o povo moçambicano é enviar para Moçambique os técnicos progressistas que desejem auxiliar-nos, por intermédio daquele Ministério, e dentro dos acordos assinados».

E acrescentou: «Isto por um lado, porque, por outro procuraremos outros técnicos entre amigos do povo moçambicano e por intermédio da Associação Portugal-Moçambique».

A sua chegada a Lisboa, o chefe da missão moçambicana havia afirmado que os acordos de cooperação anteriormente firmados, na prática não funcionaram, sendo seu objectivo o reactivar do processo.

Estrela coberta de neve

Nas Penhas começou a nevar anteontem, sábado às zero horas, atingindo a neve esta manhã uma espessura de 50 centímetros, normal para a época.

Os transportes para a Serra da Estrela tornaram-se perigosos, não propriamente pela quantidade de neve caída mas porque a geada, tombando abundante durante a noite, pro-

vocou uma espessa camada de gelo.

Até ao momento não houve acidentes. A temperatura oscila entre os 4 e 5 graus negativos. Intransitável encontra-se apenas a estrada que liga Píornos a Seia.

A Guarda também se encontra toda coberta de neve, atingindo esta ali 15 centímetros de espessura.

Dinheiro em casa guardado... perigo redobrado!

Guardar dinheiro em casa é inútil. Arriscado. Perigoso. Na Caixa Geral de Depósitos pode depositar o seu dinheiro com juros até 9,5%!

Se todos depositassem o que se entesoura inutilmente nada tínhamos que recear! Deposite! Dinheiros parados não movem países!

9,5%

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Trabalho

Contratação colectiva: que futuro?

Com o argumento de ser elaborada uma «política salarial», visando reduzir «as desigualdades existentes», o Conselho da Revolução suspendeu toda a contratação colectiva até 31 de Dezembro, logo após o 25 de Novembro. Esta medida surgiu depois de ter terminado, no dia 27 desse mês, o prazo para aprovação do Contrato Colectivo Vertical da Construção Civil, tendo a respectiva comissão negociadora sido chamada ao Ministério do Trabalho, para ser informada de que não haveria assinatura.

A suspensão da contratação colectiva afectou imediatamente os seguintes contratos ou negociações: Metalúrgicos, Construção Civil, Mineiros, Vidreiros, Marinha Mercante (Mar e Terra), Casas de Saúde, Cantinas, Siderurgia, Setenave. Põe, igualmente em causa, contratação que se encontrava

em fase preparatória, como no caso dos Químicos (Semi-vertical), Cerâmica (Vertical), Indústria Farmacêutica (Vertical), etc. São imediatamente afectados os 250 mil trabalhadores da Construção Civil e outros tantos dos Metalúrgicos que, somados a outros sectores, dão mais de 600 mil trabalhadores.

Não aprofundando considerações, é de assinalar que assim se põe uma pedra nas negociações que corriam no que respeita à Construção Civil, no sentido de ser assinado um Contrato Colectivo de Trabalho Vertical, com actualização de tabelas salariais, que beneficiavam particularmente as categorias mais desprotegidas.

Citamos um documento do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa, intitulado «A Luta Continua»: «A luta que os trabalhadores vinham travando para

conseguirem, através da contratação colectiva, melhores condições de vida e trabalho, encontra-se gravemente afectada em virtude da decisão tomada pelo Conselho da Revolução (...). Ora, a gravidade desta medida torna-se mais evidente se se tiver presente que um dos aspectos da contratação colectiva, a actualização dos salários, muitas vezes apenas permite aos trabalhadores recuperar o poder de compra entretanto perdido com o aumento dos preços, quando um dos motivos apontados pelo Conselho da Revolução para justificar tal decisão é a necessidade de tomar medidas adicionais que atinjam as classes que recebem rendimentos que não provêm do trabalho por forma a que todos os portugueses participem nos sacrifícios que a crise económica implica. Na realidade, esta decisão sig-

nifica sim, que mais uma vez se pretende fazer pagar aos trabalhadores os preços da crise, não só nos seus aspectos económicos, mas também nos seus aspectos políticos».

Para lá de todos os objectivos que possivelmente se encontrem por detrás desta decisão, importa agora contar com as reacções dos trabalhadores que tudo o indica se não encontram desmobilizados para a luta que já vêm travando desde ainda os tempos do fascismo, na sua forma marcelo-salazarista. Parece, assim, que um Ministério do Trabalho que vinha sendo alvo de fortes contestações por parte dos trabalhadores e aparece fortalecido no pós-25 de Novembro, deverá vir a enfrentar as mesmas ou diversas formas de luta. Na verdade, algumas já se desenhavam, como é o caso da construção civil, onde por vezes se

ouve falar de «greve de braços caídos». Por exemplo.

De resto, esta luta será acompanhada com a que certamente se desenvolverá contra o Plano Económico de Emergência e a carestia da vida, que incidem especialmente sobre as classes trabalhadoras.

E, depois, surge a interroga-

tiva; no dia 1 de Janeiro, a contratação é retomada? Em que ponto? Os patrões poderão continuar a proceder como até aqui, negando-se a cumprir as contratações, não comparecendo a negociações, etc? Que política económica vai ser definida? De que óptica socialista?

Sindicatos: tarefas de ontem e de hoje

A todas as tentativas para fazer recuar a Revolução, a resposta da classe operária e dos trabalhadores em geral foi sempre encontrada em cada situação concreta, através da discussão democrática, do esclarecimento, da unidade, da pronta mobilização, de cerrar os dentes, os punhos, as fileiras... afirmaram 20 sindicatos num comunicado conjunto, emitido em 2 de Dezembro.

Esta é de facto a tarefa de ontem e de hoje de todos os sindicatos, dos seus dirigentes e dos trabalhadores. A vida sindical, a sua liberdade, foi uma conquista do 25 de Abril. Terá de ser defendida intransigentemente. O 25 de Novembro não deverá ignorar os problemas existentes e que ainda não foram resolvidos.

Por exemplo: no Conselho de Ministros de 13 de Novembro, foi retirada a competência ao Ministério do Trabalho para resolver conflitos de trabalho, isto é, para determinar a massa salarial a afectar sectores em que se mostre necessário regulamentar as relações de trabalho. Nesse mesmo dia, o secretário de Estado daquele Ministério, dr. Marcelo Curto afirmou não estar disposto a aceitar qualquer comissão de inquérito. Que acontecerá agora a este problema?

Também os trabalhadores se insurgem contra as buscas efectuadas nos sindicatos dos Escritórios, dos Rodoviários e na empresa J. Pimenta. Que lá não estavam. Num comunicado, o Sindicato dos Rodoviários afirma sobre este assunto:

«Lembra-se que o Sindica-

to é a casa dos trabalhadores, pelo que exigem a sua intervenção imediata no sentido de pôr cobro a atitudes que nada contribuem para a unidade e serenidade pedidas e para que a acção dos Comandos se concretize de futuro, na defesa dos reais interesses das classes trabalhadoras». Esta moção, aprovada por unanimidade e aclamação pelos 300 delegados presentes, foi já enviada ao Presidente da República.

Os direitos adquiridos pelos trabalhadores também devem ser respeitados. Com um decreto não se pode aumentar indiscriminadamente os horários sem que os trabalhadores para isso sejam consultados. Mesmo em nome da «moralização de horários», os trabalhadores têm de ser ouvidos. Assim como em relação à suspensão da contratação colectiva.

O controlo operário será outra das questões em que não se deve transigir. Em cada empresa, em cada fábrica, deve continuar-se e incentivar-se o controlo operário. «Tal como nós o concebemos, o controlo operário representa o mais fundo e certo ataque ao «sagrado» direito da propriedade privada», escrevia-se em 1926 (pouco antes do golpe fascista) na «Internacional», órgão da I.S.V. (Internacional Socialista Vermelha). Em 1975 esta transcrição tem ainda mais significado. Foi uma conquista dos trabalhadores, reconhecida pelos poderes instituídos. Este será um teste para a democracia em Portugal «rumo ao socialismo».

Você tinha decidido que este ano fazia as compras de Natal cedo. Lembra-se?



E, no entanto, já ia deixar tudo para o fim. Você sabe bem que uma prenda, para ser dada com amizade, tem de ser escolhida com tempo, com disponibilidade. Nos Supermercados A. C. Santos, Nutripol e Pão de Açúcar, pode escolher desde já as suas compras de Natal, antes dos atropelos dos últimos dias. E temos tanta coisa útil...

Pão de Açúcar
NUTRIPOL
A. C. SANTOS



Aproxima-se a grande quadra das festas e dos presentes; Guerlain propõe: «Chamade», «Shalimar», «L'Heure Bleue», «Mitsouko» ou «Chant d'Aromes», para as lembranças que não esquecerem...

Nacional

P.C.P. reunido em Alhandra

Não será dado qualquer aval a medidas antipopulares

No passado dia 13 o Partido Comunista Português reuniu em sessão plenária o seu Comité Central, no Centro de Trabalho de Alhandra. Neste encontro o C. C. do P. C. P. examinou os recentes acontecimentos militares e as suas repercussões na situação política, definiu a posição do partido em relação ao M. F. A., às Forças Armadas e ao VI Governo, apreciou os problemas políticos e económicos mais imediatos e os objectivos da luta popular que lhes correspondem salientou o perigo fascista e a necessidade de unir as forças democráticas e populares para defender as liberdades e as outras conquistas da revolução, designadamente as nacionalizações e a reforma agrária, e confirmou, como perspectiva da revolução portuguesa, a construção de um regime democrático a caminho do socialismo.

O Comité Central examinou ainda as formas de organização e da luta do movimento operário e popular, traçando a orientação correspondente. Foram também examinados problemas da vida interna e da actividade do partido, sendo definidas linhas de acção para o trabalho de direcção, a política de quadros, o trabalho de organização, a informação e propaganda, o trabalho ideológico e a política financeira. Num extenso e detalhado documento de 21 páginas, o P. C. P. torna público os resultados da reunião de Alhandra.

«NOVEMBRO»
REPERCUSSÕES

Para o P. C. P., tudo o que se passou, e que ainda se está a passar, foi o resultado de um prolongado conflito que se travou no MFA e, nas Forças Armadas, directamente ligado com a luta política que envolveu toda a sociedade portuguesa. Classifica o P. C. P.: «Os dados disponíveis permitem afirmar que, embora num ambiente de agudos conflitos militares e sociais, o chamado «25 de Novembro» não foi um golpe militar para a conquista do Poder e muito menos uma insurreição. Foi uma convergência de sublevações na sequência de uma vaga de saneamentos à esquerda, em torno de um processo de disputa de lugares de chefia entre vários sectores do M. F. A. e das Forças Armadas». O P. C. P. recorda que, «na medida em que a crise político-militar se agravava, a direita preparava

cuidadosamente um golpe para abafar e destruir os sectores de esquerda». Como resultado, o P. C. P. considera que o conflito salda-se por um enfraquecimento das forças revolucionárias no seu conjunto e por avanço das forças reacçãoárias e conservadoras, salientando que estes factos colocaram em causa a própria existência do M. F. A., alteraram a correlação de forças militares e, como resultado, a correlação de forças geral, e advertte que os sectores do M. F. A. em luta contra a esquerda e a direita civil e militar que colou-se às actividades e iniciativas do P. S., ganharam posições e ameaçam ultrapassar e, ulteriormente, liquidar os seus recentes aliados. Em seguida, o P. C. P. lembra que a contra-revolução fascista poderá chegar por vários caminhos: pelo avanço progressivo e pouco espectacular das forças reacçãoárias, que tomarão posições cada vez mais fortes no aparelho de Estado, pelo desenvolvimento de acções do E. L. P., M. D. L. P. e bandos terroristas, de provocações e de iniciativas contra-revolucionárias como as de Rio Maior e por um golpe militar, no dia em que considerar ter força para tal. O P. C. P. acusa directamente o C. D. S., o P. P. D., o M. R. P. P., o P. C. P. (m-l) e a A. O. C. como instrumentos de acção da direita.

O. M. F. A.

O P. C. P. considera que a divisão que surgiu no M. F. A. com o advento do «Grupo dos Nove» foi talvez o acontecimento mais grave, em todo o processo revolucionário e que a cristalização de opiniões críticas dos elementos mais moderados quanto a algumas medidas revolucionárias e um grande sectarismo da esquerda, considerando «reacçãoários» todos aqueles que não tinham as suas opiniões, conduziram a um conflito que se agudizou progressivamente. Entretanto, a manutenção e defesa do M. F. A., como movimento progressista das Forças Armadas, foi considerada indispensável para a defesa da Revolução, apesar das profundas modificações verificadas na situação militar.

O P. C. P. lembra que se antes, unificado, o M. F. A. teve sérias dificuldades para conter

a reacção militar e derrotar as suas tentativas de golpe, dividido, abriu uma profunda brecha nas linhas de defesa da Revolução. Entretanto, o P. C. P. verifica que em largos círculos do Quadro Permanente — que um sectarismo da esquerda empurrara para a direita — se nota uma tomada de consciência dos perigos da contra-revolução e uma vontade crescente de lhes fazer frente.

O GOVERNO

Quanto ao VI Governo Provisório, o P. C. P. considera que a plataforma programática que está na base da sua formação não foi cumprida em aspectos essenciais, como o combate às forças reacçãoárias e a defesa das conquistas da Revolução. O P. C. P. queixa-se que a distribuição de postos no Governo, a si atribuídos, não foi cumprida, nomeadamente no que se refere às Secretarias de Estado. O documento expressa que os acontecimentos de 25 de Novembro eliminaram im-

portantes forças de oposição ao VI Governo Provisório e dão-lhe um maior apoio militar para a aplicação da sua política. A mudança da correlação de forças, tenderá a animar o prosseguimento da viragem à direita, o que, segundo o documento, é confirmado por várias decisões já tomadas relativas aos meios de comunicação social, aos problemas económicos, às demissões e aos saneamentos à esquerda. Entretanto, o P. C. P. considera que a acentuação da viragem à direita, não é inevitável, pois sectores moderados que têm estado ligados à direita poderão procurar agora uma aliança com o movimento operário, para que eles próprios não sejam submergidos.

Quanto à sua participação no Governo, o P. C. P. diz que ela está condicionada à sua composição e à importância dos cargos que lhe sejam atribuídos, pois não se limitará a avalizar com a sua presença medidas com as quais não está de acordo.

Esclarece o E.M.G.F.A.

Contas e soldos dos detidos não estão congelados

O Estado-Maior General das Forças Armadas desmentiu uma notícia publicada no nosso colega «República» de 4 do corrente segundo a qual, após um encontro com um membro do Conselho da Revolução, o Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas havia decidido «congelar» as contas dos militares detidos em consequência dos acontecimentos de 25 de Novembro.

De acordo com este comunicado, em momento algum o Conselho da Revolução ou qualquer dos seus membros decidiu o congelamento das contas, e o contacto havido

com os elementos do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas «visou apenas esclarecer se, tal como no dia 11 de Março de 1975, se iriam determinar procedimentos semelhantes aos então verificados» e, nessa eventualidade, quais as directrizes previstas.

O comunicado refere também não ser exacto que os militares detidos não receberão os vencimentos de Dezembro, pois foram «imediatamente difundidas instruções aos departamentos militares competentes para processarem normalmente os vencimentos dos militares em causa».

J.S.D. quer superar a crise

A juventude do P.P.D. está interessada na superação da crise interna do seu partido, declarada em Aveiro, no congresso recentemente realizado.

Reunido em Coimbra, no sábado, o Conselho Nacional da Juventude Social-Democrata (J.S.D.) concluiu que, no actual Secretariado Nacional do P.P.D., «não estão representadas as diversas leituras do programa do partido».

Entre outras medidas, a J.S.D. exige a convocação de um congresso extraordinário do P.P.D., para reestruturação dos órgãos nacionais, revisão dos estatutos, e reconhecimento do direito de tendência «como única forma de garantir o efectivo exercício de um pluralismo interno».

Este congresso, que será precedido de reunião do Con-

selho Nacional daquele partido, deverá «diligenciar no sentido de se criarem as condições necessárias à reentrada dos dissidentes» — exige a J.S.D.

De momento, este organismo decidiu suspender as funções dos seus representantes junto dos órgãos nacionais do P.P.D., «até à clarificação da situação», apoiando, «como iniciativa válida», o documento «militantes apresentam condições».

Varela Gomes faz-se ouvir

O coronel Varela Gomes, sobre quem impende mandato de captura na lista do E.M.G.F.A., acaba de manifestar a sua intenção de se pôr à disposição das autoridades militares em carta dirigida ao presidente da Comissão de Inquérito aos Acontecimentos do 25 de Novembro, «agora que o Estado de Direito acaba de ser restabelecido».

Analisando de passagem as circunstâncias irregulares do procedimento oficial, Varela Gomes sublinha que, em vez de lhe ter sido dada ordem de recolher ao Estado-Maior do Exército, onde estava apresentado, lhe foi passado mandato de captura, em manifesto e grave atropelo às regras do processamento da justiça militar. Isto e o facto de lhe terem imputadas «ab initio» responsabilidades sem qualquer averiguação prévia determinaram naquele destacado oficial das Forças Armadas uma atitude de reprobção e de reserva que agora decidiu esclarecer. As circunstâncias precipitadas em que lhe foram imputadas responsabilidades pelos referidos órgãos constituem uma «gravíssima tentativa de manipular a opinião pública e influenciar o independente exercício de justiça» — segundo diz.

Acrecenta Varela Gomes:

«No uso da autoridade moral que vinte anos de luta e de sacrifícios pela liberdade do povo português me conferem, considero-me em condições de fazer notar a V. Ex.ªs — e por seu intermédio ao Conselho da Revolução — o seguinte:

1.º As prisões indiscriminadas e vexatórias de militares patriotas e progressistas com provas dadas da sua coerência revolucionária antes e depois de 25 de Abril de 1974, tal como estão a ser efectuadas, ao que parece por simples indicação denunciante de jornais e políticos sem honra nem vergonha, ultrapassam tudo o que há memória neste país em matéria de vingança incontrolada. Posso testemunhar que em 1962, em plena era salazarista, só foram presos oficiais com intervenção directa em actos de revolta armada; nenhum por apenas constarem conotações heréticas ou outras aversões subjectivas.

2.º O muro de silêncio que rodeia a situação dos camaradas oficiais, sargentos e praças até agora internados em Custódias, e os rumores que circulam sobre o tratamento ignóbil a que estão a ser sujeitos, alguns tendo sido capturados pela calada da noite, outros sofrendo maus tratos e insultos, não são de molde a decidir quem quer que seja a abdicar da sua liberdade em semelhantes circunstâncias; pelo menos, antes que estejam formal e solenemente asseguradas as garantias individuais e

a intervenção e assistência de advogados.

3.º Não é possível tratar militares que se converteram em figuras nacionais, personificação da Revolução libertadora do 25 de Abril, heróis e defensores do Povo Português, como vulgares delinquentes ou golpistas contra-revolucionários; a continuar assim com este procedimento, o pouco que resta do crédito da Revolução Portuguesa, não só entre o nosso Povo, como entre os povos progressistas de todo o mundo, incluindo os dos países emergentes da descolonização, ficará rapidamente anulado e os actuais responsáveis amarrados sem salvação ao pelourinho da História».

As considerações do coronel Varela Gomes fundamentam-se essencialmente no objectivo de uma normalização processual, adiantando sugestões imediatas relativamente aos militares detidos ou indiciados. Conforme as responsabilidades apuradas, essas medidas iriam desde a concessão de salvos-condutos e transportes para a saída do País («o que foi concedido aos fascistas Tomás e Caetano», esclarece) à liberdade vigiada (caso de Spínola) e ao direito de aguardarem em liberdade o eventual julgamento, como sucedeu com muitos implicados no 11 de Março.

NOTARIADO
PORTUGUÊS

Secretaria Notarial de Vila Nova de Gaia

Primeiro Cartório a cargo do

Notário

GUILHERME FRANCISCO AGUIAR BRANCO

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada nesta Secretaria, em 2 de Dezembro corrente, de fls. 47 v a 49 v, do livro A-138, de notas do 1.º Cartório, D. Maria Manuela Ferreira Malhou Barreiro de Magalhães, ou só Maria Manuela Malhou Barreiro de Magalhães, casada com Dr. Abílio Barreiro de Magalhães, em comunhão de adquiridos, residente na Rua Cândido dos Reis, 163, freguesia de Santa Marinha, nesta vila e natural da de S. Salvador, da cidade de Santarém, foi declarada herdeira do remanescente da herança deixada por óbito de sua tia D. CELESTE AURORA RESENDE, falecida em 10 de Março de 1972, na Rua Domingos Sequeira, n.º 11, 2.º andar, direito, da cidade de Lisboa, onde tinha a sua residência habitual, na mesma Rua Domingos Sequeira, n.º 11, 1.º andar, esquerdo, no estado de divorciada de Mário Rodrigues Pinto, sem herdeiros legítimos, a qual era natural da freguesia de Santos-o-Velho, da mesma cidade de Lisboa, nos termos do testamento por ela deixado, pelo qual fez vários legados, entre os quais, um aos filhos, daquela sua sobrinha D. Maria Manuela Ferreira Malhou Barreiro de Magalhães, que são: Abílio Fernando Malhou Barreiro de Magalhães, de 18 anos de idade, natural da dita freguesia de Santa Marinha, Manuel Luís Malhou Barreiro de Magalhães, de 14 anos de idade, natural da freguesia de Santo Ildefonso, da cidade do Porto, e Maria Celeste Malhou Barreiro de Magalhães, de 11 anos de idade, também natural da mesma freguesia de Santo Ildefonso, todos moradores com aquela sua mãe.

Está conforme. Secretaria Notarial de Vila Nova de Gaia, 5 de Dezembro de 1975.

O ajudante da Secretaria
Jorge de Almeida Freitas

PARA O SEU NATAL

VISITE A

NUCLEON

EQUIPAMENTOS DE PRECISÃO, LDA.

ONDE ENCONTRARÁ

JOGOS EDUCATIVOS

PARA TODAS AS IDADES

MATERIAL DIDÁCTICO

DO PRÉ-PRIMÁRIO AO UNIVERSITÁRIO

DESENHO E PINTURA

EXPOSIÇÃO E VENDA:

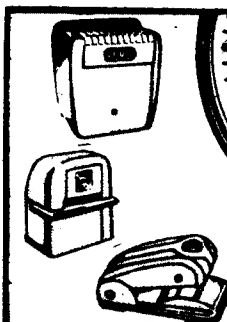
Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 57-A (Metro Palhavã)

Telefones 77 02 37 - 77 03 51 — LISBOA

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infante 16, 55-C — LISBOA



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
J. GONÇALVES LDA.

ITR
EQUIPAMENTOS DE CONTROLE DE TEMPO
RELÓGIOS DATADORES, DE PONTO, CUSTOS,
MAO DE OBRA ETC.

NOVOS MODELOS

R. BRAAMCAMP, 15 A
TELEF. 533270-47006 - LISBOA

Entrevista

Beatriz Costa escritora de memórias

A embaixatriz do

Há quinze anos que Beatriz Costa prometia «um livro». O livro saiu: chama-se «Sem Papas na Língua» e é um repositório de mais de quatro décadas de Lisboa, uma Lisboa que foi mudando a sua fisionomia sem que o bicho homem se transformasse à mesma velocidade.

Caso curioso, a actriz começou a escrever esta autobiografia desprovida de um mínimo diploma de alfabetização. E que a vida de Beatriz não era, não foi nunca, servir-se dos bordões convencionais para subir. Nisso, faça-se-lhe justiça, escolheu o mais difícil: subir a pulso. Por outras palavras viria a tirar a quarta classe, tudo quanto tem em matéria de habilitações literárias, no ano não muito recuado de 1972, e só porque queria guiar automóvel!

Fomos conversar com ela num salão aquecido do Hotel Tivoli, onde faz «casa» há longos anos. O essencial do relato vem a seguir. Não mudámos uma vírgula.

Você de onde é que é?

Sou da Charneca do Milharado. Concelho de Mafra, freguesia do Milharado: fica para lá da Póvoa da Galega.

A sua família?

A minha família desmantelou-se quando eu tinha quatro anos de idade. Quando eu cheguei à Avenida da Liberdade, numa carroça de lavadeiras, e que atiraram comigo, e a primeira noite dormi num banco da Avenida da Liberdade, no colo materno. Daí segui, daí a vida continuou, quer dizer: eu nunca fui ligada ao lado paterno, porque o lado paterno, quer dizer, existiam três filhos, uma com dois meses, um garoto com dois anos e uma menina com quatro-que era eu, e como eu era a que caminhava já sem dar grandes trabalhos foi essa que trouxe a mão. E a vida continuou, e o meu pai ficou, pobre, meu pai era um pobre moleiro do Vale de S. Gião, que trabalhava naqueles moinhos que há ali no Vale de S. Gião, compreendes? Quando se vai para o Freixial, compreendes? Meu pai trabalhou até aos sessenta e cinco anos. Depois eu procurei meu pai, mais tarde e meu pai não trabalhou mais.

O lisboeta que viu a Beatriz Costa fazer papéis de...

...saloia.

...nunca se apercebeu disso?

Sabiam... Bem, era tudo errado. Nessa época, nos anos trinta...

...o que é que se dizia de si?

Dizia-se muito mal. Tudo quanto era homem era caso meu. Eu parava no Chiado para falar com um amigo, era uma desgraça. Passava a vida a chorar: «ai mas eu não, é mentira, é mentira!» Passava a vida a chorar. Porque era, coitada...

Ah bom, «fugiu um senhor ao quinto andar, fugiu com a Beatriz»!

Era mais ou menos assim. Um senhor parava no Chiado para falar comigo, no dia seguinte a se dizia: «Olha, ontem fulano estava no Chiado a falar com a Beatriz Costa!» «Ai, então com certeza, aí há coisas e tal...» De maneira que passei, sofri os maiores desgostos. Porque era uma época em que as pessoas, além de comer e dormir, não sabiam fazer outra coisa. Que era meter-se na vida, espiolar a vida dos outros. E eu fui sempre muito independente e muito amigo de conversar, basta dizer-te que eu entrei na Brasileira do Chiado não tinha catorze anos de

idade. Entrei por ali dentro, e vais ver como eu conto isso no meu livro. Sem medo nenhum! Nessa época uma mulher não entrava num café, tanto que quando eu entrei os homens todos ficaram assim meio suspensos, inclusive o professor Abel Manta, que hoje é meu grande amigo, a Dona Clementina, o João Abel, meu querido amigo, que acaba de fazer a capa do meu livro, que é uma maravilha, é das coisas mais lindas que eu já vi. Pois bem, essa gente dessa época, eu entrei na Brasileira, Aquilinos Ribeiro, Diógenes Macedos, Almá... Toda essa gente ficou apavorada, diz: «que é que esta garota quer?»

Você tinha quantos anos: catorze?

Catorze anos de idade! Entrei na Brasileira, e entrei na Brasileira com a cabeça levantada. Eu ia lá mas eu não queria homem, eu queria era saber o que eles sabiam. Eu queria era que eles me dessem qualquer coisa, e deram, e deram imensa coisa... Deram mais do que eu lhes pedi! Ainda lá ia o Fernando Pessoa...

Fernando Pessoa?

O Fernando Pessoa! Com a pastinha debaixo do braço, com os óculos, assim... O Carlos Queirós, o rapazinho, também lá ia... Iam todos. O Mário Saa, o Botto, sei lá. O Mário Saa era muito piquinho, era muito engraçado, o Mário Saa era giríssimo. Ele com o Botto, por minha causa, tiveram pegadas! Eles tinham, eles... Havia ciúme da parte do Mário Saa, imagina, o Mário Saa com ciúmes do Botto! Que disparate, não é? Bem, um absurdo, mas um absurdo lógico, porque afinal o Botto era uma bonita figura de homem, lindo, era um homem lindo, elegante, muito educado, e era um grande poeta incontestavelmente, era um poeta muito interessante, e o Botto fazia de vez em quando umas canções, umas letras para mim, de maneira que era meu amigo. O Mário Saa andava assanhadíssimo. Um dia o Mário Saa perguntou a um secretário que eu tinha, que era muito espirituoso esse secretário, tinha muita graça e tinha umas respostas muito, muito inteligentes, e ele perguntou: «anda cá, ó Figueiredo...» Chamava-se Figueiredo. «Anda cá, Figueiredo, diz-me uma coisa: o que é que eu hei-de fazer para pertencer à Beatriz Costa?» «Olhe, tenha juízo, tenha juízo que já tem idade para isso. O senhor é um atraso de vida, vá-se embora!»

Boa!

E o Mário de Saa ficava furioso. Queria casar comigo

nessa época. Mandou-me uma carta para o Brasil que é das coisas mais engraçadas que já se escreveram.

Vem no livro?

Vem no livro. Está tudo no livro. O livro tem coisas, quer dizer, confidências, não é, mas confidências, coisas autênticas... Coisas autênticas. Ninguém sabe por exemplo que o velho Gualdino Gomes, que nunca falei com ele fora da Brasileira...

Quer gelo?

Um bocadinho só. Nunca falei com ele... Conto isso tudo no meu livro. Não sei porque nem porque não, o Gualdino conhecia a minha infância. Não sei como, e é melhor até nem pesquisar... Ele achava muita graça aos livros que ele me via ler, e... Quer dizer, coisas que realmente tinham conteúdo, porque eu aos treze anos sabia ler e não sabia escrever, era analfabeta, depois é que comecei, compreendes? Eu sou uma autodidacta do mais puro que existe neste país.

A estudar à noite e tudo?

Tudo! Professores! Professores! Claro!

O Jorge Amado alguma vez acreditou que a senhora fosse escrever um livro?

Não. A história do Jorge Amado é muito engraçada. A minha comadre, a Zélia, que é a esposa dele, evidentemente, é que era a minha, vamos dizer, a... Ela é que me entusiasmou toda a vida. A primeira pessoa que me falou em escrever foi o Tomás Ribeiro Colaço, que o livro até é dedicado a ele, é dedicado à minha comadre e ao Tomás Ribeiro Colaço e a uma sobrinha que eu tenho. Pois bem, o Tomás Ribeiro Colaço, a quem eu escrevia, dizia-me: «ó Beatriz, escreve, começa a escrever coisas da tua vida, mas tal e qual como escrevas aos amigos.» Digo: «ai Tomás, Deus me livre, tenho lá...»

A senhora portanto escreve cartas com graça.

Ah escrevo, às vezes escrevo. E ele achava-me imensa piada. «Não te incomodes com... Não te incomodes, escreve como tu escreves aos amigos.» Eu disse: «ai Tomás, não sei...» Mas aí comecei, sabes, comecei a fazer umas coisinhas, e li à minha comadre, que é uma mulher habituada a ouvir, a ouvir e a ler do melhor, não é? E ela dizia-me: «Beatriz, continua, escreve, você tem habilidade, escreve, Beatriz, você vai fazer um livro muito interessante!»

O Jorge não era da mesma opinião?

Não, o Jorge nunca ouviu, tem lá tempo agora para aturar mulheres, o Jorge nunca ouviu nada! Ela é que lhe dizia: «Jorge, Beatriz está escrevendo, Beatriz tem jeito.» E ele dizia assim: «hm, ah. Ora vá mas é bardamerda! Ah, ah, ah!» E

Jorge nunca acreditou. Bom, passaram-se os anos e agora, há pouco tempo, quando o Jorge aqui esteve da última vez, já foi há uns meses, eu recebo uma carta, e manifestei desejo de publicar o livro, e o Lyon de Castro que é o editor dele já me tinha falado que gostaria de editar o meu livro, e eu disse: «tá bem, mas eu não gostaria... eu gostaria que... ter uma opinião de alguém que lesse e que...» Já tinha várias opiniões, mas queria a opinião de uma pessoa de força. Bom, e Jorge manda-me uma carta, cartas que eu tenho lá em cima, uma quantidade enorme de cartas do Jorge Amado, em que me diz: «minha comadre, nós passamos aí no dia tal, no navio tal, que encosta no cais às sete horas da manhã.»

Ele vem sempre de navio, aquele ladrão!

Vem, não anda de avião, tem um medo que se borra todo, não gosta, não gosta. Então diz: «você manda já fazer uma cópia desse seu manuscrito e está no cais com essa cópia para eu levar para Paris. Se gostar, te dou um prefácio, se não gostar te mando à merda.»

Como era a Beatriz aos quinze anos?

Aos quinze anos? Ai, era... era um pão de milho!

O que é que a parvoada do Chiado dizia?

Ai eu às vezes dava porrada! Ai eu no Chiado uma vez quebrei o chapéu nas costas dum! Um palerma!

Disse «costas»?

Nas costas. Disse «costas»... Pois. Bã bã bã, escavaquei um chapéu de chuva nas costas dele porque foi malcriado comigo. Agora não, agora isso até é chique, mas naquela época era um atrevimento! Naquela época eu era considerada uma malcriada, eu dizia umas respostas engraçadas e as pessoas chamavam-me malcriada. Agora sou espavitada, ora vá lá ser prior a uma freguesia destas! Isto eu digo no meu livro.

Sabe todos os palavrões dos últimos anos?

Ai, sei todos, sei todos! Estou ao par, estou em dia com tudo, estou atualizadíssima, atualizadíssima!

Apesar de viver aqui no Hotel Tivoli?

Ah, eu estou aqui mas sou como o papagaio, eu não falo mas penso muito! Estou atualizadíssima, com o teatro inglês, com o teatro francês, eu já vi teatro no mundo inteiro, sabes, teatro grego, eu já fui dezassete vezes à Grécia ao Teatro de Epidauro! Ao Festival de Epidauro!

A Beatriz é quase coronel honorário!

Sou! Sou! Conheço a Melina Mercouri pessoalmente, conheço a Katina Patxinou, acho que a Katina Patxinou morreu

há pouco tempo... Aquela mulher que fez «Por Quem os Sinos Dobram», aquela mulher extraordinária... Conheço o Pallaskavaski, que é um dos maiores actores da Grécia, do teatro realmente...

Pallaskavaski?

Gosto muito dos gregos. São maravilhosos! E tenho viajado imenso para a Grécia, de vez em quando vou lá bater. Gosto muito do Museu... do Museu, aquele museu maravilhoso... museu bizantino... Adoro! Adoro as ilhas gregas!

Gosta do «retsina»?

Gosto, gosto. E ainda há um outro, o Santa Helena! Aquele vinho branco de Santa Helena, que é muito bom! Eu gosto de vinho à refeição. Eu não sou grande bebedora de nada, bebo moderadamente, mas por exemplo outro dia fiz uma viagem à Alemanha, desci o Reno, e durante a descida do Reno bebi uma garrafa de vinho branco que eu já nem via castelos! Eu... Cada vez que surgia um castelo, daqueles castelos maravilhosos, eu olhava para o copo! Porque o vinho era tão extraordinário, tao... maravilhoso! Cada vez que surgia um castelo, lá...

(A senhora Dona Beatriz tem uma chamada.)

O quê?

Tem uma chamada. É a sua sobrinha.

A minha sobrinha? Diz que telefone mais tarde, que eu estou aqui num assunto que não posso abandonar. Depois eu falo para ela!

Veja lá, Beatriz.

Não, não quero abandonar. Eu quando... Eu sou como o outro: eu custo para entrar, mas quando entro custo para sair...

A Dona Beatriz ainda tem...

Pois o diabo é que ainda tenho, ainda tenho! Isso é que está... Há pouco tempo, aqui no «hall» do Tivoli, andava um rapaz lindíssimo, maravilhoso, isto é uma, uma... Maravilhoso! Um rapaz muito elegante, rapaz dos seus vinte e um, vinte e dois anos, e não tirava os olhos de mim. Eu olhava para o rapaz e ficava desconcertada, digo: «mas que é que este fedelho quer? Que é que este fedelho quer? Podia ser meu filho, que é isto?» E o rapaz um dia avança, enche-se de coragem e diz: «a senhora Dona Beatriz dá licença que eu tome um café com a senhora? Eu sou filho do engenheiro fulano de tal.» Digo: «Ah, muito prazer, seu pai é um homem



os Saloios

F. ASSIS PACHECO (texto)
JOSÉ TEIXEIRA (fotos)



encantador, é um bom amigo meu. Faça favor!» E evidente, ficou-se a... Eu conheço o pai dele. Diz ele: «senhora Dona Beatriz, eu desde muito cedo tenho fascinação pela senhora, porque meu pai fala da senhora de uma maneira, das suas coisas, da sua maneira de ser, das suas piadas, das coisas que a senhora faz no teatro, das respostas que dá, que eu toda a vida tive fascinação por si! Tenho a maior alegria, estou até nervoso!» E começou-me a fazer... um destes... compreendes, um destes cumprimentos danados... E eu percebi que no meio daquilo tudo havia uma certa... havia um... um...

«frisson»?

... um «sexy»! O rapaz estava meio entusiasmado! E é natural porque os rapazes muito novos têm uma certa atracção pelas balzaquianas, e eu percebi isso perfeitamente, ele disse-me: «sabe, senhora Dona Beatriz, eu não tenho entusiasmo nenhum por essas meninas que andam por aí, não... não têm assunto, não têm bagagem! Eu gosto de uma mulher vivida, uma mulher que sabe o que diz, que tem os pés na terra, e a senhora é extraordinária...»

O azar dele...

Pêra, pêra aí! Agora a minha

resposta: «olha meu filho, és maravilhoso, mas vou dizer-te uma coisa: teu pai não levou nada, não és tu que vais levar!» Viste a resposta que eu lhe dei? Está no meu livro! «Teu pai não levou nada, não és tu que vais levar!»

Ah.

«Não és tu que vais levar!» Ficou meu amigo, cada vez que vem a Lisboa, não é daqui, é da província, cada vez que vem a Lisboa vem tomar café comigo, conversa comigo e ADORA-ME! Ficámos bons amigos, e eu do garoto.

Conte-me alguma coisa dos Saloios.

Os Saloios, os meus ricos Saloios... Coitadinhos!

Tem lá uma casa, não tem?

Não tenho casa, já não tenho. Tive, mas a casa escorria água das paredes e eu passei a casa a patacos porque não podia lá viver.

A senhora era o cônsul dos Saloios no Hotel Tivoli.

E eu sou a embaixatriz! Sou a embaixatriz dos Saloios, pois sou! E adoro a minha terra, ainda lá estive no domingo, fui tomar café à Charneca do Milharado, a um cafezinho pique-no que é dum primo meu, que aquilo ali tudo são primos e primas, não é? Mas precisas de ler o meu livro: trato com muito carinho os Saloios.

Passamos ao teatro. Quando se estreou precisava de ponto, ou sabia os papéis logo, ou...

Eu nunca precisei de ponto. Aliás ao fim de quinze dias as revistas já não era nada dos autores, era tudo meu, tudo, tudo improvisado, tudo, tudo meu, meu e do Vasco Santana, que era outro grande improvisador. Tenho a impressão que fomos os maiores improvisadores do teatro português. O Vasco nem precisava de decorar textos, em geral ele era autor das revistas também. O Vasco era autor! E era um homem de grande talento, um homem inteligentíssimo, inteligentíssimo, com uma bagagem extraordinária. Ele por exemplo estava em cena e saía fora do texto, não precisava mais nada, ele ia por ali fora e o público ria, ria, ria, ria e não parava de rir. E era um actor que gostava muito de trabalhar comigo porque dizia ele que eu que lhe dava muito trapézio. Trapézio, quer dizer, fazia-lhe umas perguntas que davam margem a respostas interessantes, e vice-versa, ele fazia o mesmo comigo. Por exemplo, nós fizemos uma revista que fez época, foi o célebre «Arre, Burro!», onde eu cantava «A Saloia do Burro», que cantava com o burro, representava com o burro, sei lá o que eu fazia com o burro! (Canta): «Tu tens mais valor / que muito senhor / casmurro... / Eu digo-te aqui / que há homens prai / mais bestas qu'a ti / mê burro...» Era muito engraçado, era... Eu fazia isso com muita facilidade porque afinal de contas eu saí de lá dos Saloios com quatro

anos mas até hoje ainda tenho um leve sotaque saloio. Que engraçado, vivi seis anos seguidos no Brasil e nunca peguei o sotaque brasileiro! Eu tenho ainda é sotaque saloio e porque? Porque não há uma semana que eu não vá aos Saloios, e tenho primos e convivo com aquela gente toda, e ADORO os Saloios. Vou lá com a minha sobrinha, de carro, e compramos tudo, compramos nabos, compramos couves, compramos tomates, compramos tudo por aí fora, vamos buscar carne...

A Beatriz tem carta de condução?

Tirei a carta de condução há três anos. Pêra...

Em 56 chamei um instrutor, dei-lhe um abono, parece que nessa altura um conto de réis, e dei as duas primeiras lições e ao terceiro dia ele disse-me: «Senhora Dona Beatriz, é preciso um documento de alfabetização.» Digo: «não tenho, não tenho.» Disse-lhe: «sou analfabeta, oficialmente sou analfabeta.» Bom, ele disse: «Mas ó senhora Dona Beatriz, então não se pode fazer nada, a senhora não pode tirar a carta, ou tem que fazer exame da quarta classe...» Digo: «ai isso é que eu não faço! Então vou agora fazer exame?» E fiquei danada, fiquei danada e não fiz o exame, disse: «fique lá com o conto de réis e não me apareça mais, vá-se embora!» Aí começou uma destas... uma bronca enorme. O doutor Augusto de Castro no «Diário de Notícias» fez um artigo... porque o dr. Augusto de Castro, que era meu bom amigo, que era um homem muito elegante, um homem muito bem educado, sabia e acompanhou um curso de História da Arte que eu fiz na Sorbonne, e por acaso o doutor Augusto de Castro sabia que eu não era analfabeta. Era testemunha, sabia que eu era uma pessoa preocupada, enfim, em me alfabetizar, e acompanhou, vamos dizer, todas as minhas dificuldades, conheceu o senhor almirante Gago Coutinho que foi um pai espiritual que eu tive na vida, evidentemente, foram duas pessoas muito importantes na minha vida, foi o Pedro Bordallo Pinheiro do «Diário de Lisboa», de quem eu era afilhada nessa época, e foi o senhor almirante Gago Coutinho, e ambos eram duas pessoas extraordinárias, que eram meus amigos desinteressados e que me aconselhavam que é que eu havia de aprender, que é que eu havia de ler, que eram pessoas boas e que... me respeitavam. O doutor Augusto de Castro, sabendo disso, fez a minha defesa no «Diário de Notícias» num artigo extraordinariamente bem escrito, dizendo que... que eu não era analfabeta de maneira que era uma injustiça, porque é que eu não podia fazer. E aí começaram os jornais a pôr uns tópicos e umas coisas, creio que o Norberto Lopes também falou nisso, também é um grande amigo, essas coisas todas, e aí houve uma grande bronca. Um dia recebi um telegrama do senhor ministro da Educação que não me lembro nada quem era nessa época.

Dava-lhe a quarta classe «honoris causa»?

Pêra aí! O senhor ministro chamava-me para eu ir ao gabinete dele para conversar com ele, para ver se acabávamos com esta história dos jornais, que isto não tinha graça nenhuma. Chego lá, era ali para o Torel, fui lá, e quando chego o senhor ministro, eu não me lembro nada quem era, era um senhor com uns colarinhos muito engomados, era um «vossa excelência» qualquer dessa época, sei lá, um «vossa senhoria» ou lá o que era; eu chego lá com este meu ar irreverente, e que nessa época ainda era muito mais, compreendes, e sentei-me e ele disse-me: «sabe, Beatriz Costa, é preciso acabar com isto, porque isto não tenha graça nenhuma, e tal... Está ali um professor primário, isto é só uma formalidade, ele faz-lhe duas ou três perguntas e a senhora sai daqui com o seu diploma e pode tirar a sua carta que não há... Sabemos perfeitamente que a senhora não é uma analfabeta...» Digo: «não, senhor ministro, eu não vou agora consentir que o senhor se arrisque a uma coisa dessas, isso é uma fraude!» Sai pela porta fora até... até há três cala-te boca! Há três anos atrás da-me cá umas comichões...

Água lisa?

Tá. Pêra aí, tirei a quarta classe em Campolide! Cala-te boca! Há três anos atrás enfio-me aí num instrutor, começo a dar as lições, dei sessenta lições, fiz um exame maravilhoso! Quarta classe, sim senhor, vou fazer. A minha sobrinha Beatriz, que é formada, fui eu que a eduquei, formada, disse-me: «tia, tu vais fazer exame!» Digo: «tá bem, vou fazer exame.» Vou a uma escola de Campolide, que era a época dos exames, inscrevi-me: quarta classe, Beatriz da Conceição... Beatriz Costa. Foi um reboliço naquela escola. A maioria das mulheres que estavam a fazer exame era para limpeza de rua, porteiras, tudo o que possas imaginar de mais humilde, mulheres humildes, coitadinhos... Quando me vieram aquilo foi uma alegria para elas. Atrás de mim estava uma que numa palavra conseguia ter dois erros, e eu assim por baixo da mesa ensinei-a. Aí a uma certa altura era um senhor, um examinador e duas professoras, por sinal gente muito simpática e muito bondosa com aquelas mulheres humildes que estavam ali, que precisavam de ganhar um conto e duzentos por mês, coitadinhos, estavam ali... Aí chamaram-me, fizeram umas perguntas: Geografia, e não sei quê, e Literatura e mais não sei quê. Respondi correctamente. Na hora da Geografia aí carregaram comigo sobre o Brasil, e Brasil para cá, e descoberta do Brasil, fui por aí fora. Fui por aí fora, quando chegou a altura da Literatura obrigaram-me a dizer umas coisas e a ler umas coisas para elas ouvirem. Foi um delírio, foi um delírio, foi... Foi um espectáculo, foi um «show»! Quarta classe com distinção! Agora ouve

o resto. Tirei a carta, a primeira vez que saí apanhei um susto tão grande que a carta está na gaveta até hoje.

Gosta tanto do campo, porque é que vive num hotel?

É verdade, fazem-me aqui todos os minos, muita tranquilidade também. Eles são muito... Mandam-me flores, mandam-me frutas para o quarto, dão-me muitos miminhos, dão-me beijinhos. Olha queres ver o grau de estima que este pessoal todo, e são quase seiscientos empregados, tem por mim? Eu agora estive no Brasil dois meses e meio, voltei, os garotos do elevador todos me beijaram e abraçaram. Foram-me beijar e abraçar. «Senhora Dona Beatriz, mm, mm!» Sabes porque? Porque eu estimo muito estes garotos. «Vá estudar de noite! Vá estudar de noite!» E quando eles estão com os livrinhos, pergunto: «Que é que estás a estudar?» «Isto, senhora Dona Beatriz, hm, hm...» «E então isto está...?» «Está difícil...» «Anda cá.» E levo-os lá para cima, e dou-lhes explicações. Palavra de honra, faço isso à garotada aqui. Esses garotos não se esquecem. Cheguei do Brasil, abraçaram-me e beijaram-me! Os meninos beijaram-me! E eu adoro estes garotos, são garotos que estão a ganhar a sua vida, coitadinhos, e eu lembro-me também dos meus tempos, também quando eu, coitada de mim, era uma pobre miúda, que era uma miúda no teatro com treze anos de idade, comecei com treze anos!

Como foi?

Atão! Eu entrei para o teatro de uma maneira muito... Vamos dizer, muito fácil. Eu tive um padrasto que era um homem muito bom. O meu primeiro padrasto foi um homem muito bom, muito gentil, era um homem bem educado e gostava muito de mim, tratava-me muito bem, fazia a barba quando... Eu fui criada em Tomar dos cinco aos doze anos, que ele era militar e era do 15 de Tomar. Isto tudo deu uma complicação muito grande porque fui para lá por intermédio do Malhoa, que... Fui modelo do Malhoa... Tudo isso eu conto no meu livro, é muito complicado. Depois fui parar a Tomar com cinco anos de idade, lá fui criada até aos doze, e depois ele foi transferido para o 16, 2.ª Batalhão, que era no Castelo de S. Jorge: eu morei dentro do Castelo de S. Jorge aos doze anos! Aí foi quando conheci o senhor almirante Gago Coutinho numa visita que ele fez lá não sei a quem. Aí o meu padrasto fazia a barba num barbeiro em que se barbeava também um homem que tinha amores com uma actriz chamada Ema de Oliveira, que trabalhava no Eden Teatro e era uma actriz de prestígio nessa época. Chamava-se Fernando Pereira, mais tarde foi casado

com essa senhora, mas nessa época era apenas, vamos dizer, um namorico dela, um namoro, não sei lá o quê, um derriço. Andava por ali, e tal, e o meu padrasto um dia em conversa com esse homem disse-lhe: «ah, tenho lá uma enteada que aquilo é um azougue, não pára nada com ela, não faz nada, não dá atenção a nada, ela só quer é brincar e imitar as pessoas, aquilo tem jeito para o teatro...» Diz ele: «mande-a lá, mande-a lá ao Eden que a Ema mete-a no...» «Mas ela é muito pequenina!» «Não faz mal, made-a lá que a Ema...» Aí fui ao teatro, não tinha ainda treze anos, fui ao teatro, viram-me, acharam-me muito pequenina, mas, como a vedeta da companhia era muito simpática, gostava muito de miúdas graciosas, de... E aconteceu uma coisa muito curiosa. A companhia estava para ir ao Brasil, e essa senhora não ia. Eu fui corista três meses. Porque? Porque essa senhora não ia e perguntaram-me se eu era capaz de fazer os dois papéis principais, que era a tal boneca, era uma boneca, que no Brasil até hoje chamam-me a «Boneca», a «Bonequinha Portuguesa» por causa desse papel... E perguntaram-me: «és capaz de fazer este papel?» «Sou capaz de tudo!» Porque nessa altura eu era capaz de tudo MESMO! Tinha uma coragem danada! Ora para ir ao Brasil era preciso uma autorização paterna. O meu pai nunca mais me tinha visto e foram lá e o meu pai correu-os à cacetada. Não se chegou a dar cacetada porque o meu pai não batia em ninguém, era uma santa pessoa, mas pegou num varapau e o secretário da companhia ficou apavorado e fugiu. Fugiu, e eu digo no meu livro: exigiam, para ir ao Brasil, garotas de dezoito anos. Que eu nos meus documentos oficiais tenho mais cinco anos que o que tenho na realidade... Porque? Passei a ter dezoito nessa altura! E fui ao Brasil e as dificuldades ficaram cá, não se dava por isso, eu era uma garota enxuta! Os comandadores ficaram assanhados, há um comendador que atravessa a minha vida até ao ano de 66... Ah, esse comendador é uma maravilha.

Podemos registar-lhe o nome?

Não! Não tem nome! No meu próximo livro vou dar o nome aos bois, a todos eles! Toda a gente que neste primeiro livro aparece, no próximo livro eu vou explicar quem era! Um bom título, aí está: «A Bronca Total»...

O seu primeiro homem foi o melhor? Foi um dos melhores? Ou foi um chato? Tem de alguma recordação assim...

Era um chato. Era... era um senhor feudal. Era um senhor alentejano. Feudal. Podre de poder de rico. Um despota. Um filho da puta.

Estrangeiro

NORODOM SIHANOUK E O NOVO CURSO DO CAMBOJA

"Sou um khmer vermelho por adopção"

Entrevista de WILFRED BURCHETT

PYONGYANG ... Como parte das celebrações comemorativas do regresso triunfal do príncipe Norodom Sihanouk ao Camboja, realizou-se uma parada militar em Phnom Penh. «Durou cerca de uma hora e meia e desfilaram exclusivamente armas americanas capturadas, todas elas por estrear», disse-me o príncipe no decurso de um almoço na capital norte-coreana de Pyongyang: «A parada incluía os últimos modelos de morteiros de 105 e 155 milímetros, de canhões antiaéreos, tanques, carros blindados e camiões. Capturámos grandes quantidades de armamento, incluindo aviões e helicópteros, mas para estes últimos só temos dois pilotos para os tripular». Recordou, a propósito, como os dois tinham, em diferentes ocasiões, bombardeado o Quartel-General de Lon Nol, antes de voarem para junto dos resistentes. «Os canhões antiaéreos não eram obviamente para serem utilizados contra nós, mas apenas porque Lon Nol temia novos ataques dos seus próprios pilotos. De qualquer modo, do ponto de vista militar, não temos agora nada a temer. Estamos bem equipados em armas e munições e em breve teremos os nossos próprios pilotos. Mesmo a maioria dos pilotos de Lon Nol que fugiram, pedem agora para regressar».

KISSINGER SEMPRE MAL INFORMADO...

Levantei a questão das repetidas asserções do dr. Kissinger acerca dos 80 pilotos de Lon Nol que teriam sido fuzilados «juntamente com as suas mulheres». Riu-se. «O dr. Kissinger tem demonstrado estar sempre mal informado sobre a situação no nosso país. Só assim se compreende que tenha tentado derrubar-me. Se tivessemos executado pilotos, os seus colegas em Banguecoque e noutros pontos, não estariam agora a pedir para os voltarmos a receber. Na realidade, exceptuando os sete supertraidores que caíram nas nossas mãos e foram condenados à morte em 24 e 25 de Fevereiro, no Congresso Especial da FUNK, ninguém mais foi executado. Não excluímos, no entanto, a hipótese de alguns aviadores, que caíram em poder dos nossos camponeses, terem sido sumariamente executados. Os pilotos eram particularmente odiados pelos camponeses que os associavam directamente, como é natural, com a morte e a destituição provocadas nas zonas rurais. No entanto, qualquer castigo sumário perpetrado terá sido contra as ordens da direcção da resistência, que especificavam quer quaisquer cativos deviam ser devolvidos às autoridades».

A FRANÇA E LON NOL

O príncipe Sihanouk, que chegou a Pyongyang depois da sua comunicação nas Nações Unidas e de uma passagem por Paris, onde ele e a sua mulher foram recebidos pelo presidente Giscard d'Estaing, encontra-

va-se descontente pela maneira como foi tratado pelos órgãos de Informação franceses. «Perguntaram-me porque não havia intervido para salvar Long Boret e Sirik Matak, ambos primeiros-ministros no regime de Lon Nol. Respondi-lhes que isso não era da sua conta. Eu também não tinha interferido com a França Gaullista por executar traidores como Laval, no final da II Guerra Mundial».

Isso eram assuntos internos franceses. A maneira como nós tratamos os nossos traidores, são problemas apenas nossos. Os traidores tinham provocado sofrimentos incalculáveis ao nosso país, eram responsáveis pela morte de centenas de milhares de pessoas. Eles tinham advogado, juntamente com os americanos, o recomeço dos bombardeamentos aéreos, mesmo depois da sua suspensão em Agosto de 1973...

O príncipe Sirik Matak, primo de Norodom Sihanouk, foi, juntamente com Lon Nol, um dos chefes da conspiração que conduziu ao golpe que derrubou Sihanouk em Março de 1970. Era vice-primeiro-ministro e estava encarregado da segurança interna quando Sihanouk foi julgado à revelia e condenado à morte.

JORNALISTAS «ANSIOSOS»

«Os jornalistas franceses mostram-se «ansiosos» por saber o que tencionava fazer quanto às compensações relativas às propriedades francesas no Camboja», continuou. «Não há propriedade francesa», expliquei. «Os franceses colocaram as suas empresas à disposição do regime de Lon Nol. A guerra não se sustenta apenas com meios militares, mas também com recursos económicos. Nos seus hospitais, os franceses trataram soldados de Lon Nol, de modo a que pudessem ser reenviados para a frente a fim de combaterem os nossos soldados e bombardearem as nossas aldeias. Isto são actos hostis. No meio termo da guerra, assinei um decreto expropriando toda a propriedade francesa, incluindo as plantações de borracha e os bancos. Os bancos franceses foram fechados em 1964. Depois do golpe de Março de 1970, Sirik Matak convidou-os a reabrir. Apesar dos nossos avisos, eles aceitaram o convite. Agora acabou-se. Foram todos nacionalizados e não se põe qualquer estado de compensações...».

CONTRATOS CANCELADOS

O príncipe Sihanouk recordou que, numa entrevista filmada comigo algumas horas depois da formação do Governo Real de União Nacional (GRUNK) ter sido anunciada em Pequim, em Maio de 1970, tinha avisado as companhias petrolíferas francesas e de outras nacionalidades que quaisquer contratos assinados com o regime de Lon Nol para exploração dos depósitos de petróleo «offshore» no Camboja, seriam considerados «nulos e sem valor». O filme foi transmitido na televisão francesa.

«Mas a companhia petrolífera francesa principal, a ELF-ERAP, decidiu ignorar o aviso», continuou ele. «Assinaram um contrato com Lon Nol. Recentemente, os seus representantes vieram ver-me a Pequim propondo-se continuar as prospecções na base de um contrato que eu tinha assinado com eles em 1969. Disse-lhes que, como tinham ignorado o meu aviso e tinham cooperado com Lon Nol, tinham sido riscados da lista dos competidores com direitos de prospecção — e que continuaria desse modo».

KHMER VERMELHO POR ADOPÇÃO

«Alguns jornalistas escarneceram dizendo que eu era um chefe de Estado sem «poder real»... Que me rebaixei por me tornar em mero «porta-voz dos Khmers Vermelhos»... Que era um «falso» chefe de Estado... Respondi-lhes que, se pensavam desta forma, porque é que então, corriam atrás de mim, dia e noite, pedindo-me entrevistas e, se estavam preocupados com os «poderes» de um chefe de Estado, porque é que não se preocupavam também com os poderes da rainha Isabel, da Inglaterra, do imperador Hirohito, do Japão, dos reis da Bélgica e Escandinávia e de outros? Tais jornalistas tendem a esquecer que, além de ser chefe do Estado cambojano, sou também presidente fundador da Frente Unida Nacional, tendo sido confirmado nessas posições em data tão recente como 28 de Abril deste ano...».

(Um comunicado emitido nessa data com a assinatura de Khieu Samphan, na sua qualidade de vice-primeiro-ministro, ministro da Defesa e Comandante-chefe das Forças Armadas Populares de Libertação Nacional, anunciava as decisões do Congresso Nacional Especial da GRUNK e FUNK, realizado sob a sua presidência, de 25 a 27 de Abril. O ponto 3 de uma resolução de quatro pontos ali adoptada, declarava que o Congresso considerava «unanimemente» Norodom Sihanouk «como uma personalidade eminentemente patriótica, que contribuiu activamente para a luta de libertação nacional do Camboja. Nesta qualidade, o Congresso Nacional Especial confirma Samdech Norodom Sihanouk no seu papel de chefe de Estado e presidente da Frente de Unidade Nacional Cambojana, nesta nova etapa da história do Camboja e na nova sociedade do país...». Através de uma fórmula similar, Penn Nouth foi confirmado na sua posição de primeiro-ministro e presidente do «bureau» político do Comité Central da FUNK).

«Sou o único chefe de Estado não-comunista escolhido por comunistas... os Khmers Vermelhos», comentou o príncipe Sihanouk durante a nossa entrevista na hora de almoço. «Estou muito orgulhoso disso. É único na história. Sou um Khmer Vermelho por adopção».

NÃO RECEBEMOS ORDENS DA CHINA

Para aqueles que foram desviados por «histórias tristes» de elementos desgostosos,

infiltradores da CIA e outros que abandonaram a causa da FUNK por não poderem suportar o regresso de um exílio confortável para as duras realidades de um Camboja revolucionário, inventaram-se histórias sobre um Sihanouk pretensamente «desiludido» com os «Khmers Vermelhos» e o novo Camboja. Sobre isto, são as seguintes algumas das suas impressões narradas por Sihanouk durante o almoço de 21 de Outubro.

«A Frente Nacional Unida, à qual eu presido, é um modelo de unidade monolítica. Khieu Samphan e os outros dirigentes dos «Khmers Vermelhos» são verdadeiros nacionalistas e são pela total independência do nosso país. Há aqueles que me chamaram «fantoche chinês», porque o meu quartel-general era em Pequim. «Fantoche vietnamita», quando visitei Hanói. Na realidade, não somos fantoches de ninguém. O que nos une é sermos todos cambojanos, solidamente cambojanos. A China é o nosso melhor amigo, mas de nenhuma forma é o nosso patrão!».

«Estou muito orgulhoso por os cambojanos serem os primeiros a criar uma sociedade sem classes. Os «Khmers Vermelhos» introduziram em Phnom Penh o mesmo estilo de regime que tinham no campo. Tudo tinha sido nivelado. Não há mais ricos e pobres, exploradores e explorados. Não existe já qualquer diferenciação devido à classe ou à riqueza. Só há uma classe — a administração alimenta e veste todos de acordo com as suas necessidades. Presentemente, não há dinheiro nem mercados. Todos trabalham, reparando e garantindo o funcionamento da rede de energia eléctrica e de abastecimento de água, fabricando bicicletas e têxteis, refinando o açúcar ou transformando, em fundições, os tanques destruídos em instrumentos agrícolas e de cozinha. Dentro das suas organizações de trabalho, há comissões da FUNK em todos os níveis, que requisitam os fornecimentos necessários do Ministério do Comércio. A distribuição igualitária «per-capita» na família e feita através de uma comissão da FUNK. Se necessitam de vestuário, os armazéns do Governo lá estão para o fornecer...».

«SODOMA E GOMORRA»

A respeito da evacuação de Phnom Penh imediatamente após a sua libertação, o príncipe Sihanouk disse:

«Era absolutamente necessário fazer uma limpeza total. Sob o regime de Lon Nol, Phnom Penh tinha-se tornado em Sodoma e Gomorra. Quando eu era jovem e li a Bíblia, nunca acreditei que tivesse existido uma Sodoma e Gomorra. Mas, Phnom Penh era, na verdade, um antro de vício e corrupção. Não havia outra solução, a não ser esvaziá-la. Depois de trabalharem com os camponeses, os ex-residentes regressaram, na maioria honestamente regenerados. Durante a evacuação, foram observados três princípios:



Lon Nol deixou Phnom Penh transformada noutra Sodoma e Gomorra.

1) Todos os que quisessem regressar às suas províncias natais, seriam ajudados.

2) As famílias não devem ser separadas. Como é nosso hábito, as mães, os pais, os avós e os filhos, devem permanecer em unidades familiares.

3) Ninguém foi forçado a partir, e, de facto, muitos ficaram. Desde que não fossem espíões ou sabotadores, ninguém os incomodava.

Foi preciso uma quantidade tremenda de trabalho para que Phnom Penh voltasse a ser uma cidade normal e que os serviços públicos recomeçassem a funcionar. As representações diplomáticas seriam gradualmente estabelecidas. A China e o Vietname do Norte já tinham aberto embaixadas; a Coreia do Norte e o Vietname do Sul seguir-se-iam. Em 1976 seria a vez de Cuba, Roménia, Jugoslávia, Argélia, Albânia — aparentemente respeitando mais ou menos a ordem pela qual o GRUNK tinha sido reconhecido diplomaticamente. A China e a Coreia do Norte já haviam prometido auxílio económico. (E quanto eu ainda estava na Coreia, peritos norte-coreanos em irrigação, pescas e florestas partiram para Phnom Penh).

MISSÃO EM 20 PAÍSES

Entre os planos imediatos do príncipe Sihanouk conta-se: «depois de um breve descanso na República Popular Democrática da Coreia», disse «fui encarregado pelo GRUNK de fazer uma digressão por 20 países, na maioria africanos, para agradecer a sua ajuda e apoio à nossa luta armada. Nos princípios de 1976 voltarei para Phnom Penh onde ficarei até Setembro altura em que representarei o meu país na conferência cimeira dos países não-alinhados, em Colombo».

A respeito dos antigos membros da Corte que agora o atacam bem como ao novo Governo de Phnom Penh, o príncipe Sihanouk disse: «As pessoas uniram-se sob a nossa bandeira por toda a espécie de razões. Mas muitos deles tinham pouco estômago para a luta armada ou para a revolução. Depois da vitória, disse-mos-lhes que podiam regressar a Phnom Penh ou, se sentissem que não podiam aceitar o novo regime, ajudá-los-íamos

a ir para onde quisessem. Assim, ajudamos alguns a arranjar vistos para seguirem para Paris, Hongueconque, Macau e outros lugares. Aqueles que se venderam aos nossos inimigos, só podem ser tidos como traidores».

«A delegação do GRUNK em Paris, em 27 de Outubro, emitiu um comunicado denunciando as actividades de tais elementos como sendo as de «um pequeno punhado de traidores infiltrados na FUNK para sabotar e dividir...». Infelizmente, na maior parte da Imprensa ocidental, são tais pessoas que captam as manchetes e as simpatias dos editorialistas».

CAMBOJA INDEPENDENTE E NEUTRAL

Concluindo, recordei ao príncipe Sihanouk um discurso proferido em Agosto de 1966, no qual repreendia severamente os políticos de direita pela sua falta de patriotismo, dizendo aproximadamente: «Vocês estão todos contaminados pela ambição e corrupção. O futuro do país está, talvez, com os comunistas. Pelo menos eles têm ideias, são puros e honestos. Por vezes tenho pena de ter sangue azul nas minhas veias e de não poder ser um comunista...».

«Sim», concordou Sihanouk, «e também os avisei: Vocês querem que a nossa neutralidade se vire para a direita — mas ela virar-se-á para a esquerda. Querem um regime reaccionário mas será vermelho».

Sihanouk não parece lamentar nada que a sua profecia se tenha tornado verdade. Pelo contrário, ele exulta com isso. Para ele, o principal, é que, «vermelho» ou não, o seu país permaneça cambojano, independente e neutral. O ponto 4 adoptado no Congresso Nacional Especial, atrás referido, reafirma, quanto à política externa, que o Camboja adere aos princípios da «independência, paz, neutralidade, não-alinhamento e oposição resoluta à presença de quaisquer bases militares estrangeiras no território cambojano...».

Para o príncipe Norodom Sihanouk, isto representa a consagração dos objectivos aos quais devotou a melhor parte da sua vida.

Negociações na Rodésia entre negros e brancos

SALISBÚRIA, 15 (R.) — A primeira tentativa, em dez anos, para se negociar uma solução da disputa da Rodésia começa hoje em Salisbúria no meio de uma atmosfera geral de pessimismo.

Um grande abismo separa os pontos de vista do primeiro-ministro Ian Smith e do chefe nacionalista Joshua Nkomo, que efectuarão as primeiras negociações importantes entre negros e brancos sobre o futuro do território.

A maior divergência é a exigência de Nkomo quanto a «governo maioritário já», que Smith rejeitou antecipadamente.

Contudo, o próprio facto de ambos levarem as suas delegações à mesa de conferência sugere, a despeito de desmentidos dos dois lados, que se poderá ter chegado já a certa espécie de entendimento, o que deu a uma situação sombria certo grau de esperança, embora pouco.

Crê-se que o plano de Nkomo prevê a formação de um governo de transição dentro de cinco meses, para substituir o gabinete minoritário branco de Smith, que proclamou unilateralmente a Rodésia independente da Grã-Bretanha.

Esse gabinete de transição

teria preponderância de ministros negros.

A segurança e os direitos dos 273 000 brancos da Rodésia seriam garantidas formalmente. A concessão de direitos políticos conduziria a governo de maioria pelos seis milhões de negros do território, dentro de dois anos.

De acordo com fontes bem informadas, esses serão os objectivos de Nkomo. Contudo, Smith, de 56 anos, tem afirmado, repetidas vezes, que não haverá governo de maioria negra enquanto viver.

É provável que Smith procure obter um acordo nos termos do qual a concessão do direito de voto seria feita de forma tão complexa que ninguém poderia afirmar quando e se alguma vez se conseguirá governo de maioria negra.

No entanto, Smith depara com pressões enormes, tanto interna, como externamente, para chegar, desta vez, a acordo. Encontrando-se cada vez mais vazios de divisas estrangeiras, os cofres da Rodésia, a África do Sul, o único amigo verdadeiro com que conta, tornou-se fria e anunciou-se que mais nacionalistas militantes estão a treinar um exército de guerrilha em Moçambique, contando com, pelo menos, 6000 rodésianos negros expa-

triados, para desencadear uma guerra em grande escala.

Mesmo se se chegar a um acordo entre Smith e Nkomo, que é presidente da facção dentro da Rodésia do Conselho Nacional Africano (C. N. A.), surgirá a incógnita se ele se poderá concretizar. A facção rival no C. N. A. dirigida pelo bispo Abel Muzorewa, que se encontra auto-exilado na vizinha Zâmbia, afirmou que não aceitará tal acordo.

A facção Muzorewa encontra-se principalmente na Zâmbia, cujo presidente, o dr. Kenneth Kaunda, apoia tacitamente Nkomo, fornecendo-lhe conselheiros e outro pessoal para a sua delegação.

O dr. Elliot Gabellah, vice-presidente da facção Muzorewa, acusou ontem, à noite, a Zâmbia de interferir nas questões da Rodésia, afirmando que essa interferência «não era diferente do envolvimento sul-africano e norte-americano em Angola».



Os recentes atentados contra restaurantes na capital britânica levaram alguns estabelecimentos daquele tipo a tomarem precauções. L'Opera, por exemplo, situado na zona de Covent Garden, apresenta as janelas da fachada protegidas por um muro de sacos de areia, o que faz lembrar medidas tomadas em Londres, contra ataques aéreos, durante a Segunda Guerra Mundial. Atentados à bomba na capital inglesa têm sido reivindicados pelos guerrilheiros urbanos irlandeses. (Telefoto UPI-Telimprensa)

NOVO GOVERNO EM ESPANHA E POSSÍVEIS REFORMAS

MADRID, 15 (R) — O primeiro-ministro espanhol, Carlos Arias Navarro, apresenta hoje ao país um programa governamental, que se espera anuncie medidas prudentes quanto a reformas políticas na era pós-Franco.

O novo gabinete de Arias Navarro, mostrando alterações profundas em relação ao Governo que geriu a Espanha nos últimos dias do generalíssimo Franco, reúne-se hoje, pela primeira vez, em sessão, após a qual o primeiro-ministro deverá anunciar o seu programa de acção.

No que poderia ser a primeira prova concreta da orientação que a Espanha seguirá após a morte do Caudillo, comentários políticos de Ma-

drid aguardam nitidamente que Arias Navarro comece uma política prudente de Reformas, que preconizou pouco depois de assumir o cargo, há cerca de dois anos. Essa política foi, porém bloqueada subsequentemente por Franco e pelos ultr-

munistas, e da Plataforma Democrática, dominada pelos socialistas, que estão agora a formar uma comissão de coordenação para trabalhar a favor dos objectivos comuns, disse que mantinham a sua oposição ao Governo devido à «continuação da existência das características objectivas do regime».

Prosseguem, entretanto, manifestações a favor de uma amnistia total de cerca de 2000 presos políticos em Espanha. Policia de choque dispersou ontem um comício de 2000 manifestantes perto da cidade basca de Bilbao, prendendo, pelo menos, seis pessoas.

No entanto, perto de Barcelona, a Policia não fez qualquer tentativa para dispersar uma multidão de 4000 pessoas gritando «amnistia, amnistia», que se concentrou fora de um mosteiro onde um sacerdote e mais três indivíduos fazem uma greve de fome em apoio da amnistia total.

Um informador da Junta Democrática, dirigida pelos comunistas, e da Plataforma Democrática, dominada pelos socialistas, que estão agora a formar uma comissão de coordenação para trabalhar a favor dos objectivos comuns, disse que mantinham a sua oposição ao Governo devido à «continuação da existência das características objectivas do regime».

Prosseguem, entretanto, manifestações a favor de uma amnistia total de cerca de 2000 presos políticos em Espanha. Policia de choque dispersou ontem um comício de 2000 manifestantes perto da cidade basca de Bilbao, prendendo, pelo menos, seis pessoas.

No entanto, perto de Barcelona, a Policia não fez qualquer tentativa para dispersar uma multidão de 4000 pessoas gritando «amnistia, amnistia», que se concentrou fora de um mosteiro onde um sacerdote e mais três indivíduos fazem uma greve de fome em apoio da amnistia total.

O sacerdote que faz a greve

de fome é o padre Luis Maria Xirinhachs de 47 anos, um activista a favor dos direitos humanos, solto da prisão em Outubro após cumprir uma pena de dois anos de cadeia por propaganda ilegal. Não come há mais de duas semanas.

A Policia vigiando os 2000 manifestantes na vila de Basauri, perto de Bilbao, voltou lentamente os carros com os agentes sobre a multidão quando as pessoas se concentravam defronte de uma cadeia onde se acham 40 presos políticos. Depois, os guardas saltaram das viaturas e carregaram à bastonada sobre a multidão, que dispersou pelas ruas próximas.

Testemunhas oculares afirmaram que elementos conhecidos de um grupo de extrema-direita, os «guerrilheiros de Cristo Rei» ajudaram a Policia e espancaram manifestantes que conseguiram apanhar. Um deles usou para isso um chicote.

Maioria em perigo na Grã-Bretanha

LONDRES — (F.P.) — O falecimento, a noite passada, de Maurice Edelman, deputado trabalhista por Coventry, põe fim à maioria de uma voz do Governo na Câmara dos Comuns e poderia colocar o Governo em dificuldades, segundo os observadores políticos na capital britânica.

Até à eleição parcial de Coventry, por volta de Março, o Governo trabalhista poderia ser posto em minoria no caso de actuação conjunta da oposição. Vários deputados trabalhistas estão actualmente hospitalizados e dois deles tiveram de ser transportados para os Comuns na semana

passada, a fim de participarem numa votação. Por outro lado, o Governo não pode contar com os votos de dois deputados que têm abertos contra eles processos judiciais: John Stonehouse, acusado de vigarice e que levantou recentemente dúvidas sobre a política trabalhista, e John Ryman, que terá de justificar despesas eleitorais.

No entanto, os observadores pensam que, com uma maioria de 40 votos sobre os conservadores, o Governo não se encontra seriamente ameaçado, devido à incapacidade da oposição de se unir.

Visita de Giscard

Acordo França-Egipto indigna Israel

CAIRO, 15 — (FP/R) — O presidente Valéry Giscard d'Estaing regressou hoje de avião a Paris, após uma visita oficial de cinco dias ao Egipto, durante a qual prometeu mais auxílio da França para a reconstrução da economia deste país africano, abalado pela guerra, e criação de uma indústria de armamento.

Ao aeroporto foram-se despedir do chefe de Estado francês, da mulher Anne-Ayone e dos dois filhos, Henri e Louis, o presidente Anwar Sadat e sua mulher Jihan.

Um comunicado conjunto emitido no fim da visita de Giscard d'Estaing, a primeira efectuada por um presidente francês ao Egipto, dizia que fora firmado um acordo sobre cooperação franco-egípcia.

Esse acordo provocou uma reacção indignada de Israel, onde funcionários governamentais o descreveram como um grande obstáculo à paz.

Entretanto, o jornal caiota «Al Gomhouria» crê saber que, durante a visita que pensa efectuar no princípio de 1976 ao Médio Oriente, o presidente dos Estados Unidos, Gerald Ford, visitará em Abril o Egipto.

Segundo o mesmo jornal, já estão a decorrer conversações entre o Cairo e Washington sobre as modalidades da viagem e a ordem do dia das conversações.

CESSAR-FOGO EM BEIRUTE

BEIRUTE, 15 — (FP) — Os jornais de Beirute anunciam um novo acordo de cessar-fogo (o décimo nono) que entrou em vigor durante a noite de domingo para segunda.

«Al Moharrer» (esquerda, pró-iraquiano) qualifica-o de «acordo surpresa», e «Al Safir» nota que a questão capital continua a ser a mesma: os combatentes acatá-lo-ão?

Ontem, os ocupantes de um camião pertencente à Frente Popular para a Libertação da Palestina (F.P.L.P.) entraram em confronto com militares que tinham montado uma barreira na região de Karak (centro do Líbano). Três militantes da F.P.L.P. foram mortos e um quarto ficou ferido, indica um comunicado militar. A F.P.L.P. anunciou, por seu turno, que dois dos seus membros foram mortos e dois gravemente feridos, no recontro.

Caleidoscópio

■ **LIMA, 15 — (ANOP)** — A resistência ao regime fascista chileno cresce dia-a-dia — salienta o semanário peruano «Marka».

Num artigo ilustrado com fotografias de jornais e folhetos clandestinos dos movimentos populares chilenos, a publicação destaca que o movimento de resistência «cresce e se fortalece» e que «se está a trabalhar para criar as condições de base para a derrota política e militar da ditadura».

Depois de assinalar que as primeiras respostas ao golpe militar foram de carácter «heróico, espontâneo e inorgânico», «Marka» observa que em 1974 a resistência se organizou e que entre Agosto e Setembro apareceram os diários clandestinos «El Rebelde», do Movimento de Esquerda Revolucionária (M.I.R.), «La Chispa», do Partido Socialista, «Unidad Patriótica», do Partido Comunista e «Venceremos» do Mapu.

■ **TEERÃO, 15 — (F.P.)** — O incêndio de um acampamento de peregrinos perto de Meca teria feito entre 175 e 200 mor-

tos, segundo a Imprensa iraniana.

■ **DUSSELDORF, 15 — (R)** — Um tribunal de Dusseldorf considerou hoje Guenter Guillaume, antigo colaborador do ex-chanceler Willy Brandt da República Federal Alemã, culpado de traição e condenou-o a 13 anos de cadeia.

Após um julgamento de seis meses, o tribunal considerou o réu, de 48 anos, culpado de ter feito espionagem a favor da República Democrática Alemã.

A acusação pedira uma sentença de 15 anos de prisão para Guillaume.

■ **ROSÁRIO, 15 — (FP)** — O director de uma empresa argentina de material agrícola, Egino Gherardi, que tinha sido raptado a 6 do corrente em Rosário, foi libertado, na noite de ontem contra um resgate de 180 000 dólares.

O irmão de Gherardi tivera idêntica sorte há seis meses. O resgate exigido para a sua libertação era de 50 000 dólares.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Concurso N.º 3-0036/76

Fornecimento de diverso equipamento para cozinha, para os Hospitais Civis de Lisboa.

Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia 12 de Janeiro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), todos os dias úteis das 9 às 11,30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 10 de Dezembro de 1975.

Pel'O Chefe do Serviço

Ilídio de Sousa

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Concurso N.º 3-0037/76

Fornecimento de um sistema de ventilação na cozinha de dietas do Hospital de S. José.

Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia 12 de Janeiro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), todos os dias úteis das 9 às 11,30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 10 de Dezembro de 1975.

Pel'O Chefe do Serviço

Ilídio de Sousa

Espectáculos

TV a cores dentro de dois anos

A administração da RTP está a encarar a possibilidade de emitir regularmente a cores dentro de dois anos, ao mesmo tempo que pensa implantar novos estúdios na zona de Monsanto. Estes dois planos teriam sido já expostos a algum pessoal técnico, existindo, à primeira vista, «luz verde» para qualquer deles.

No Lumiar diz-se há muito que a maior parte da rede portuguesa estaria habilitada a transmitir a cores, faltando apenas material de captação, nomeadamente câmaras, telecineas e «colour-tapes» (unidades para o sinal a cor acopláveis aos «video-tapes»). Quanto aos receptores, há-os lá fora entre 13 e 30 contos e sabe-se que telespectadores portugueses têm vindo a adquirir modelos na miragem de uma rápida entrada em funcionamento da cor.

«A televisão a cores é um problema essencialmente político» — afirmou-nos um

técnico da RTP aludindo à decantada «guerra dos sistemas».

Recapitemos brevemente. Dois construtores europeus lutam por vender os seus sistemas a países interessados: são eles o «Pal» (alemão-ocidental) e o «Secam» (francês, hoje «Secam 4 B»). Os norte-americanos dispõem, por seu turno, do «NTSC» (National Television System Colour), enquanto os soviéticos têm o «NIIR». Este último é, basicamente, um derivado do «Secam» aproximado mais tarde do «Pal». No caso português a competição reduzir-se-ia aos sistemas de Bona e Paris. Paris marcou pontos durante as últimas eleições para a Constituinte, quando montou em Lisboa um sofisticado centro emissor em ligação aos serviços competentes da RTP. Por outro lado, os franceses fariam excelentes condições financeiras, a ponto de não haver necessidade de um empréstimo interno. O tem-

po dirá, evidentemente. O tempo — e os alemães.

VANTAGENS DA COR

A televisão a cores oferece diversas vantagens, sendo dominantes a comercial e a da exigência de qualidade profissional.

«Neste momento já ninguém compra programas ou séries a preto e branco» — referiu-nos um entendido do sector. (Essa seria a vantagem comercial. Concretamente Portugal, a RTP, não tem mercado para as suas criações, ou tem-no muito reduzido, trabalhando somente a preto e branco).

O problema profissional poderia ver-se sob o seguinte ângulo: sendo mais exigente que a sua congénere a preto e branco, a televisão a cores proporcionar-nos-ia uma imediata reciclagem de técnicos, imponderável nas actuais circunstâncias. É que a cor em televisão, como em cinema, não tolera certos erros, principalmente ao nível da operação de câmaras e controlo (a cores).

Acresce ainda que hoje em dia a cor é mais barata que o preto e branco, isto por uma razão afinal simples: os sobressalentes. Não constitui segredo para ninguém que a RTP se vê e deseja para encontrar por vezes material, sendo obrigada, na versão de um homem da casa, a «juntar encomendas com o Ghana e o Tanganica»

(Tanzania). Subsistindo a preto e branco, vive com o credo na boca, passe o termo, e tem de abrir os cordões à bolsa sem grande capacidade de argumentação.

PRETO E BRANCO NÃO DESAPARECE

A emissão regular a cores não faz desaparecer o preto e branco por um passe de mágica. Vejamos:

— os programas a cores só podem ser vistos a cores nos receptores especificamente concebidos para esse fim, sendo vistos a preto e branco nos restantes;

— por dedução lógica os proprietários de receptores a preto e branco podem continuar a usá-los mesmo que a RTP, por hipótese, só passe a emitir a cores;

— os proprietários de receptores a cores verão a cores emissões de cor e a preto e branco as restantes.

É o que se chama a compatibilidade dos sistemas.

Terminemos com uma nota significativa: nos cinco anos anteriores ao lançamento da cor a B. B. C./TV já só fazia programas a cores (vistos na rede inglesa a preto e branco, claro) para treinos das suas equipas técnicas: a R. A. I. italiana idem. Eis aqui, talvez, o maior óbice a que a administração da RTP concretize a ambição de «colorir» os nossos pequenos «écrans».

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

«A MÃO NO AR...E O PÉ ATRAS», de Luís Mendes e Xavier de Magalhães. Música: Jaime Mendes e Casal Ribeiro. Cenografia: Manuel Lima, Moiz Ribeiro e Velez Lima. Direcção Musical: Jaime Mendes. Intérpretes: António Semedo, Anton Palma, Artur Pires, Carlos Duarte, Anna Maria, Luís Mendes, Júlia Chaves, Fernanda Batista, Luís Mário, Elisabeth Cruz, Natalina José, Carlos Martinez, Fernando Truca, Fernanda Pinto, Tina. Companhia Teatro Popular de Lisboa. Teatro Laura Alves. 10/1975.

Pais provisoriamente divididos este em que vivemos — até no teatro de revista essa divisão é visível. Não nos venham dizer que somos simplistas, maniqueístas, primários e não sei que mais se traçamos uma linha para quem da qual e para além da qual se é progressista ou se é reaccionário, se é a favor da revolução (embora pondo em discussão diferentes perspectivas dela) ou se é contra a revolução. Na realidade, não somos nós quem traça essa linha imaginária, quem exprime essa clivagem limitamo-nos a observá-la. No teatro de revista temos,

A desgraça de não ter graça

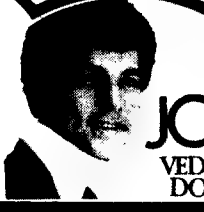
assim, de um lado, as revistas de Vasco Morgado (exemplo: «Lisboa Acordou»), do Maria Vitória (exemplo: «Força, Força, Camarada Zê!...») e do Laura Alves (exemplo: «A Mão no Ar e o Pé Atras»); do outro lado, para nós do lado certo, as revistas do Teatro Adôque, cooperativa de artistas. Quanto ao Teatro ABC — dá uma no cravo e outra na ditadura.

Ficam, pois os leitores a saber (se é que não sabiam) que no Laura Alves se estreou mais uma revista daquelas que revelam a preocupação dos autores em dar muitos vivas à liberdade, sinal quase infalível do seu reaccionarismo. É que a liberdade não é uma questão de vivas, é, sim, uma prática política quotidiana, uma coerência que tem tudo a ver com opções de classe e tem também a ver com uma certa maneira (séria) de encarar a vida.

Esta revista é em mau e em chato o que a do Maria Vitória é em relativa qualidade. Os artistas do Laura Alves são pessoas que precisam de ganhar a vida e por isso merecem-nos todo o respeito. Mas, mesmo num país como o nosso, não se poderá ganhar a vida sem tentar enfiar «barretes»? Que tristeza esta revista...

CASINO HISTÓRIA

SLOT MACHINES MAJORS DE 10 ANOS




JOEY LOREN

VEGETA NORTE-AMERICANA DO CINEMA E DA CANÇÃO

the ICARIAN STAR

MARINA ROSA com RAUL SILVA e NOBRE COSTA




BENTYBER DANCERS

FERRER TRINDADE e sua orquestra

BANDA DIPLOMATICA e "MOZAMBEATS"

BIRGITTE CHRISTENSEN

STRIP-SHOW. SÓ NO WONDER BAR & PANTHER

SALA RESTAURANTE às 23.30 (não aconselhável/m./13)

WONDER BAR à 1.00 (interdito, m./18)

CONSUMO MÍNIMO (Tudo incluído)

Sábados - 140.00 Restantes dias - 120.00

Teatro

ESTREIA

AINDA ESTA SEMANA

Schweyk na II Guerra Mundial

de Bertolt Brecht

com **RAUL SOLNADO**

no protagonista

Bilhetes à venda a partir de 4.ª Feira, dia 17

Telef. 897017 — Não acons. a menores 10 anos

GRANDE EXPOSIÇÃO DE PIANOS E ÓRGÃOS

ELECTRÓNICOS E DE PALHETAS

PIANOS ALEMÃES
BECHSTEIN, HUPFEL, IBACH, STEINWAY & SONS

PIANOS JAPONESES
YAMAHA

PIANOS CHECOSLOVACOS
PETROF

PIANOS AMERICANOS (USA)
KIMBALL

ÓRGÃOS ELECTRÓNICOS E DE PALHETAS
Japoneses
YAMAHA
Italianos
LIRA

Condições especiais para venda e aluguer.

EM EXPOSIÇÃO NA R. NOVA DO ALMADA, 97 - LISBOA

VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8.56770, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Lagoa, de uma linha aérea a 15 kV com 247 m do poste n.º 16 da linha Subestação de Lagoa-Carvoeiro ao Posto de Transformação da Estação de Tratamento de Esgotos de Carvoeiro (Boa Vista).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 26 de Novembro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8.56448, do arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Lagoa, de uma linha aérea a 15 kV, com 396 m. do poste n.º 6 da linha para o posto de transformação de Lagoa ao posto de transformação da Estação de Tratamento de Esgotos de Lagoa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 26 de Novembro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins



Canal da Crítica

Sábado. Dia treze. Mário Soares que parte para Roma. Jorge Campinos, não sei quê, importante acordo com a Roménia. Medeiros Ferreira que regressa da Assembleia da N. A. T. O. O VI Governo governa, o VI Governo já pode governar. Já tem capacidade operativa. Medeiros Ferreira explica à gente como é. Assim: *Hoje em dia, podemos dizer que Portugal não constitui o tema central nem sequer uma preocupação para a Organização do Tratado do Atlântico Norte, dando que Portugal está verdadeiramente numa via democrática.* Será ele a dizer *hoje em dia...* e estou eu a recordar outros tempos, outros dias. Tenho os olhos nele por obrigação visual. Na realidade, transponho-o como se ele fosse uma vidraça. Estou a ver o capitão Clemente, a ouvir-lhe as primeiras palavras, manifestar o desejo de fazer desta televisão *uma voz ao serviço dos explorados* (ele até disse «explorados», mas todos compreenderam o engano) e *oprimidos deste país, isto é, ao serviço da vitória da Revolução Socialista...* As suas palavras vêm em cima do símbolo do «Poder Popular» a servir de mira técnica, e outras palavras mais e canções em fundo, *amor já se aproxima a nora de darmos as mãos e bailar, e também José Afonso: vinho velho, vinho novo, tudo a terra pode dar, deem as pipas ao povo, só ele as sabe guardar.* Assim por diante. Idealismo, romantismo, se-

menteira de ilusionismo, quando acabarão? Isto o que digo com os não botões da minha camisola. Organizar, sim, é o principal. Corajosamente, teimosamente, anonimamente, meu Deus, como é difícil morrer anónimo, como disse o poeta, e como é difícil anónimo viver...

Recuso-me a encarar tudo doutra forma que não seja um simples episódio. O Conselho da Revolução vai negociar com os pára-quadistas, nas calmas, discutir nas calmas, como entre verdadeiros camaradas, as reclamações deles. Acastelavam-se nuvens negras no horizonte, como se diz nos romances do século passado, e em alguns mesmo deste século. No primeiro Tejornal daquele dia, por exemplo, a reportagem da movimentação dos agrimetros e agrários em Rio Maior: *Estamos em plena estrada Lisboa-Porto, no alto das Bastias. Aqui, a população de Rio Maior e milhares de agricultores de onze distritos do país que estiveram presentes num plenário, formaram esta barricada como forma de luta...* Contestava-se a Reforma Agrária, diz-nos o locutor. Em perigo, pois, uma das maiores conquistas após 25 de Abril. Claro que os militares progressistas iam unir-se, encontrar uma plataforma de entendimento, iam lá guerrear entre si! Só se fossem loucos...

Soube-se que estes militares andam a encontrar-se para tratar do assunto. Renasce a es-

RECOMEÇAR TEIMOSAMENTE

perança, a grande esperança da unidade. Qual guerra civil, qual carapuça! Nem ameaças disso, quanto mais! Há forças à espera desse momento ideal, quem lho vai servir numa bandeja? Ameaça, perigo evidente de guerra civil? Pumba, agarra-se na moca, decreta-se o estado de sítio, suspendem-se liberdades, resolve-se a sombra da emergência o problema da imprensa não amiga ou domesticada, atira-se com os emissores ao ar, limpa-se de sangue impuro a Televisão e a Emissora, apagam-se unidades militares e atira-se para o fajedo do xelindró com uma data de oficiais *contra-revolucionários*. Limpinho! Não. Ainda não será desta que.

Esfrego os olhos. Evaporou-se o «Poder Popular». O Zeca Afonso. O capitão Clemente: *estão-me a fazer sinais, eu não sei se posso continuar, talvez seja melhor explicar aos ouvintes que...* Desapareceu, tocado pela varinha mágica. Ligação ao Porto, numa fracção de segundo. Tirar de uma ficha, meter noutra. Dar uma volta ao interruptor. Carregar num botão. Ah, a electrónica!

Foi tempo para Danny Kaye. Que cómico, que cómico, que cómico! Um faltar de ar, aquele desgraçado a pensarem que ele é outro, e ele a ser apenas Danny Kaye, a alombar com as malas, a ser perseguido, a loira a entrar com ele e ele sem saber que fazer com a vampe nos braços, os olhos fora das órbitas, o desgraçado

a correr perigo de morte e muito tranquilo, muito normal, pródigo de mesuras e trejeitos com a morte atrás dele, aí que ladrão, palavra de honra, há muito tempo que não me ria assim, ainda agora quando me lembro rio tanto que me ponho a chorar. Se não perceberem alguma palavra desta prosa, não estranhem: foi de certo alguma lágrima que me caiu dos olhos e a apagou.

Levanto a cabeça por momentos pousada nos braços. Volto a fixar o televisor, após vinte dias de interrupção. Esta chaga de ver Fialho Gouveia nos estúdios do Porto há-de curar-se. Terei força bastante para continuar a olhá-lo e mais ao Gomes Ferreira, imagens quase esquecidas, imagens felizes como a dos cágados que se espreguiçam ao sol, acabada a hibernação.

Hei-de ter força. Havemos de ter. Para esta televisão. Para tudo o mais. Como disse o poeta: *Era impossível ser, com tantos olhos, cego, e, tendo tantas mãos, perder a confiança.*

Até amanhã, amigos.

MÁRIO CASTRIM

S. R.
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Olhão, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/56190, do arquivo 5460, para o estabelecimento no lugar e freguesia de Fuzeta, concelho de Olhão, de uma linha aérea a 15 kV com 0,8 m. do poste n.º 2 da linha para o 2.º posto de transformação de Fuzeta ao posto de transformação da Estação de Tratamento de Esgotos de Fuzeta.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

República de Licenciamento, em 20 de Novembro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Hoje



«Legenda do Cidadão Miguel Lino»

PROGRAMA

- 19.00 Programa produzido pelo departamento de programas juvenis e infantis
- 19.25 Teledesperto. As actividades desportivas
- 19.55 Das artes e ofícios
- 20.30 Tejornal — 2.ª edição Noticiário do País e do estrangeiro
- 21.00 Teatro «Legenda do Cidadão Miguel Lino» de Miguel Franco. Cenógrafo: António Desmoro. Produtor: Teatro Maria Matos. Música: Siegfried. Realizador: H. Peyroteo. Intérpretes: Adelaide João, Andrade e Silva, Armando Cortês, Amândio Taveira, Benjamin Falcão, Carlos Cabral, Carlos Santos, Carlos Veríssimo, Eugénio Estrito, Fernando Borsatti, João de Carvalho, José Brás, José de Castro, José de Carvalho, José Lito, Lourdes Norberto, Madalena Braga, Reis Jorge, Rui de Carvalho e Victor de Sousa
- 22.55 Expedição
- 23.20 Tejornal — 3.ª edição
- 23.40 Fecho.

II PROGRAMA

- 20.30 Abertura e desenhos animados
- 20.45 Floris Von Rosemundo série filmada
- 21.15 Música, Música! Festival Internacional de Jazz de Cascais — 1975. Realização de Vítor Manuel
- 22.45 Tejornal. Em diferido a edição 2 transmitida no I Programa
- 23.45 Fecho.

DESTAQUES

I PROGRAMA

Teatro «Legenda do Cidadão Miguel Lino» (21.00)

II PROGRAMA

Música, Música (21.15)

Amanhã

I Programa

1.º Período

22.45 Abertura e «Dinheiro, Comida e Saúde»; 23.15 Tejornal — 1.ª edição; 23.30 O Perigo e a minha Profissão. Série filmada. 24.00 Logo a noite, Cartaz dos Teatros e Cinemas. Ciclo Preparatório TV; 24.10 Língua Portuguesa 2.º ano; 24.45 Matemática 1.º ano; 25.00 Francês 2.º ano; 25.25 Ciências da Natureza 1.º ano; 26.50 Educação Visual 2.º ano; 27.10 Matemática 2.º ano; 27.25 Língua Portuguesa 1.º ano; 28.00 Trabalhos Manuais 1.º ano; 28.25 Francês 1.º ano.

2.º Período

19.00 Programa produzido pelo departamento de Programas Juvenis e Infantis; 19.30 O Perigo e a minha Profissão. Série filmada. 20.00 TV Pelos 50.º Anos (produzida por Águas Caldas); 20.30 Tejornal — 2.ª edição; 21.00 Programa transmitido do Estado Maior General de Armas Armadas; 22.00 Música, Música; 22.55 Expedição; 23.45 Fecho.

II PROGRAMA

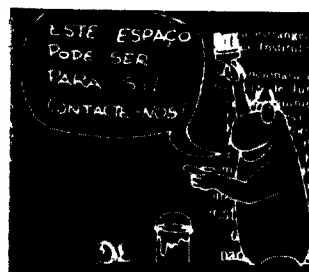
20.30 Abertura e um episódio da série O Perigo e a minha Profissão. 21.00 Clássicos do Cinema. 22.50 Tejornal em diferido a edição transmitida as 20.30; 23.30 Fecho.

antigamente,
o constantino bebia-se
“quando o rei fazia anos...”
hoje, a mesma qualidade
está ao alcance de todos

...todos os dias!



Constantino... a fama que vem de longe



PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Distribuição e reparação de peças
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto



Manuel Fernandes em acção: três golos definem rara produtividade

Nacional de futebol profissional

Belenenses marca passo

Foi no sábado à tarde que o Belenenses marcou passo na conquista dos pontos que estabelecem a ordem de valor dos participantes no campeonato maior: e foi um tanto ou quanto inesperadamente, já que poucos eram os que iam jurar que os pupilos de Peres Bandeira escorregariam frente a Leixões. Mas aconteceu: e o que mais surpreenderá na derrota serão os três golos sofridos por Melo.

Ainda no sábado, o Atlético sentiu fortes dificuldades perante um União de Tomar que, para além da necessidade de pontos, começa também a sentir a mingua dos escudos no cofre da secretaria. Um único tento bastou para que os al-

cantarenenses chamassem a si os dois pontos em equação.

Ontem, à tarde, os restantes seis jogos: no Lavradio e no Estoril, as raras vitórias de visitantes; os únicos, portanto, a merecerem espaço especial pelos motivos apontados em título. Nos restantes, alguma coisa para dizer, passadas 24 horas sobre a sua realização. Para a história da 12.ª jornada do campeonato maior, a nítida vitória do Sporting sobre o Braga, no cenário do Estádio Nacional, muito embora a concretização da esperada superioridade acontecesse apenas no segundo tempo. Também o expressivo triunfo do Vitória de Guimarães sobre o seu homónimo de Setúbal, a dizer da crise que passa pelas margens do Sado. Ainda a luta rejuvenescida na cauda da classifi-

cação, com o triunfo do Beira Mar sobre um Académico que só cedeu na parte final. Finalmente, o triunfo alcançado pelo Boavista (no seu Bessa) sobre o Farense, que sonhou ainda com a possibilidade de ser ele a travar um dos comandantes; durante 42 minutos conseguiu suster os ataques axadrezados mas, depois, dois golos de rajada ditaram a sorte do duelo.

No conjunto de todos os resultados, temos ainda o trio de comandantes (Benfica, Boavista e Sporting) em igualdade pontual e, agora, mais distanciado do quarto classificado, que é o Belenenses; o F. C. do Porto «livrou-se» do companheiro chamado Estoril, mas está longe dos da vanguarda. Mesmo pensando que o Benfica-Sporting está à porta (dia 28) e que logo a seguir terá alguns dessa esgrima como parceiros...

No que diz respeito à divisão secundária, temos a assinalar, na zona Norte, ainda a invencibilidade do Salgueiros (de Meirim) caso único nos dois blocos; e a carreira fulgurante que o Portimonense está a fazer, ocupando desde já o topo da zona Sul. Mas, vamos aos resultados de ontem, na zona Norte: Gil Vicente, 0-Salgueiros, 1; U. Lamas, 0-Penafiel, 1; Varzim, 3-Riopele, 0; Chaves, 3-Régua, 1; Espinho, 0-Feirense, 0; Paredes, 2-Fafe, 0; Famalicão, 0-P. Ferreira, 0; Vilanovense, 3-Alba, 0; Covilhã, 3-Sanjoanense, 0 e Marinhense, 2-Lourosa, 1. Na zona Sul: Sesimbra, 2-Barreirense, 1; Lusitano, 2-Peniche, 1; Portimonense, 4-Montemor, 0; Oriental, 1-União de Leiria, 1; Torres Novas, 1-U. Santarém, 0; Olhanense, 1-Marítimo, 0; Montijo, 1-Almada, 0; Torriense, 1-Sintrense, 0; Caldas, 1-Juventude, 0 e Estrela, 2-Esperança de Lagos, 1.

TOTOBOLA

A chave

CUF - Benfica	2
Boavista - Farense	1
Beira-Mar - Académico	1
Estoril-Porto	2
Guimarães - Setúbal	1
Varzim - Riopele	1
Vilanovense - Alba	1
Gil Vicente - Salgueiros	2
Marinhense - Lourosa	1
T. Novas - U. Santarém	1
Lusitano-Peniche	1
Olhanense - Marítimo	1
Sesimbra - Barreirense	1

Besrespeito estraga espectáculo

Ontem, mais uma vez, a carência de disciplina desportiva veio ao de cima: foi no Lavradio, onde o Desportivo da Cuf recebia o Benfica, e onde a indisciplina de alguns jogadores acabou por estragar um espectáculo que (até) estava a decorrer com agrado geral.

Seria difícil apontar o dedo acusatório na direcção de um nome responsável; será mesmo uma aventura atirar para a fogueira das culpas dois ou três nomes com o rótulo de iniciadores dos actos verificados: o mais lógico, será responsabilizar todos os profissionais que pisaram o relvado do Lavradio, já que poucos foram excepção a fugir à regra da indisciplina.

Foi Juvenal (ainda no primeiro tempo) o causador de toda a onda de desrespeito que transpareceu do relvado do Barreiro para os ecrãs-TV de todo o País? A pergunta terá de ser posta, já que Malta da Silva ficou com os pitons bem marcados na canela direita. Tão bem marcados que, quase ao findar o desafio, ainda se

lembrava do incidente: e isso levou-o a cabecear a nuca do seu adversário directo, em nítida jogada de «ficamos pagos».

Mas, o que ficou na retina, por mais a ferir, foi a atitude incorrecta, antidesportiva e altamente condenável de Vítor Baptista, quando ao discordar de uma decisão de um fiscal-de-linha, atirou furiosamente a bola contra o solo, alargando-se em gesticulações nada convincentes. Ora o profissional do futebol (seja qual for o emblema na sua camisola) tem de aprender, de uma vez por todas, que é forçoso respeitar o seu adversário (profissional como ele) e aceitar os princípios básicos do jogo; os fundamentos que ditam que há um árbitro e dois juizes de linha que são os verdadeiros donos do jogo. E, mais: que à volta dos rectângulos está uma multidão que pagou o seu bilhete para ver um espectáculo desportivo e nunca um desafio de caça ao homem.

O recado que hoje aqui fica expresso não vai apenas para Juvenal, Malta da Silva e Vítor

Baptista; ele dirige-se, também, a Diamantino, que ensombrou a sua actuação com rasante desnecessária a um companheiro de espectáculo, a Eduardo (que, justamente, com Vítor Baptista viu o cartão amarelo). Ainda neste capítulo não pode ficar esquecida uma palavra de alto apreço para com o defesa Artur (do Benfica) que, rotulado de **temperamental e duro** tomou atitude digna quando o «sururu» se esboçou junto da lateral, perto da superior: alheou-se do incidente, ficou onde estava e não fez como Conhê e José Henriques que correram dos seus locais de exibição ao local da fogueira... para deitarem mais algumas achas...

À parte tudo isto, o Benfica acabou por ser feliz nesta deslocação ao Lavradio; de onde trouxe dois pontos quando, na verdade, poderia (deveria?) ter lá deixado um; porque a última meia hora fabril, bem merecia o prémio do empate...

O.D.A.

S.  R.
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Mértola, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8 56600, arquivo 5460, para o estabelecimento nas freguesias de Mértola e S. João dos Calvários, concelho de Mértola do 2.º troço da linha a 15 kV subestação de Mértola subestação de Castro Verde com 12 289 m do poste n.º 20 desta linha (antigo 243 da linha Serpa-Mértola) ao poste n.º 992.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Novembro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S.  R.
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Almôndôvar, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8 56854, arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia e concelho de Almôndôvar de uma linha aérea a 15 kV com 1553 metros do poste n.º 9 da linha Almôndôvar-Corres Aves ao posto de transformação da Captação de Águas para Almôndôvar (Monte Clérigo).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

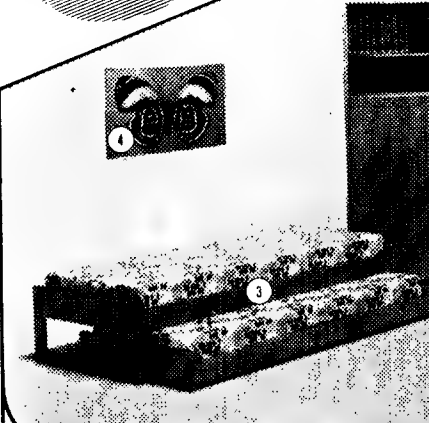
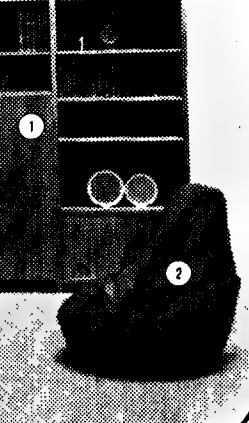
Repartição de Licenciamento, em 5 de Dezembro de 1975

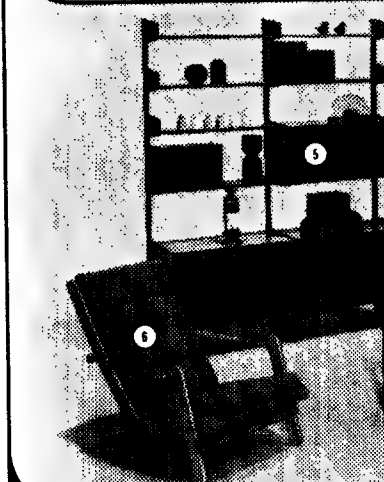
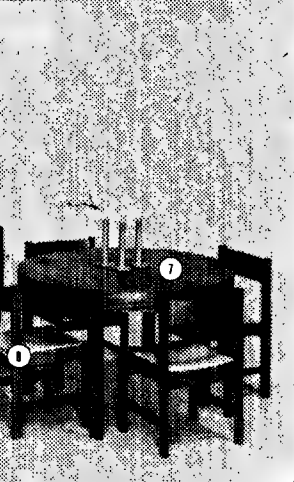
O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

**CONFORTAVELMENTE
ECONÓMICO**

OLAIO

**feito
fabricado
em Portugal**

**Um Natal
mais feliz
num ambiente
mais cómodo
com móveis
OLAIO.**

1 - 4325\$00
2 - 1600\$00
3 - 4000\$00
4 - 655\$00
5 - 6495\$00
6 - 1950\$00
7 - 4400\$00
8 - 660\$00

* Sem colchão
Entrega sem encargos

LISBOA - Rua da Atalaia 36-46 - Praça de Alvalade, 18
Rua Pascoal de Melo, 83 - Rua Ferreira Borges, 26

PORTO - Rua 31 de Janeiro, 225/9
COIMBRA - Rua Rosa Falcão, 11/3
FUNCHAL - Rua 31 de Janeiro, 73/4

Desporto

Estoril derrotado: 1-3 Porto no Forum sobre o título

Comentário por NEVES DE SOUSA

Com uma tranquilidade mais aparente que real, o Futebol Clube do Porto ultrapassou o «obstáculo-Estoril», não desfazendo a pegada dos dominadores do campeonato nacional, como que a mostrar que tem uma palavra (ainda) a proferir, dentro do ringue em que vai jogar-se o título. Porém, um surpreendente e inacreditável erro de arbitragem, foi assinado pelo conceituado farense César Correia, que desbravou o caminho portista para o êxito. Com efeito, raramente vimos um tão clamoroso «fora-de-jogo» ser observado placidamente por um juiz: e daí resultar o golo de Seninho, que fica como nódoa espantosa numa direcção de partida mal apoiada pelos fiscais João Gralho e Odílio Raimundo, a precisarem de serão para reverem o que estudaram (em tempos) sobre a lei imutável que corta as vassas a quem se apresenta, perante redes contrárias, em posição de irregular privilégio.

Foi (não há dúvida) um falhanço a 360 graus. Dos que dão toda uma volta à esgrima que está a processar-se sobre os olhares de milhares: e, ontem, o campo dos «amarelos» viu (talvez) a enchente que fará desaguar, nos bolsos dos jogadores estorilistas, o que lhes faltava receber em referência aos ordenados de Outubro e, também, boa maquia da cobrança de Novembro. Clube de características locais, sem falange de apoio altamente significativa (em matéria numérica) o Estoril precisava deste espectáculo como de pão para a boca. Dai que (quem sabe?) que a desventura do **golo-abre-lata** do Porto não tenha criado mais engulhos que os que se viram: João Lachever e Silva, dirigente e massagista da turma da casa, quase esmolando a um bandeirinha a **grandeza** honesta do revirar de conceito, do reparar de erro. Mas, de nada serviram os seus correctos protestos: o remate autorizado a Seninho seria consagrado pelo árbitro como golo. E a história ficou escrita: ao minuto 25, o vencedor do cotejo estava indicado.

Viveu-se muito perto de um nulo que, em função da primeira parte do Estoril, não sur-

prenderia: contudo, em consciência e verdade, pelo que realizou o grupo «azul» durante o tempo complementar, fica mais que justificado o triunfo.

António Medeiros esquematizou as coisas do modo habitual: Nelson Reis a obstruir o caminho do **mais difícil** dos contrários (Cubillas) dando a Eurico a liberdade de andar por onde lhe aprovesse. Descurou a marcação a Octávio, cedendo-lhe terreno: mas, não foi por aí que os **autênticos** golos surgiram, já que Octávio (muito aplicado) está fora de forma, embora denote o seu calibre na condução da bola. Nada, (porém) que se iguale ao presente Cubillas: que desequilibraria o fiel da balança em toda a segunda metade, quando Fernando rendeu Nelson e deu asas ao peruano dos cento e tal **miles** por mês.

Antes de avançar, digamos ao leitor que foi exactamente no diferencial (**\$\$\$**) entre as duas formações que morou a razão mor da fuga do Porto à colagem. «Team» pago a ouro (e a tempo e horas...) não pode esgotar as aspirações ao ceptro numa dúzia de rodadas de longo campeonato. E, sabendo-se como o Estoril apareceu nesta prova, mais desejoso de não regressar a palco inferior que em cancelar **brilhantes**, logo se vislumbra como o «pressing» nortenho chegou a colocar o marcador em 3-0: um segundo golo todo obra de Cubillas (lance de génio, com dribles a quatro do outro emblema, inclusive guarda-redes) com cedência final a Oliveira, que estava à porta da baliza para empurrar a bola e, no terceiro remate vitorioso, o toque (recebido de Dinis) a seguir direitinho às malhas, com força e habilidade, tudo o que define o fora-de-série de um «show», o Ivan Rebhoff ou a Liza Minelli, aqueles que recebem milhões pelo mesmo tempo em que os **peões** auferem o ordenado da tabela.

Perguntará o amigo que faz o favor de me ler: mas, como aconteceu a comodidade portista, depois de 74 minutos de incerteza? Muito simplesmente: porque Cubillas tinha pernas e imaginação, porque houve rectificação no seu

meio-campo e, ainda, porque a queda facial de algumas unidades estorilenses foi um facto, apenas reduzido quando Bira (de cabeça, em fúria) amortizou o «placard» e, depois, Quim e Clésio tiveram ensejos soberanos de desfeitearem o pouco cansado Tibi.

Dois treinadores jogaram as cristas, com o dinheiro de que dispunham para apostar nas cartas do «póquer»: Medeiros rendeu Nelson Reis em altura controversa e esqueceu-se de, mais para trás, ter outro homem à espera do sul-americano. Stankovic que, contra o propagandeado pelo homólogo do Estoril, esteve firme no banco dos responsáveis (ainda que indocumentado para tal...) apareceu com um esquema insólito, em que Alinho deveria funcionar como «libero» para além da sua defesa e Simões ficava quase colado às 18 jardas, daí não arredando nem para aquecer as pernas. E, de facto, a coisa lá ia andando: só que, quando Nelson saiu e Fernando, esgotada a sua capacidade física, ficou entregue ao destino caprichoso dos ressaltos de bola, nada mais havia a fazer. A tentativa da troca Norberto-José Torres somente provocou dois factos: o recuo de Alinho para o diálogo directo com o longilíneo veterano e uma soberba «cabeça» do «gigante», a obrigar Tibi à defesa da tarde, embora o disparo tivesse sido feito a bons vinte metros do risco fatal.

Houve coisas muito curiosas na conversa: **frases** de Quim (excelente a ordenar, mas infeliz no «tiro»), uns chutos aéreos de Alinho que ninguém poupou à rítoa, umas entradas de Gabriel (sem cravo, mas à canela) que iam resvalando para o aborrecido, ainda que não tenha partido a tibia a ninguém, bendito seja Deus.

Mais: dois bons «mergulhos» de Ruas (suplente de Rui Paulino, tornado efectivo pelo menos até que o Estoril pague ao Farense perto de duas dezenas de contos pela «carta de alforria») do «ex-algarvio», uns «raíds» de Oliveira que denunciaram o apuro da sua arte, umas trocas de pés que catalogam Seninho como bom executante e, sobretudo uma completa atenção de João Carlos às actividades na sua zona onde (aliás) Carlos Pereira actuou muito disciplinadamente e tanto Vieirinha como o esforçado Bira fizeram quanto se lhes podia exigir ante «craques» milionários que, nalguns casos (Dinis) estiveram apáticos e alheios à progressão rápida e eficiente. Por falar nisso, o Estoril está a braços com caso igual: Cepeda continua a alternar jogos sensacionais com outros que, como na tarde gélida deste domingo da ressurreição do nosso trabalho, passou os 90 minutos a correr para o lado contrário, quase apostado em chutar de encontro ao seu guarda-meta. Clésio (retraído) e Norberto (trapalhão) não ajudaram no assédio à rede de Tibi: e temos assim, bem explicado, o semifracasso amarelo. Sem ovos não há omeletas. Isto é: sem atiradores nunca nin-



O contestado golo de abertura. Seninho vai ultrapassar Ruas perante a passividade de Bira e um gesto estranho de César Correia, como que a dizer que o seu auxiliar na lateral marcava (ou não...) o fora-de-jogo

guém pode esperar golos.

Resta dizer que, para além do falhanço da jornada (o tal golo consentido por César Correia a Seninho, quando este se localizava uns bons metros à frente de todos os colegas protectores de Ruas) o trio directivo da sessão teve alguns outros erros em jogadas paralelas, re-

flectindo uma cega confiança de Correia nos seus pares, na-

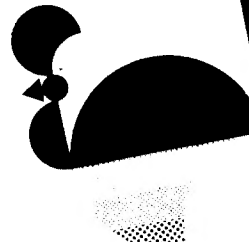
da justificada pelo andar da carruagem: o **enterro** de uns podia acarretar o **funeral** do «sheriff» da cidade.

E, vale a pena (novamente) focar como é diferente o futebol jogado por Cubillas, quan-

do o deixam puxar do compêndio ou ele está para aí virado: tanto no aproveitamento dos cruzamentos de Murça, como na recolha de endosses (por Dinis, Octávio, Oliveira), sempre o mesmo pormenor diferente. Um rapaz notável, este **cinco-ministros** que faz a festa e deita os foguetes.



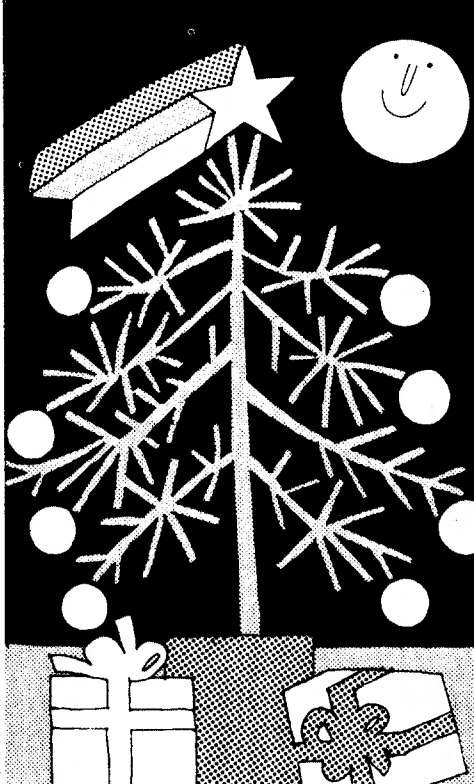
Choveram os protestos. Um «linner» ameaça e aponta, estorilistas calam-se enquanto Medeiros empurra para longe os seus jogadores e alguns companheiros de «banco»



Faça férias Portuguesas!

ESPECIAL

NATAL E FIM DO ANO EM PORTUGAL




**PARTICIPE
NESTE PROGRAMA ESPECIAL
E HABILITE-SE A VIAGENS
E ESTADIAS GRÁTIS NAS POUSADAS DE PORTUGAL**

**CONSULTE
AS AGÊNCIAS
DE VIAGENS**

Geral

O choque de comboios

Continuação da pag. 1

levemente atrasado. Ainda assim, é igualmente certo que o comboio dos emigrantes já aguardava o «Sud» quando este foi embater naquele, em Formosinho de Algodres. Aliás, a composição saída de Santa Apolónia deveria ter cruzado com a outra em Mangualde, o que não chegou a acontecer.

Outras informações obtidas pelo «DL» apontam para as 21.35 como a hora exacta do choque dos comboios.

Entre os mortos, contam-se seis ferroviários, provavelmente

Comboio trucidado vacas

VILA NOVA DA BARÓNIA, 15 — Circulando a uma velocidade de 100 km/h, o comboio de ontem das oito horas, Barreiro-Beja, trucidou 10 vacas, à saída da Ponte da Ribeira de Oliveira, entre as estações de Alvito e Cuba. Eram 11 as vacas trespalhadas, sem guardador. Uma se salvou.

te os que seguiam nas composições dianteiras.

Sabe-se, entretanto, que foi aberto rigoroso inquérito às causas do desastre.

FERIDOS GRAVES

Identidade de alguns feridos internados no Hospital de Viseu:

Ana da Costa Campos, de 26 anos, Vila Chã de Sá, Viseu; Isabel Maria da Costa, de 29 anos, Rua 21 de Agosto, Viseu; Devie Depoulette, de Dugny, França; Manuel Joaquim Espada Galhe, 36 anos, Minas das Lousas, Grândola; José Joaquim Caveleiro Fausto, de 44 anos, Albergaria dos Fusos, Cuba; Vítor Manuel da Costa Losne, de 3 anos, filho de Leonildo Maria Piedade Losne (também ferido), de 32 anos, da Rua José Lopes de Sousa, Olhão; Joaquim António Baião, de 41 anos, Monte do Gato, Mértola; Serafim Manuel Coelho Branco, Praça D. Pedro IV, 93, Lisboa; Delfim de Oliveira Marques, de 62 anos, Rua do General Justiniano, 25-2, dt. Lisboa; António Manuel Domingos, de 45 anos, do Lugar de Chouça, Queimada, Castro Marim.

Entretanto, um dos feridos, José Augusto Espírito Santo, de 28 anos, de Oargens, Viseu, foi transportado para o Hospital de Coimbra, com fractura de crânio.

Factos desportivos

■ Joaquim Agostinho empregou-se: passa a alinhar pela equipa espanhola Tekla, onde se apresentará lado a lado com Fernando Mendes, igualmente dispensado pelo seu clube português.

■ O hoquista Virgílio (do Benfica) transferiu-se para o Portonone (Itália). Preço da troca, durante sete meses: viagens e estadia pagas, com um complemento de 250 contos.

■ A Associação de Atletismo do Minho foi (finalmente) admitida na Federação. Assim, fica para segundo plano a réplica desencadeada pela Associação dos Desportos de Braga.

■ Carlos Lopes (Sporting) e a turma do Benfica foram os melhores na 21.ª Ligeira de Ovar.

No Torneio de Abertura, de Hóquei em Patins, o Sporting derrotou o Benfica (por 5-2) e igualou o Sotomayor, no comando da classificação, beneficiando do empate dos bancários (2-2) frente à Académica da Amadora.

■ Manuel Orantes é campeão de Espanha, em ténis. Na final,



Torneio infantil de futebol, promovido pelo Sporting: joga o S. João de Brito com o «Mundo Desportivo» e o êxito sorriu (2-0) à turma escolar, onde o filho de Hilário (na imagem) funcionou como vedeta

bateu António Muñoz, por 6-2 e 6-4.

■ O Internacional (de Porto Alegre) é campeão do Brasil, em futebol. Na final, bateu o Cruzeiro (de Minas Gerais) por 1-0, com tento assinado por Figueiroa. Flávio (ex-F. C. do Porto), foi o melhor marcador da competição.

■ Humberto Coelho infeliz no campeonato francês: o seu empenho o empate perante o Bastia (3-3). Marselha marcha em 5.º (cinco pontos do «leader») e Paris (18) apenas tem quatro competidores atrás de si. blema (Paris St. Germain) continua a coleccionar derrotas. Ontem: 0-3 face ao Mónaco. Por seu lado, Yazalde (Olympique de Marselha) contribuiu

Nomes e números

ATLÉTICO, 1- U. DE TOMAR, 0

Jogo na Tapadinha. ATLÉTICO: Barbosa, Coelho, Luís Horta, Candeias e Franque; José Eduardo, Baltasar, Mário Wilson e Fernando Martins; Amaral e Avelar. UNIÃO DE TOMAR: Silva Morais; Kiki, Zeca, Faustino e Carvalho; Calado, Florival e Sarmiento; Camolas e Bolota. Golo de Luís Horta, aos 56 minutos. Substituições: Cardoso rendeu Faustino e Prieto substituiu Fernando Martins, ao intervalo; no segundo tempo, Guerreiro entrou para o lugar de José Eduardo e Camolas foi rendido por Fernando. Arbitrou Manuel Poira (Faro).

LEIXÕES, 3- BELENENSES, 2

Jogo no Estádio do Mar. LEIXÕES: Serrão; José Manuel, Adriano, Cidon e Raul; Frasco, Vaquero e Bené; Esteves, Albertino e Folha. BELENENSES: Melo; Sabinha, Quaresma, Freitas e Cardoso; Pietra, Isidro e Pincho; Vasques, Artur Jorge e Leitão. Golos: Artur Jorge (23), Esteves (40 e 48), Albertino (60). Substituições: Albano para o lugar de Folha; Lúcio no posto de Serrão e Ramalho a render Isidro. Arbitro: Inácio Almeida (Setúbal).

C.U.F., 0- BENFICA, 1

Jogo no Lavradio. C.U.F.: Conhê; Vieira, Castro, Vicente e Esteves; Arnaldo, João Pedro e Vítor Pereira; Araújo, Eduardo e Juvenal. BENFICA: José Henriques; Malta da Silva, Mesias, Barros e Artur; Toni, Vítor Baptista e Sheu; Nenê, Jordão e Diamantino. Golo de Vítor Baptista, aos 17 minutos. Apenas uma substituição: a de Moimhos para o lugar de Sheu. Cartão amarelo para Eduardo. Vítor Baptista e Hamilton Marques (massagista do Benfica). Arbitro: Jaime Loureiro (Porto).

BOAVISTA, 3- FARENSE, 0

Jogo no Bessa. BOAVISTA: Botelho; Trindade, Mário João, Carolino e Tai; Barbosa, Alves e Acácio; Francisco, Mário, Mané e Salvador. FARENSE: Ismael; Jaime, Cardoso, Sérgio e Lameira; Almeida II, Chico Ze e Manuel José; Domingos, Mirobaldo e Jacques; Golo de Alves (38), Salvador (45) e Tai (60). Substituições: José Inácio e Manuel Fernandes renderam, ambos aos 27 minutos, Chico Ze e Mirobaldo. Arbitro: Lopes Martins (Lisboa).

SPORTING, 4- SPORTING DE BRAGA, 1

Jogo No Estádio Nacional. SPOR-

BEIRA-MAR, 1- ACADÉMICO, 0

Jogo no Estádio Mário Duarte, em Aveiro. BEIRA-MAR: Rola; Marques, Guilla, Soares e Almeida; Quim, Guedes e Rodrigo; Manecas, Sapinho e Sousa. ACADÉMICO: Helder; Brasfemes, José Freixo, Alinho e Araújo; Gervasio, Mário Campos e Freitas; Maria, Gregório, Freixo e Vala. Golo de Sousa, aos 27 minutos da 2.ª parte. Substituições: Rogério rendeu Freitas e António Jorge ocupou o lugar de Vala; Cândido rendeu Marques e Jorge substituiu o lugar de Quim. Arbitro: Leitão Soares (Leiria).

GUMARÃES, 4- VITÓRIA DE SETÚBAL, 0

Jogo no Municipal de Guimarães. VITÓRIA DE GUMARÃES: Sousa; Ramalho, José Carlos, Torres e Osvaldinho; Pedroto, Abreu e Almíro; Pedrinho, Tito e Rui Lopes. SETÚBAL: Torres, Lino, João Cardoso, Carlos Cardoso e Caica; Carvalho, Manaca e Wagner; Tito, Arcanjo e Edson. Golo de Tito (8 e 70), Pedrinho (11) e Rui Lopes (80). Substituições: José Maria para o lugar de Carvalho e Formosinho para o posto de Edson. Arbitro: Mário Borges (Porto).

ESTORIL, 1- F.C. DO PORTO, 3

Jogo na Amoreira. ESTORIL: Ruas; Vieira, João Carlos, Mira e Carlos Pereira; Eurico, Nelson, Reis e Quim; Norberto, Clesio e Cepeda. F.C. DO PORTO: Tibi; Murça, Ronaldo, Simões e Gabriel; Alinho, Octávio e Cubillas; Oliveira, Seninho e Dinis. Golos: Seninho (25), Oliveira (74), Cubillas (82) e Bira (85). Mudanças, na 2.ª parte: Nelson por Fernando e Norberto por Torres. Juiz: César Correia (Faro).

CLASSIFICAÇÃO: Benfica, Boavista e Sporting, 20 pontos; Beelenenses, 16; Porto, 15; Guimarães, 14; Estoril, 13; Braga, 11; C.U.F. e Atlético, 10; Setúbal e Leixões, 9; Farense e Tomar, 7; Académico, 6; Beira-Mar, 5.

Tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era geralmente fraco do Noroeste e caíam aguaceiros no Algarve.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	5°
COIMBRA	4°
PORTALEGRE	3°
LISBOA	4°
FARO	9°
FUNCHAL	14°

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA		
Máxima	16,6°	
PENHAS DA SAUDE		
Mínima	01,2°	

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	13,6°
Atmosfera	6,8°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

1.51	3,4 m	7.32	1,4 m
14.11	3,4 m	19.48	1,3 m

Dia 16

2.36	3,5 m	8.15	1,2 m
14.56	3,5 m	20.28	1,1 m

Dia 17

3.17	3,7 m	8.54	1,1 m
15.38	3,6 m	21.06	1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento geralmente fraco de Leste e Sueste; períodos de chuva ou aguaceiros em especial a Sul do Tejo; possibilidade de queda de neve nas regiões do interior, centro e norte do País com altitudes superiores a cerca de 800 metros; subida de temperatura nas regiões do Sul.

AMANHÃ

NAScer AS

8.48

OCASO AS

18.16

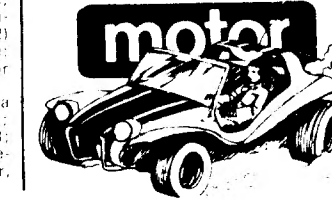


EMISSORA NACIONAL

1.º PROGRAMA: Noticiários (às 07.00 08.00 09.00 10.00 11.00 12.00 13.00 15.00 16.00 17.00 18.00 19.00 20.00 22.00 23.00 24.00)

ESTE ESPAÇO PODE SER PARA SI!

CONTACTE-NOS!

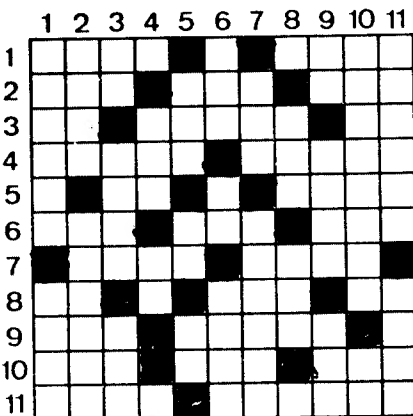


palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11246

HORIZONTAIS:

- Aquele que levanta.
- Lava das feridas dos animais. Felicidade. Agora.
- Erbo (s.d.). Rostos. Artigo definido (ant.).
- Raspar. Pessoa magra (fig.).
- Artigo definido. Moderato.
- Docura. Virtude. Filtra.
- Caruma. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria.
- Átomo. Caminho. Atmosfera.
- Maior. Enguias.
- Naquele lugar. Nome de fruto. Seguias.
- Nome de mulher. Doutrina.



VERTICAIS:

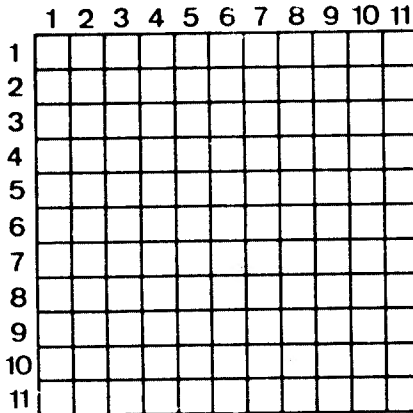
- Tencionam. Estimam.
- Dáurros. Paramento em forma de tira larga que o padre traz em volta do pescoço.
- Palavra latina pela qual comecam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Sova. Zombar.
- Cabelos brancos. Miriãre.
- Botequim. Bário (s.d.). Pronome Pessoal.
- Ente. Lê. Existe.
- Desgracia. Mulheres da Mauritânia.
- Preposição. Extremidade do braço.
- Cobalto (s.d.). Chinela (Prov.). Fecho as asas para descer mais depressa.
- Lavrem. Agora. O mais.
- Salgadada. Nome de flor.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7406

HORIZONTAIS:

- Apelido. Vila e concelho do distrito de Aveiro.
- Intimidai.
- Baús. Página.
- Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. Escalher. Montão.
- Libertas inteiramente de uma obrigação.
- Vai pelo ar com grande velocidade. Um dos estados da América.
- Pertences. Arteria. Alternativa.
- Preposição e artigo definido. Oferece. Cobalto (s.d.).
- Cruel. Eial.
- Nome de pássaros.
- Preposição. Irmã.



VERTICAIS:

- Cidade de Portugal. Reis.
- Tempo do verbo ir. Gumes de lâminas. Filtre.
- Favorito e ministro de Basuero, rei dos Persas. Bário (s.d.). Arão.
- Presta bom ofício. Grande médico francês discípulo de Pasteur.
- Agucou. Prefixo de negação.
- Escavara. Cidade à entrada do mar Vermelho.
- Futeis. Compaixão. Aniversário.
- Nesse lugar. Corisco. Escudeiro.
- Trilhou. Senhor.
- Figura que simboliza o povo americano. Cério (s.d.).
- Aeriforme. Frâncio (s.d.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11245

HORIZONTAIS:

- O. Agastar.
- Sola. SONO.
- Ca. Para. Cor.
- Asa. Roi. Art.
- Ri. Amara. Ea.
- Cama. Ores.
- Com. Ras.
- Asada. Arcar.
- Rã. E. Moro.
- Pag. Ama. Arc.
- Alago. IRMAO.

VERTICAIS:

- Oscar. Campa.
- Oásicos. Al.
- Al. Amarga.
- Gap. Am. DA.
- Armara. Ao.
- Seroa. Em.
- Airosa. Ai.
- As. Rm.
- Roca. Escoam.
- Noras. Arra.
- MORTE. Troco.

PROVERBIO: O SONO E IRMAO DA MORTE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7405

HORIZONTAIS:

- Sai. Aaz. Vãs.
- AC. Si. Acera.
- Rocas. Sarar.
- Aram. Saba.
- Mesas. Ecar.
- Ro. Ra.
- Parra. Atava.
- Afram. Matar.
- Rimo. Sora.
- Coa. Sem. Lar.
- Ouros. Idosa.

VERTICAIS:

- Saram. Parco.
- Acore. Afrou.
- Cás. Rimar.
- Samarão.
- Be. Soam. SS.
- As.
- Zas. Eram. Mi.
- Cascatas.
- Verao. Atalos.
- Araba. Varas.
- Sarar. Arara.



LISBOA

TURNO G-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA

Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (tel. 638256)

ALFAMA

Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (tel. 863940)

ALVALADE

Sanex, Avenida da Igreja, 31-C (tel. 717505)

BAIRRO DOS ACTORES

Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental, lado Sul) (tel. 842152)

BAIRRO DA ENCARNACÃO

Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216)

BAIXA

Azevedos, Rossio, 31 (tel. 327478)

BENFICA

União, Estrada de Benfica, 592 (tel. 700092)

CAMPO DE OURIQUE

Porfírio, Rua Francisco Meirass, 59-B (tel. 663349)

ESTRELA

Gama, Calçada da Estrela, 130 (tel. 660339)

LAPA

Carrasco, Rua Presidente Azevedo, 39 (tel. 667460)

LUMAR

Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 77 (tel. 790480)

PICHELEIRA

Marluz, Calçada da Picheleira, 140-A/B (tels. 720703-728395)

PENHA DE FRANÇA

Dimar, Rua Conde Monsaraz, 17-B (tel. 842533)

REGO

G. Silva, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (tel. 771873)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (próximo do Hotel Sheraton) (tels. 48966-553601)

TURNO G-2

TODA A NOITE

AJUDA

Tapada, Calçada da Tapada, 38-A (tel. 634721)

ALVALADE

Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (tel. 765252)

Celta, Rua Moura Girão, 3-B (tel. 710621); João XXI, Avenida João XXI, 16-A (tel. 726462)

AREIRO

Avenidas (das), Avenida da República, 27 (tel. 533688)

CAMPOLIDE

Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (tel. 684424)

CARNIDE

J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (tel. 780969)

ESTRELA

Paivas e Parente, Rua de Santo António, à Estrela, 96 (tel. 665196)

OLIVAIS-SUL

Simão, Rua Cidade de Coimbra, 16-A (junto da Piscina) (tel. 310581)

S. MAMEDE

Cunha, Rua Escola Politécnica, 16 (tel. 325455)

S. PAULO

Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (tel. 269120)

XABREGAS

Salter, Rua de Xabregas, 63 (tel. 381185)

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); Campos, R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Clabel, R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551)

DAMAIA

Confiança, Est. Militar, lote D (Tel. 9710231)

VENDA NOVA

Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161)

QUELUZ

Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); Correia, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906); Serra e Pinto, Av. António C. Sá, 50-E (Tel. 957619)

CACÉM

Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D

MEM MARTINS

Quimã, Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (Tel. 980456)

SINTRA

Marrazes, Estefânia (Tel. 2930058)

COLARES

Abreja (Tel. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 2113953)

CARCAVELOS

Central, Toda a noite

PAÇO DE ARCOS

Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147). Até às 22 horas

OELAS

Oelras, Henrique Paiva Couceiro (Tel. 240485). Toda a noite

PAREDE

Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054). Até às 24 horas

S. PEDRO DO ESTORIL

S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (Tel. 263052). Toda a noite

MONTE ESTORIL

Lopes, R. Hangar, 3 (Tel. 260008). Até às 22 horas

CASCAIS

A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214). Até às 22 horas; Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS

Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020)

ALMADA

Central, R. de Oliveira, 11-B (Tel. 2750504)

BAIXA DA BANHEIRA

Aliança, Est. Nacional, 178-B (Tel. 204302)

BARREIRO

Pimenta, R. Cons. António Augusto de Aguiar (Tel. 2073443)

COVA DA PIEDADE

Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2494182)

MOITA

União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTUJO

Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370)

SESIMBRA

Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)

SETUBAL

Rosado Pinto, P. do Bocage (Tel. 22484); Nova, R. General Gomes Freire (Tel. 22052)

SEIXAL

Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

TURNO 3

ATÉ ÀS 22 HORAS

Pasteira, Rua Andre de Rezende, 92; Almeida Cunha, Rua Formosa, 327; Contumil, Rua de Contumil, 540; Sampaio, Rua de Cedofeita, 636; Vaz Teixeira, Rua do Heroísmo, 56; Birra, Praça da Liberdade, 125; Costa Lima, Avenida da Boavista, 855; Marques de Mendonça, Rua do Ameal, 251; Monte Cativo, Rua do Monte Cativo, 444; São Jerónimo, Rua de Santos Pousada, 622; Cardona dos Santos, Rua de D. Manuel II, 90 e Oriental, Rua do Bonjardim, 727

A PARTIR DAS 22 HORAS

Pasteira, Rua Andre de Rezende, 92; Almeida Cunha, Rua Formosa, 327; Sampaio, Rua de Cedofeita, 636 e São Jerónimo, Rua de Santos Pousada, 622

COIMBRA

Silva Soares, R. Mouzinho de Albuquerque, 28 (T. 71454); Vilaca, R. Ferreira Borges, 132 (T. 22043); Cruz e Costa, R. António de Vasconcelos, 71 (T. 22715)

cinemas

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

UM DIA DE SOL

Um filme de Joseph Sargent

5.ª Semana

Uma historia de Amor... hoje para si que é jovem

APOLO 70

T. 763319 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

ACONTECEU NO OESTE

Com Claudia Cardinale, Henry Fonda e Charles Bronson

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

OBRIGADO... AVÓ!

5.ª Semana

A iniciação de um adolescente

PATHE

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Para todos

UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

A aventura além da imaginação

ALVALADE

T. 897480 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

SENHORAS E CAVALHEIROS

Com Verna Lisi e Gastone Moschin

NIMAS

T. 574362 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Int. a menores de 18 anos

PÂNICO

EM NEEDLE PARK

O problema da droga num filme de Jerry Schatzberg

C/ Al Pacino e Kitti Winn

Prod. Dominick Dunne

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A maior opera-rock de sempre!

TOMMY

Com Roger Daltrey, Elton John e The Who

D. JOÃO V

T. 971794 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

VIRILIDADE

UNIVERSAL

T. 774402 As 15.00, 17.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

SAL DA TERRA

As 17.00 e 23.00

Linha Geral

de Eisenstein

IMPÉRIO

T. 555134 Estreia as 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Lando Buzzanca e Rossana Rossanda em

CASAMENTO DO PADRE

Um filme de Bruce Lee

EDEN

T. 320765 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Int. a menores de 18 anos

A FÚRIA DO DRAGÃO

Um filme de Bruce Lee

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30 e 21.15

Para todos

UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

Uma aventura para além da imaginação

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

UM FILME DOCE

de Susan Makaveju

Em 3.ª semana

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

TARAS BULBA

T. 865037 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Int. a menores de 18 anos

AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO

MUITO ACOLHEDOR

Contém cenas eventualmente chocantes

ROMA

T. 727778 As 21.15 Estreia

Para todos M/6 anos

OS MALUCOS VÃO À GUERRA

Contém cenas eventualmente chocantes

VOX

T. 720808 14.15, 16.30, 19.00, 21.30, 24

Interdito a menores de 18 anos

AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO

ACOLHEDOR

Contém cenas eventualmente chocantes

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos M/6 anos

Walt Disney productions

UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

A aventura para além da imaginação

CONDES

T. 322523 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

Para todos

Em frente... RIR

SIM, SIM, MEU CORONEL

C/ Jacques Dufilho e Aldo Maccione

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Int. a menores de 18 anos

Em 3.ª semana de sensações

(colorido)

A comédia de sexo e de pecado a solta

COMO CAÇAR UM MARIDO

Contém cenas eventualmente chocantes

Um festival malandricas «secretas»

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A obra-prima do humor heróico

TARZON, A VERGONHA DA SÉCULA

Um filme de Bruce Lee

Em 3.ª semana

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Burt Lancaster e



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 054311/23/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SOBRADO, 44
TELEF. 321154/5, 328271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

A gravata de seda

Deram-me vinte dias para pensar. Deram-me vinte dias para escrever. Deram-me vinte dias para medir. Deram-me vinte dias para meter a mão na consciência. Isto quer dizer que tive vinte dias para repensar, para reescrever ou, até, para me arrepender.

Vinte dias para escolher coieira, enquanto a TV punha gravata e convidava de novo o fadinho acompanhado à guitarra. Vinte dias para cortar o cabelo e pentear-me cuidadosamente, enquanto o Zeca Afonso passava de moda nas telefonias e se começavam a chamar contra-revolucionários aos oficiais da esquerda militar que haviam, entretanto, transposto as portas das prisões.

Tempo de mudança.
Deram-me vinte dias para

dizer ao leitor qualquer coisa sobre estes tempos de mudança e logo me apeteceu ler Camões e Antero e o António Aleixo, antes de dizer fosse o que fosse.

Cheguei ao fim destes vinte dias sem engraxar os sapatos, como habitualmente; sem colarinhos engomados e sem gravata de seda, como de costume; sem a impecabilidade do vinco das calças mas procurando manter-me de pé, como sempre.

E assim, igual a mim próprio, me limito a dizer ao leitor que, depois de muito pensar e repensar, nada tenho que me pese na consciência nem de que me arrependo.

Apenas terei que pensar mais e agir melhor.

MANUEL DE AZEVEDO

Na área de Lisboa

P.S. ocupa-se do Poder Popular

O Partido Socialista passará a ocupar-se dos problemas que dizem respeito às comissões de moradores e outras formas de poder popular — foi decidido num encontro dos representantes das secções da Área Urbana de Lisboa.

A reunião, promovida pela Comissão Executiva daquele Partido, teve lugar num dos hotéis da capital, no último sábado, tendo-se-lhe seguido uma conferência de imprensa no decorrer da qual foi exposta a forma como se processou o encontro. Os temas principais abordados pelos representantes das bases do P.S. foram: formação ideológica, organização interna, relações de trabalho e o funcionamento das comissões de moradores e das autarquias.

Sobre este ponto, os elementos que promoveram a conferência de imprensa (Nunes Pinhal, Santos e Castro, Manuel Mendes, Costa Moreira e Vítor Gonçalves) declararam aos jornalistas que «agora estão criadas as condições para os seus trabalhos de base, o Partido Socialista vai procurar ocupar-se dos «órgãos populares» que foram, na maioria, automeados». Chamaram a atenção para a diferença entre o resultado das eleições por sufrágio secreto e as eleições de braço levantado, que, na sua opinião, é, no primeiro caso, natural, e no segundo, «obedece quase sempre a ameaças de desemprego e outros meios de coacção». Vítor Gonçalves foi mais longe: «Só os golpistas podem defender o voto através do braço levantado, porque sabem que o voto secreto, verda-

deiramente democrático, lhes é desfavorável».

Após defenderem a ideia de que a maioria dos habitantes de Lisboa desconhece as colorações políticas dos elementos que integram as suas cm's e avivar os antecedentes e (eventuais) reflexos do «25 de Novembro», os seccionistas do Partido Socialista garantiram aos representantes da Informação que os militantes do P.S. estavam dispostos a baterem-se pelas liberdades democráticas e «pelos interesses da maioria do povo português».

Partidos em Belém

A hora da saída do nosso jornal o Presidente da República encontrava-se reunido, em Belém, com os representantes dos principais partidos políticos, sabendo-se que o P.C.P. estava representado por Octávio Pato e Sérgio Vilarigues, que Jorge Campinos, Lopes Cardoso e Manuel Alegre representavam o P.S. e que Sá Carneiro viera reforçar a representação do P.P.D., inicialmente encabeçado por Magalhães Mota e José Ferreira.

Embora não tenham sido prestadas quaisquer informações sobre os objectivos da reunião, presume-se que ela esteja relacionada com a revisão do Pacto M.F.A./Partidos, documento fundamental em que assentará a nova estrutura da interferência do M.F.A. na vida política do País.

Tenreiro fugiu: quem ajudou?

Henrique Tenreiro, que no próximo dia 18 vai fazer 75 anos, e estava gravemente doente do coração, depois de 20 meses de prisão na Trafaria e em Caxias, consegue fugir. Pistas há poucas ou nenhuma se exceptuarmos o comunicado do E.M.G.F.A. que informa lacónico: «Devido ao seu precário estado de saúde, clinicamente confirmado, foi autorizado o internamento em clínica particular do contra-almirante reformado Henrique dos Santos Tenreiro, que se encontrava detido, aguardando julgamento, no Forte de Caxias».

Ao sair da prisão para a clínica durante a noite de 12 do corrente, passou pela resi-

dência onde teve nova crise que interrompeu, a conselho médico, a continuação da transferência.

Essa oportunidade foi aproveitada pelo detido para se pôr em fuga. Foram tomadas já todas as medidas necessárias para a sua recaptura». E mais não diz o comunicado. Não diz qual a clínica particular, não informa qual o médico que aconselhou.

Sabemos que o seu médico de há muitos anos é o dr. Loureiro Abreu, que reside e tem consultório no Estoril, não prestando assistência em nenhuma clínica particular. Sabemos também que Tenreiro foi

assistido no Hospital prisaio de S. João de Deus em Caxias pelo cardiologista ali em serviço, o dr. João Pessoa Vasco de Araújo, residente em Cascais.

Registe-se que Henrique Tenreiro tinha uma casa em Lisboa onde se reunia com responsáveis do seu império de pesca, na Avenida Sidónio Pais, 20-1.º. A residência habitual seria no «chalet» Cruzeiro do Sul, sito em Cascais. Também estava (até 25 de Abril) sob a sua responsabilidade o forte de Gabarita, onde ainda se mantém como responsável pelas instalações um homem da sua confiança.

Conselho da Revolução reúne-se esta tarde

Reune-se hoje, às 17.30, o Conselho da Revolução. Embora a agenda da reunião não tenha sido revelada, pensa-se que os «conselheiros da revolução» discutirão a reestruturação daquele órgão do poder político-militar, sendo dada como certa a entrada do brigadeiro Pires Veloso, comandante da Região Militar do Norte para o C.R.

Entretanto, e desde as 10 horas da manhã, encontram-se reunidos em Belém, o presidente Costa Gomes, o Primeiro-Ministro Pinheiro de Azeve-

do e representantes dos três partidos do VI Governo. A revisão do Pacto M.F.A.-Partidos e a remodelação do Governo devem ser temas de discussão.

No que se refere à remodelação do VI Governo Provisório admite-se a possibilidade de transferência do eng. Walter Rosa (P.S.) para a pasta da Indústria, abandonada por Marques do Carmo uns dias antes do 25 de Novembro e a substituição daquele, pelo independente João Botequilha, nos Transportes. O preenchimento

das vagas deixadas em aberto pelos dissidentes do P.P.D. também deverá constar da agenda, falando-se do prof. Jorge Figueiredo Dias, para substituir Sá Borges, nos Assuntos Sociais e o dr. Sousa Franco para o lugar de Santos Silva, na Secretaria de Estado do Tesouro.

Por outro lado, o P.C.P., segundo noticiou a Emissora Nacional, teria consentido na substituição do secretário de Estado da Reestruturação Agrária, António Bica.

M.D.P. decide tarefas imediatas

Com a presença de delegações distritais de todo o País, realizou-se ontem, em Coimbra, um Encontro Nacional Extraordinário do Movimento Democrático Português (M.D.P. / C. D. E.), que aprovou as tarefas imediatas a levar a cabo pelos seus activistas.

Da análise então feita, da actual situação política, ressalta que «o movimento popular de massas, as classes trabalhadoras, combativas e organizadas, para combater o avanço das forças de direita, para impedir o perigo fascista, para defender e consolidar as conquistas dos trabalhadores».

Alerta o M. D. P. para o «for-

talecimento de sectores reacccionários, com a conquista de importantes posições no aparelho militar e nos órgãos de Informação», consequência dos acontecimentos de 25 de Novembro e da «alteração do quadro político em que se desenvolve o nosso processo revolucionário».

A linha de acção imediata aprovada neste encontro Nacional engloba os seguintes pontos: luta pela defesa das liberdades e das conquistas dos trabalhadores, solidariedade aos militares revolucionários presos, «defesa, reforço e alargamento das organizações unitárias de base», bem

como das ligas e cooperativas, realização de assembleias unitárias de pequenos e médios agricultores, «defesa intransigente das estruturas sindicais», «luta contra o congelamento da contratação colectiva», «luta por uma Informação livre, ao serviço da revolução».

O trabalho a desenvolver deve ter características unitárias, «combatendo o sectarismo, a provocação e o aventureirismo, mas combatendo também o demissionismo e o desânimo».

O plenário nacional de delegados, Congresso do M. D. P., ficou marcado para 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro próximos.

Mário Soares em Roma

"A Revolução não parou"

ROMA, 15 — (AN-SA/Anop/«D.L.») — «É errado afirmar que a revolução portuguesa parou» — afirmou o secretário geral do Partido Socialista, Mário Soares, discursando ontem em Roma no último dia dos trabalhos do congresso do Partido Socialista Italiano.

Mário Soares, que fez em Roma a primeira escala da sua viagem de trabalho que compreende, além de Itália, visitas

a França, Bélgica, Alemanha Federal, Suécia, Noruega e Inglaterra, declarou que existe um plano de reformas que o P. S. português leva para a frente, e um acordo com a esquerda, incluindo o Partido Comunista Português.

Segundo o líder do P. S. português, que agradeceu o apoio dos socialistas italianos ao seu Partido, a actual situação de Portugal resulta de terem sido

«as próprias unidades militares comunistas a perderem a sua operacionalidade». — Enquanto as «casernas vermelhas» discutiam em assembleias, dia e noite, nós pudemo-nos organizar com os poucos sectores de que dispunhamos — disse.

De acordo com as suas declarações, estão criadas condições para «fazer de Portugal um país socialista democrático que viva na liberdade».

Trabalhadores de livrarias em greve

Trabalhadores das livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra e de outros pontos do País entram hoje em greve. A greve foi decidida em plenário geral de trabalhadores do sector e explica-se na falta de cumprimento do Contrato Colectivo de Trabalho por parte de diversas entidades patronais.

Recorda-se que o C.C.T. saiu já com a assinatura do VI Governo Provisório e que,

entre os editores que se recusam a cumpri-lo, contam-se a Europa América, Verbo, Livros do Brasil, Centro do Livro Brasileiro. Só em Lisboa, são em número de 12 as empresas que se recusam a pagar de acordo com o Contrato Colectivo. Todavia, são de Coimbra e do Porto a maior parte das empresas que contestam o C.C.T.

Entretanto, é conhecida a posição do Ministério do Tra-

balho: «O contrato é para ser cumprido».

A greve agora desencadeada e que poderá prolongar-se até 4.ª-feira, surge no prosseguimento de uma paralisação simbólica de duas horas (entre as 16 e as 18) na última quinta-feira.

No próximo dia 17 os trabalhadores decidirão, em novo plenário, novas formas de luta a adoptar.

3 tome

À ESPERA DE EMBAIXADOR

Dificuldades na escolha de um embaixador de Portugal para Moçambique que logre a aprovação da Freli-mo e do Governo de Lourenço Marques, levaram a que Lisboa tenha decidido protelar, por algum tempo, a nomeação de um substituto para o dr. Almerindo de Almeida, retirado daquele posto na sequência de conflitos surgidos com elementos da Embaixada e os quais levaram à expulsão de território moçambicano de três funcionários do corpo diplomático português.

Para já o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal optou pela nomeação de um cônsul-geral, tendo sido escolhido o dr. José Vieira Branco, até há cerca de um mês membro do Gabinete do Presidente da República e actualmente, prestando serviço nas Necessidades.

NOBRE GUEDES

O dr. Filipe Nobre Guedes, ex-presidente do conselho de administração do Banco do Alentejo, hoje refugiado no Brasil, está impedido, desde o passado dia 2 de vender ou onerar por qualquer modo os seus bens imóveis.

Trata-se de uma decisão do ministro das Finanças, dr. Salgado Zenha, consubstanciada no despacho ministerial de 14 de Novembro, publicada no «Diário do Governo», n.º 278, I série.

Anuladas eleições em Letras

As eleições para o Conselho Directivo da Faculdade de Letras de Lisboa foram anuladas por falta de número mínimo de votantes para ser considerado válido (30 por cento).

Numa população superior a 6000 alunos, funcionários e docentes, apenas houve 1199 votantes o que a nível de percentagens não ultrapassa os 17,6 por cento.

Recorda-se que às eleições concorria uma lista única e espírito unitário constituiu pelos professores Piteira Santos, Rita Iriarte, José Barreira Moura, Maria José Trindade Manuel Martins, Isabel Rocha, Viegas Carneiro; pelos alunos, Maria de Lurdes Marti, António Caetano, Isabel Cláudio Rosmaninho, Raquel Lourenço; e pelos funcionários Rosa Saraiva, Mário Varela, Cândida Marmelo e Joaquim Vaz.

Militares voltam de Ataúro

Regressaram hoje a Lisboa os militares portugueses da guarnição de Ataúro, última posição ocupada por Portugal na ex-colónia de Timor.

Entretanto, ao largo de Timor-Leste, permanecem ainda, em missão de soberania, as corvetas Afonso Cerqueira e João Roby, a bordo das quais se encontram alguns elementos do Exército pertencentes aos efectivos do Comando-Chefe das Forças Armadas de Timor.

COZINHA VELHA

QUELUZ — TEL. 950232

DIA DE NATAL — ALMOÇOS E JANTARES COM EMENTA ESPECIAL

Atendendo às inúmeras marcações já confirmadas agradecemos aos nossos Ex.ºs Clientes a urgência para as suas reservas.